

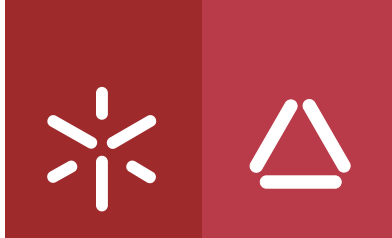


Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Paulo Jorge Almeida Falcão Alves

**Os Seniores e as Sociedades em Rede.
Um estudo sobre a Exclusão Social na
Terceira Idade**

abril de 2015



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Paulo Jorge Almeida Falcão Alves

**Os Seniores e as Sociedades em Rede.
Um estudo sobre a Exclusão Social na
Terceira Idade**

Tese de Doutoramento em Ciências da Comunicação
Especialidade em Sociologia da Comunicação e Informação

Trabalho realizado sob a orientação da
Professora Doutora Rosa Cabecinhas

DECLARAÇÃO

Nome: Paulo Jorge de Almeida Falcão Alves

Endereço Eletrónico: paulofalcao@img.pt

Título Dissertação: Os Seniores e as Sociedades em Rede. Um estudo sobre a Exclusão Social na Terceira Idade

Orientadora: Professora Doutora Rosa Cabecinhas

Ano de conclusão: 2014

Ramo de conhecimento do Doutoramento: Ciências da Comunicação – Sociologia da Comunicação e Informação

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO PARCIAL DESTA TESE/TRABALHO, APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE.

Universidade do Minho, 21 de abril de 2014.

Assinatura:



DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração da presente tese. Confirmando que em todo o trabalho conducente à sua elaboração não recorri à prática de plágio ou a qualquer forma de falsificação de resultados.

Mais declaro que tomei conhecimento integral do Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

Universidade do Minho, 21 de Abril de 2015

Nome completo: Paulo Jorge de Almeida Falcão Alves

Assinatura:

A handwritten signature in black ink, written in a cursive style, that reads "Paulo Jorge de Almeida Falcão Alves". The signature is positioned to the right of the word "Assinatura:".

AGRADECIMENTOS

Começo por agradecer a todos aqueles que ao longo deste período de pesquisa e reflexão puderam partilhar comigo as dúvidas e inquietudes, fruto da experiência que é realizar uma tese de doutoramento - em especial ao amigo Paulo Lepetri.

Gostaria também de agradecer aos Professores Moisés Martins, Manuel Pinto, António Fidalgo, Rosa Cabecinhas e Helena Sousa por elevarem ao mais alto nível o saber académico nas suas variadas áreas de conhecimento.

Um agradecimento especial à minha orientadora, a Professora Rosa Cabecinhas, por todo o apoio e orientação ao longo destes quatro anos.

Aproveito também para agradecer à Universidade Sénior de Famalicão pela disponibilidade e amabilidade demonstrada ao longo do estudo de campo.

Por fim, agradeço a toda a minha família, em especial à minha mulher Susana e à minha filha Rita, por todo o apoio, inspiração e carinho dado ao longo da vida.

RESUMO

Uma das realidades prementes do mundo contemporâneo tem a ver com o envelhecimento global. A par deste envelhecimento generalizado da população, a taxa de natalidade também tem vindo a diminuir, alterando significativamente a demografia das sociedades contemporâneas. Outro fenómeno que tem vindo a aumentar de forma exponencial, e que cada vez vai ganhando mais protagonismo no seio das relações sociais, é a Internet. Embora o acesso a este novo meio de comunicação seja transversal a todas as faixas etárias, a participação por parte de indivíduos com 60 ou mais anos apenas se tem acentuado de forma significativa nos últimos anos.

Alguns estudos realizados sobre os efeitos da Internet nas sociedades contemporâneas indicam que os seus utilizadores revelam uma maior satisfação no seu dia-a-dia, muitas vezes associada a uma interação social mais intensa com a família e amigos. Por outro lado, outros estudos associam esse uso a uma descida no nível de comunicação com os membros da família provocando um aumento da depressão e solidão, afetando negativamente a sociabilidade *offline*. Neste sentido, o conjunto de dados disponíveis até à data não sustenta a tese de que a utilização da Internet possa conduzir a um maior ou menor isolamento social na terceira idade, havendo sim alguns indícios que, em determinadas circunstâncias, possa agir como substituto de certas atividades sociais.

Embora os resultados obtidos pareçam indicar sinais de menor exclusão social nos seniores que utilizam da Internet, os mesmos dados parecem também revelar que indicadores como o rendimento e as habilitações podem estar a influenciar esses mesmos resultados, podendo assim indicar que o uso da Internet, na terceira idade, poderá ainda não estar devidamente democratizado.

ABSTRACT

One of the current realities in contemporary societies lies in the global aging of population. Alongside this overall aging of society, we have also been witnessing a decline in the birth rate that significantly changes the demographics of contemporary societies. Another phenomenon that has also been increasing exponentially, and that is gaining more prominence within the social relations is the Internet. However, although the adherence to this new media occurs in all age groups, the access by individuals over 60 years has only become more acute in recent years.

Some studies on the effects of the Internet in contemporary societies indicate that their users show a higher satisfaction in their day -to-day life, often associated with a more intense social interaction with family and friends. On the other hand, other studies associate this use to a fall in the level of communication with family members, causing an increase of depression and loneliness, affecting negatively offline sociability. Given this dichotomy, we can conclude that the data available does not support the thesis that Internet use leads to a more or less social isolation in the third age, but evidence that, in certain circumstances, can act as a substitute for certain social activities.

Although the results seem to indicate signs of lower social exclusion in the seniors that use the Internet, the same data also seem to show that indicators, such as income and qualifications, may be influencing such outcomes, what may indicate that the use of the Internet in the third age, maybe not be yet fully democratized.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	17
------------------	----

Parte I - PROBLEMÁTICA E ENQUADRAMENTO TEÓRICO

CAPÍTULO I - Abordagem teórica ao tema

1.1 Pertinência e justificação do tema	25
1.2 Problemática da investigação	29

CAPÍTULO II - Envelhecimento e terceira idade em Portugal

2.1 Conceitos e paradoxos sociais	31
2.2 Estereótipos da idade e questões de género	36
2.3 Dados e estatísticas	44
2.4 Políticas de Intervenção.....	50
SÍNTESE.....	54

CAPÍTULO III - Pobreza e exclusão social na terceira idade

3.1 Conceito(s) de Pobreza.....	57
3.2 Exclusão Social	60
3.2.1 Indicadores de exclusão social	66
3.3 A exclusão social em Portugal e na Europa	68
3.4 Estratégias nacionais e internacionais de combate à exclusão social	72
SÍNTESE.....	76

CAPÍTULO IV - Sociedade e tecnologia: relações e conflitos

4.1 O surgimento da Internet.....	79
4.2 Os meios de comunicação social.....	82
4.2.1 Cultura de massa e ideologia dos <i>media</i>	89
4.2.2 Metamorfoses pós-modernas	93
4.3 Sociedade digital	101
4.3.1 Impactos sociais: novos hábitos e comportamentos.....	104
4.4 O ensino sénior em Portugal.....	110
SÍNTESE.....	113

Parte II - INVESTIGAÇÃO EMPÍRICA

CAPÍTULO V - Conceptualização da investigação

5.1 Metodologia	117
5.2 Caracterização da amostra.....	120
5.3 Formulação de hipóteses.....	121
5.4 Obstáculos e dificuldades	125

CAPÍTULO VI - Instrumentos de recolha de dados

Introdução	127
6.1 Estudo etnográfico	128
6.1.1 Conclusões do estudo etnográfico	131
6.2 Inquérito por entrevista semiestruturada.....	134
6.2.1 Conclusões do inquérito por entrevista semiestruturada	136
6.3 Inquérito por questionário.....	138
6.3.1 Análise estatística descritiva do inquérito por questionário	140

CAPÍTULO VII - Validação dos instrumentos

Introdução	147
7.1 Validação da escala.....	148
7.2 Análise de resposta aos itens.....	153
7.3 Estudo da dimensionalidade da escala	156
7.4 Estudo da consistência interna	161
7.5 Análise descritiva da escala	169

CAPÍTULO VIII - Análise e discussão de resultados

8.1 Correlações sociodemográficas da amostra com o domínio social e simbólico (n=106).....	173
8.2 Correlações entre os seniores utilizadores da Internet (n=64)	177
8.3 Correlações entre os seniores não utilizadores da Internet (n=42)	180
8.4 Correlações entre os hábitos de utilização da Internet (n=64)	185
8.5 Verificação das hipóteses.....	192

CONSIDERAÇÕES FINAIS	195
----------------------------	-----

BIBLIOGRAFIA	201
--------------------	-----

ANEXOS

Anexo 1 - GUIÃO DAS ENTREVISTAS	223
Anexo 2 - QUESTIONÁRIO	227

LISTA DE SIGLAS

AEEASG - Ano Europeu do Envelhecimento Ativo e da Solidariedade entre Gerações

ACP - Análise em Componentes Principais

ARPA - *Advanced Research Projects Agency*

ASP - *Active Server Pages*

CNNIC - *China Internet Network Information Center*

DGEEP - Direção Geral de Estudos, Estatísticas e Planeamento

EAPN - *European Anty Poverty Network*

HTML - *HyperText Markup Language*

HTTP - *Hypertext Transfer Protocol*

INE - Instituto Nacional de Estatística

IM - *Instant Messaging*

IPO - *Inicial Public Offer*

ISP - *Internet Service Provider*

ISS - Instituto da Segurança Social

Lini - *Lisbon Internet and Network Institute*

NSF - *National Science Foundation*

OMS - Organização Mundial de Saúde

ONU - Organização das Nações Unidas

RDH - Relatório para o Desenvolvimento Humano

RUTIS - Redes de Universidades da Terceira Idade

SPSS - *Statistical Package for Social Sciences*

TIC - Tecnologias de Informação e Comunicação

TCP/IP - *Transmission Control Protocol / Internet Protocol*

UCLA - *University of California and Los Angeles*

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

USF - Universidade Sénior de Famalicão

UTIS - Universidades de Terceira Idade

WHO - *World Health Organization*

WIP - *World Internet International Report*

TABELAS

I – Frequência resposta aos itens sociodemográficos (n=106)

Tabela 1 - Sexo.....	234
Tabela 2 - Região.....	234
Tabela 3 - Idade.....	235
Tabela 4 - Agregado familiar.....	235
Tabela 5 - Aposentação.....	235
Tabela 6 - Escolaridade.....	236
Tabela 7 - Rendimento.....	236

II – Frequência de resposta aos itens referentes ao domínio social e simbólico (n=106)

Tabela 8 - Ir ao cinema, teatro, exposições de arte ou visita museus.....	237
Tabela 9 - Praticar desporto.....	237
Tabela 10 - Participar em ações de voluntariado.....	238
Tabela 11 - Visitar ou ser visitado por familiares ou amigos.....	238
Tabela 12 - Ler jornais.....	239
Tabela 13 - Ler livros.....	239
Tabela 14 - Assistir a debates políticos.....	240
Tabela 15 - Estar informado acerca da política Internacional.....	240
Tabela 16 - Participar em ações de protesto ou petições.....	241
Tabela 17 - Sentir-se privado.....	241
Tabela 18 - Sentir-se rejeitado.....	242
Tabela 19 - Sentir-se só.....	242
Tabela 20 - Sentir-se bem consigo próprio.....	243
Tabela 21 - Sentir-se satisfeito com a vida.....	243
Tabela 22 - Sentir-se limitado por razões de saúde.....	244
Tabela 23 - Ter dificuldades em encontrar/ter acesso aquilo que procura.....	244

III – Frequência de resposta aos itens referentes aos hábitos de utilização da Internet (n=64)

Tabela 24 - Anos que utilizam Internet.....	245
Tabela 25 - Horas gastas por semana na Internet.....	245
Tabela 26 - Como acedem à Internet.....	246

Tabela 27 – Frequência de utilização das redes sociais	246
Tabela 28 - Enviar e receber <i>e-mails</i>	246
Tabela 29 - Participar em <i>chats</i>	247
Tabela 30 - Inserir conteúdos em <i>blogs</i> , sites ou redes sociais	247
Tabela 31 - Comparar preços na Internet	248
Tabela 32 - Jogar na Internet	248
Tabela 33 - Pesquisar informação sobre saúde na Internet	248
Tabela 34 - Pesquisar informação religiosa na Internet	249
Tabela 35 - Pesquisar informação política na Internet	249
Tabela 36 - Pesquisar informação desportiva na Internet	249
Tabela 37 - Visitar sites com conteúdos para adultos.....	250
Tabela 38 - Pesquisar destinos de férias ou planeiar viagens na Internet.....	250
Tabela 39 - Pagar contas através da Internet.....	250
Tabela 40 - Adquirir bens ou serviços através da Internet	251
Tabela 41 - Pesquisar um facto político com mais detalhe na Internet	251
Tabela 42 - Pesquisar informação de cultura geral na Internet	251
Tabela 43 - Procurar relacionamentos amorosos na Internet	252

IV – Referências cruzadas dos dados sociodemográficos dos seniores que utilizam a Internet (n=64)

Tabela 44 - Género e idade	254
Tabela 45 - Rendimento e habilitações	254
Tabela 46 - Rendimento e anos de uso da Internet	254
Tabela 47 - Idade e anos de utilização da Internet	254
Tabela 48 - Idade e agregado familiar	255
Tabela 49 - Idade e horas gastas por semana na Internet.....	255
Tabela 50 - Anos de uso da Internet e habilitações	256

V – Referências cruzadas entre os dados sociodemográficos e os hábitos de utilização da Internet (n=64)

Tabela 51 - Género e o uso do <i>e-mail</i>	257
Tabela 52 - Género e o uso das redes sociais.....	257
Tabela 53 - Género e o uso de <i>chats</i>	257
Tabela 54 - Género e o hábito de inserir conteúdos em <i>blogs</i> , sites ou redes sociais	257

Tabela 55 - Aposentação e o hábito inserir conteúdos em <i>blogues</i> , sites ou redes sociais	258
Tabela 56 - Aposentação e o uso do <i>e-mail</i>	258
Tabela 57 - Aposentação e o uso das redes sociais	258
Tabela 58 - Horas de uso da Internet e o uso das redes sociais	259
Tabela 59 - Habilitações e o uso do <i>e-mail</i>	259
Tabela 60 - Habilitações e o uso das redes sociais	259
Tabela 61 - Rendimento e o uso do <i>e-mail</i>	260
Tabela 62 - Rendimento e o uso das redes sociais.....	260
Tabela 63 - Anos de uso da Internet e o uso do <i>e-mail</i>	260
Tabela 64 - Anos de uso da Internet e o uso das redes sociais.....	261
Tabela 65 - Agregado familiar e o hábito de inserir conteúdos em <i>blogues</i> , sites ou redes sociais.....	261
Tabela 66 - Género e o hábito de pagar contas através da Internet	261
Tabela 67 - Aposentação e o hábito de pagar contas via Internet	262
Tabela 68 - Aposentação e o hábito de adquirir bens ou serviços através de compras <i>online</i>	262
Tabela 69 - Habilitações e o hábito de adquirir bens ou serviços através de compras <i>online</i>	262
Tabela 70 - Anos de uso da Internet e o hábito de pagar contas via Internet	263
Tabela 71 - Género e a pesquisa de informação política <i>online</i>	263
Tabela 72 - Género e a pesquisa de um facto político mais detalhadamente	263
Tabela 73 - Habilitações e o hábito de pesquisar informação política na Internet.....	264
Tabela 74 - Habilitações e o hábito de pesquisar um facto político com mais detalhe na Internet	264
Tabela 75 - Anos de uso da Internet e o hábito de pesquisar um facto político mais detalhadamente	264
Tabela 76 - Horas de uso da Internet e o hábito de pesquisar um facto político mais detalhadamente.....	265
Tabela 77 - Aposentação e a pesquisa de factos políticos na Internet.....	265
Tabela 78 – Género e o hábito de pesquisar informação desportiva online.....	265
Tabela 79 - Aposentação e a pesquisa de informação política na Internet	265
Tabela 80 - Anos de utilização da Internet e o hábito de jogar <i>online</i>	266
Tabela 81 - Anos de utilização da Internet e o hábito de pesquisar informação sobre cultura geral	266
Tabela 82 - Anos de utilização da Internet e o hábito de pesquisar destinos de férias ou planejar viagens	266
Tabela 83 - Habilitações e o hábito de pesquisar informação sobre cultura geral.....	267
Tabela 84 - Horas gastas por semana na Internet e o hábito de pesquisa de informação sobre cultura geral	267
Tabela 85 - Género e a pesquisa de informação religiosa.....	267
Tabela 86 - Género e a pesquisa de informação sobre saúde	268
Tabela 87 - Anos de uso da Internet e o hábito de pesquisar informação sobre cultura geral	268
Tabela 88 - Género e o hábito de visitar sites com conteúdos para adultos	268

VI – Referências cruzadas entre dados sociodemográficos e o domínio social e simbólico (n=106)

Tabela 89 - Género e a ida ao cinema, teatro, exposições de arte ou visitar museus	269
Tabela 90 - Género e a participação em ações de voluntariado	269
Tabela 91 - Género e o hábito ler jornais	269
Tabela 92 - Género e o hábito de ler livros	270
Tabela 93 - Habilitações e o nível de solidão	270
Tabela 94 - Género e a sensação de bem estar com a vida	270
Tabela 95 - Idade e a sensação de se sentir bem consigo próprio	271
Tabela 96 - Habilitações e a sensação de se sentirem bem consigo próprio	271
Tabela 97 - Habilitações e a sensação de se sentirem satisfeitos com a vida	272
Tabela 98 - Rendimento e o sentimento de solidão	272
Tabela 99 - Rendimento e o sentir-se bem com a vida	272
Tabela 100 - Rendimento e o sentir-se bem consigo próprio	273

INTRODUÇÃO

Desde início do século XX que temos vindo a assistir a uma série de inovações tecnológicas que alteraram definitivamente a forma como hoje vivemos em sociedade. As sociedades modernas transformaram-se em sociedades de informação, altamente suportadas pela tecnologia em rede, provocando profundas transformações no seio das relações sociais. Através da disseminação da Internet em larga escala nos finais do século XX, as sociedades Ocidentais foram gradualmente assistindo a uma migração para o digital, ou seja, muito daquilo que anteriormente era feito de forma analógica passou a ser feito de forma digital. Com esta migração para o digital, as sociedades ganharam novas formas de comunicar, ao mesmo tempo que os indivíduos adquiriram novas competências, novos hábitos e novos comportamentos sociais.

Esta relação entre sociedade e tecnologia tem merecido especial atenção por parte da comunidade científica que, através das ciências sociais, tenta compreender e explicar epistemologicamente estas novas realidades, transversais a todas as faixas etárias. Uma dessas novas realidades prende-se exatamente com envelhecimento global da população e a sua inclusão nas novas sociedades de informação.

Segundo a ONU, em 2012, existiam aproximadamente 810 milhões de indivíduos com 60 ou mais anos, em 2050 prevê-se que esse número aumente para 2.000 milhões, superando pela primeira vez na história o número de jovens (ONU, 2012). Para além deste envelhecimento global da população, os seniores também estão a ficar mais saudáveis e a viver cada vez mais anos, estando a tornar-se mais ativos e influentes do que qualquer outra geração sénior na história da humanidade.

Esta nova geração de seniores está também a tornar-se na faixa etária com o crescimento mais elevado no que diz respeito à adesão de novos utilizadores à Internet – nos EUA, o número de novas adesões às redes sociais, por indivíduos com 65 ou mais anos, quadruplicou entre 2000 e 2010 (Zickuhr, 2010).

Pese embora o facto de o *e-mail* continuar a ser a ferramenta preferida pelos utilizadores da Internet, é através das redes sociais que muitas vezes esta comunicação é gerida - cerca de 34% dos seniores americanos utiliza as redes sociais (Zickuhr, 2010). Estes factos são ainda mais curiosos se tivermos em conta que nas sociedades Ocidentais é comum classificar os seniores de tecno-fóbicos. Contrariamente a esta ideia, alguns estudos indicam que os seniores mostram um grande entusiasmo no que diz respeito ao uso da Internet, particularmente no uso do *e-mail* e na pesquisa de informação (e.g. WIP, 2013).

No entanto, esse uso tende a diminuir com a idade. Segundo dados do Eurostat (2007), à medida que a idade avança, principalmente depois dos 75 anos, assiste-se a um declínio no acesso à Internet. Esta realidade deve-se, em grande parte, à perda das funções cognitivas e motoras que os seniores vão sofrendo ao longo dos anos, tornando-os assim mais suscetíveis de poderem vir a sofrer, com mais frequência, de uma doença crónica.

A perda gradual de saúde, também faz com que os seniores estejam mais recetivos em procurar um suporte de informação *online*, na esperança de obter mais informação sobre temas relacionados com a saúde (Lini, 2010). Embora a saúde seja um tema bastante pesquisado pelos seniores, as viagens são também algo que pesquisam com bastante regularidade. Segundo o Lini (2010), em Portugal, os seniores são a faixa etária que mais pesquisa informação sobre viagens na Internet.

Embora os seniores portugueses representem apenas 5,1% do total de utilizadores da Internet (Lini, 2010), esta percentagem no futuro, por tudo o que já foi dito anteriormente, irá seguramente aumentar, surgindo assim a necessidade da realização de estudos sobre este fenómeno, ajudando à criação de um ambiente favorável para uma presença cada vez mais sustentável dos seniores nesta nova sociedade em rede. Pese embora o facto de hoje essa realidade estar a mudar, o caminho a percorrer ainda nos parece longo.

Esta investigação tem assim dois objetivos principais. O primeiro objetivo assenta na análise dos hábitos de utilização da Internet dos seniores de modo a permitir uma comparação com dados publicados em estudos anteriores (e.g. Lini, 2010; Lebo, 2013), podendo assim revelar novas tendências associadas a essa utilização. O segundo e principal objetivo tem a ver

com o estudo da dimensionalidade da exclusão social através da interação dos seniores com a Internet, tentando verificar se essa interação pode de facto estar associada a fatores de inclusão social.

A motivação que nos leva a estudar este fenómeno prende-se exatamente com o aumento da população sénior e a sua crescente adesão a estas novas plataformas digitais. Devido ao facto dos seniores estarem a ser cada vez mais expostos a uma tecnologia que à partida não dominam poderá trazer consequências negativas nas suas vidas, como o isolamento. Parece-nos portanto um tema de extrema relevância para a atualidade, não só portuguesa mas também mundial, pois aborda um tema transversal a todas as sociedades.

Deste modo, iremos criar um instrumento de medida com vista a analisar o fenómeno da exclusão social através do estudo da dimensionalidade dos seus domínios e assim descrever as perspetivas daí emergentes. Tentaremos igualmente contribuir para uma melhoria nos procedimentos e *modus ope randi* de algumas atividades relacionadas com a aprendizagem e abordagem dos seniores às novas TIC, ajudando deste modo à criação e desenvolvimento de instrumentos e métodos de ensino que no futuro, de uma forma mais simples e eficaz, possam ajudar à inclusão dos seniores nesta nova era digital.

Esta dissertação está dividida em oito capítulos. O primeiro capítulo assenta na abordagem ao tema e à problemática que nos propomos analisar, justificando a pertinência e as motivações do estudo. Na discussão da problemática desta investigação, definimos os domínios da investigação e abordamos as principais perspetivas teóricas sobre o tema. São também referidos alguns dados referentes às alterações demográficas que se têm vindo a sentir em Portugal nos últimos anos e os efeitos que essas mesmas alterações estão a provocar na sociedade.

O segundo capítulo aborda conceitos e paradoxos sociais ligados à terceira idade. São levantadas questões acerca do processo de envelhecimento e das diferenças entre «*velhice*» e «*envelhecimento*», bem como a sua evolução através dos diversos estágios ou processos. Abordamos também os estereótipos do idoso e as questões de género ajudando a desconstruir algumas das representações sociais acerca dos seniores. Apresentamos também dados

estatísticos e projeções relacionadas com o fenómeno do envelhecimento da população portuguesa, onde são discutidas algumas políticas de intervenção implementadas no combate à exclusão social da terceira idade, nomeadamente no que diz respeito às iniciativas levadas a cabo pelo Ano Europeu do Envelhecimento Ativo e da Solidariedade entre as Gerações.

No terceiro capítulo debruçamo-nos sobre a problemática em torno do fenómeno da pobreza e da exclusão social, analisando o conceito de pobreza nas suas várias perspetivas. Relativamente ao fenómeno da exclusão social, começamos por traçar o seu percurso desde a sociologia clássica de Durkheim, Webber e Simmel, até à sociologia contemporânea de autores como Xiberras, Estivil ou Costa. Através da análise das suas várias dimensões e da clarificação de cada um dos seus domínios, iremos definir os vários indicadores escolhidos para esta investigação. Abordamos também o fenómeno da exclusão social em Portugal e na Europa, referindo algumas estratégias nacionais e internacionais usadas no combate a esta realidade, nomeadamente a *European Anti-Poverty Network* (EAPN), o plano *Europe 2020 – A strategy for Smart, Sustainable and Inclusive Growth* bem como os vários programas nacionais implementados em Portugal no apoio aos seniores.

O quarto capítulo é dedicado à relação entre a sociedade de informação e as tecnologias de informação e comunicação. Neste sentido começamos a nossa análise com a evolução dos meios de comunicação até ao surgimento da Internet e o seu enraizamento social e cultural testemunhado na primeira década do século XXI. Procuramos debater o fenómeno das sociedades em rede e os efeitos que a Internet está a provocar nas sociedades contemporâneas, nomeadamente ao nível da cultura, dos hábitos e dos comportamentos sociais. Por fim, abordamos o ensino sénior em Portugal onde clarificamos alguns aspetos relacionados com as Universidades Seniores e respetivas metodologias, referindo as suas principais valências e competências.

No quinto capítulo descrevemos a metodologia adotada para este estudo, descrevendo as várias etapas desta investigação e os métodos aplicados em cada uma delas. Apresentamos também as hipóteses colocadas no início desta investigação, justificando a sua pertinência com base em estudos anteriores. Abordamos também alguns obstáculos e dificuldades que

encontramos no decorrer desta investigação, nomeadamente no que diz respeito à aplicação da metodologia.

A descrição dos instrumentos utilizados na recolha de dados é apresentada no capítulo VI. Neste capítulo defendemos a escolha dos instrumentos de recolha de dados e a sua pertinência para este ensaio. Deste modo escolhemos como instrumentos de recolha de dados o estudo de campo, as entrevistas semiestruturadas e o questionário. Após a descrição dos objetivos de cada um destes instrumentos, apresentamos a metodologia aplicada em cada um deles e as respetivas conclusões.

O capítulo VII é dedicado à validação da escala de modo a conferir a fiabilidade desejada ao nosso constructo. Tal como foi referido anteriormente, este estudo servirá também para analisar algumas características referentes aos hábitos de utilização da Internet por parte dos seniores. Neste sentido, a primeira parte do questionário servirá para uma análise estatística acerca dos hábitos de utilização da Internet dos seniores. A segunda parte do questionário irá debruçar-se sobre a validação da escala referente aos hábitos sociais dos seniores utilizadores, e não utilizadores da Internet, de modo a verificar se esta possui ou não as qualidades psicométricas necessárias para esta investigação, ou seja, se encontramos alguma dimensão de exclusão social que possa ser medida quantitativamente.

Neste sentido começamos por criar um índice de domínios que nos irão permitir analisar os indicadores de exclusão social atribuindo a cada domínio os respetivos itens. Após a validação da escala, passamos à análise das respostas aos itens, onde iremos analisar as distribuições das frequências de resposta por item de modo a verificar a variabilidade de cada um deles. Relativamente ao estudo da dimensionalidade da escala começamos pela validação do constructo verificando assim se o questionário que aplicamos analisa realmente aquilo que pretendemos estudar. O passo seguinte será a análise factorial que nos irá permitir aferir os diferentes fatores/dimensões da escala. Por fim passamos à análise da consistência interna de cada uma dessas dimensões utilizando para o efeito o Alpha de *Cronbach*, para, no final, fazermos uma análise descritiva dos indicadores pertencentes a cada um dos domínios.

Após a validação dos nossos instrumentos passamos ao capítulo VIII que corresponde à

análise e discussão de resultados. Procedemos assim à análise das correlações entre as diversas variáveis do nosso estudo. No final, passamos às conclusões desta investigação.

Por fim, de referir que embora esta investigação assente numa amostra não probabilística, não se podendo portanto generalizar os resultados obtidos a toda a população sénior, tentaremos acima de tudo contribuir para o aumento do conhecimento científico nesta área, explorando em particular determinadas dimensões e levantando ao mesmo tempo questões que poderão ser utilizadas em futuras investigações.

Parte I
PROBLEMÁTICA E ENQUADRAMENTO TEÓRICO

CAPÍTULO I – Abordagem teórica ao tema

1.1. Pertinência e justificação do tema

Quando começamos a pensar num tema para uma tese de doutoramento, temos sempre em mente a pertinência e o interesse que esse estudo poderá vir a suscitar no seio da comunidade científica, pois o objetivo de qualquer investigador, para além de contribuir para o avanço do conhecimento científico, é também o de trazer para debate temas relevantes e do interesse público. Ora, um dos temas que merece a nossa especial atenção tem a ver com o envelhecimento global da população, nomeadamente da população portuguesa.

Para termos uma ideia sobre a forma como a nossa demografia se tem vindo a alterar nas últimas décadas analisemos os seguintes dados: i) em 1960 existiam 27 seniores por cada 100 jovens (0-14 anos), hoje, meio século depois, para cada 100 jovens existem 129 seniores (Pordata, 2012); ii) em 2001 Portugal tinha cerca de 300 idosos com 100 ou mais anos, em 2025 prevê-se que esse número ascenda aos 1.800 e, em 2050, atinja as 6.400 pessoas (AEEASG, 2012: 4); iii) há 50 anos atrás, o grupo etário dos jovens correspondia a cerca de 29% do total da população e os seniores apenas a 7.8%, em 2011 a percentagem de jovens diminuiu para cerca de 14% enquanto a população de seniores aumentou para 19%; iv) o índice sintético de fecundidade¹ é hoje 1,35 sendo que o número mínimo para a substituição de gerações seja 2,1 (Pordata, 2012); v) mais de 1,2 milhões de seniores vivem sozinhos ou na companhia de outros seniores, um fenómeno que aumentou 28% na última década, representando cerca de 60% da população idosa a viver nestas condições (INE, 2012).

¹ O índice Sintético de Fecundidade representa o número médio de crianças vivas nascidas por mulher em idade fértil (dos 15 aos 49 anos de idade), admitindo que as mulheres estariam submetidas às taxas de fecundidade observadas no momento. Valor resultante da soma das taxas de fecundidade por idades, ano a ano ou grupos quinquenais, entre os 15 e os 49 anos, observadas num determinado período (habitualmente um ano civil).

Outro tema que nos parece bastante relevante e que ligado a esta realidade pode trazer novas descobertas, tem a ver com o aumento do uso da Internet por parte dos indivíduos com 60 ou mais anos. O aumento do número de acessos à Internet por parte destes seniores leva-os a procurar locais onde possam adquirir conhecimentos acerca deste novo meio de comunicação, aumentando o seu interesse na aprendizagem das novas tecnologias de informação e comunicação (TIC), nomeadamente através do uso *e-mail*; da pesquisa de informação sobre viagens; na pesquisa de notícias; na consulta de livros; na pesquisa de informação sobre saúde e viagens; na consulta de dicionários (e.g. Wikipedia) e na pesquisa de informação sobre produtos específicos (Lini, 2010). Importa referir que os seniores ainda não aderiram em massa às redes sociais, revelando antes uma maior preferência pela consulta de blocos temáticos (Lini, 2010). Na verdade, em muitos dos casos, as redes sociais são utilizadas para manter o contacto com familiares e amigos distantes (Alves, 2013).

Contudo, muitos seniores ainda carecem de conhecimentos e meios que lhes permitam aceder a este novo mundo digital com a mesma frequência e facilidade dos jovens e adultos. Com o objetivo de ajudar estes seniores a familiarizarem-se com as novas TIC, surgem as aulas de informática nas Universidades Sénior ou Universidades da Terceira Idade (UTIS) com a finalidade de os ajudar a utilizar estas tecnologias de forma mais correta e acertada, possibilitando-lhes a aquisição de mais experiência e ajudando-os a ultrapassarem algumas barreiras, nomeadamente no que diz respeito à «*navegabilidade*» na Internet e ao uso de *softwares* específicos.

Neste campo em particular, as famílias têm um papel fundamental, pois são muitas vezes os filhos e os próprios netos a desempenhar um importante papel no acompanhamento e apoio a estes seniores no seu primeiro contacto com as TIC. Esta realidade pode representar a alavanca que os seniores necessitam para abraçar estas novas tecnologias, pois se os avós, a partir das experiências adquiridas ao longo da vida, sempre ensinaram os seus netos, hoje, poderão ser esses netos, os chamados «*digital natives*» (Prensky, 2001), a ensinar os seus avós a manusear estas novas ferramentas digitais, ajudando-os a familiarizarem-se de uma forma

mais natural e informal com a tecnologia, fazendo-os participar de uma forma mais ativa na sociedade, tornando-os assim em novos «*digital immigrants*» (Prensky, 2001).

No entanto, este ambiente não deve ser formado apenas pela via da autoaprendizagem, mas através de uma aprendizagem guiada e estruturada, que vá de encontro às características associadas a esta população em particular. Para além disso, esta aprendizagem em ambiente informal e familiar não anula a necessidade de se criarem plataformas de aprendizagem e de acompanhamento pedagógico, assentes em estudos devidamente credenciados e promovidos por profissionais devidamente qualificados.

Torna-se portanto necessária a criação de ambientes favoráveis para a inclusão dos seniores neste novo mundo digital, criando as condições necessárias para que possam beneficiar das capacidades que a Internet lhes oferece, ajudando deste modo a combater o fosso existente entre os seniores e as TIC, encorajando deste modo a sua participação no mundo digital (Dickinson e Dewsbury, 2006).

Com vista a combater o fenómeno da exclusão digital, a União Europeia tem vindo a desenvolver diversos esforços com intuito de quebrar barreiras que impeçam os seniores de abraçar esta sociedade da informação, promovendo deste modo a inclusão digital (Comissão Europeia, 2010), pois por detrás destes esforços reside a ideia de que o acesso à sociedade de informação tem um impacto significativo no bem-estar e na qualidade de vida destes seniores. Contudo, embora até ao momento nenhum estudo tenha comprovado efetivamente este cenário, as correntes progressistas ou liberais diriam efetivamente que as TIC, nomeadamente a Internet, ajudam os seniores a passar o tempo, a pesquisar informação, a comunicar e a relacionarem-se melhor com os seus familiares e amigos (e.g. Negroponte, 1995; Katz e Rice, 2002; Uslaner, 2004). Por outro lado, as correntes mais conservadoras chamam-nos a atenção de que, tal como acontece com outras faixas etárias, um uso excessivo da Internet pode levar os seniores ao isolamento, à depressão e até mesmo a uma «desvirtualização do real» (e.g. Kraut, 1995; Lyotard, 2003; Virilio, 2000; Turkle, 1995; Rheingold, 2000). Outro aspeto que importa uma vez mais referir prende-se com o facto da grande parte dos estudos e reflexões analisados até à data (e.g. Ito, 2009; Rheingold, 2002; Turkle, 1995), terem tido como objeto de estudo os jovens e

adultos. Só recentemente, após a adesão mais significativa dos seniores à Internet, é que estas questões começaram a ser levantadas em torno da chamada terceira idade.

É portanto nossa intenção, através desta investigação, tentar criar uma escala que permita verificar se a Internet pode ou não ser considerada uma ferramenta de combate à exclusão social na terceira idade, ajudando-nos assim a encontrar métodos e ferramentas que permitam aos seniores uma utilização mais adequada da tecnologia, permitindo-lhes desfrutar ao máximo as vantagens proporcionadas através da Internet combatendo assim a exclusão social na terceira idade.

1.2. Problemática da investigação

Quando abordamos uma questão ao nível do conhecimento científico, necessitamos sempre de uma abordagem teórica ao problema que nos propomos investigar - à sua problemática. Nesta investigação em particular, a nossa abordagem teórica incide sobre três áreas distintas: a Internet, os seniores e a exclusão social.

Relativamente à Internet, alguns autores defendem que esta prejudica o contacto social, isolando os indivíduos no seu próprio mundo, tornando-os mais solitários e individualistas (e.g. Rheingold, 2002; Nie e Erdring, 2002; Di Maggio, Hargittai, Neuman e Robinson, 2001; Bertman, 1998). Para esta corrente conservadora, a Internet apresenta sinais de alguma preocupação na medida em que se o seu uso não for «*domesticado*» poderá causar graves danos nas relações sociais. Há já algum tempo que vários investigadores chamam a atenção para o poder individualista da Internet, defendendo que a sua capacidade de personalização e individualização pode estar a criar ruturas sociais sem que disso nos apercebamos, pois as formas de distração que a tecnologia nos oferece são tantas e tão diversificadas, que muitas vezes nem damos conta dessas realidades (Turkle, 1995; Kherkove, 1995). Segundo esta corrente, as comunidades virtuais, ou redes sociais, ao possibilitarem a partilha e o entretenimento gratuito, permitirem também aos indivíduos a possibilidade de se desconectarem das suas famílias e amigos, tornando-os por vezes solitários e viciados na rede, levando-os a uma perda gradual da sua privacidade.

Contrariamente a estas perspetivas conservadoras, e partindo para uma visão mais liberal, alguns autores (Katz e Rice, 2002; Hampton e Wellman, 2003), defendem que o uso da Internet promove a participação da cidadania e a interação social na medida em que a Internet aumenta o contacto com os familiares e amigos, aproximando o indivíduo, quer das suas redes sociais mais próximas, quer das suas redes sociais mais distantes.

Deste modo, o conjunto de dados apresentados até à data não sustenta a tese de que uma maior utilização da Internet possa conduzir a uma maior ou menor interação social,

permitindo-nos antes concluir que *«existem indícios, que em determinadas circunstâncias, estas ações podem provocar ações tendencialmente propícias de agir como substituto de outras atividades sociais»* (Castells, 2004: 154).

Assim, se por um lado temos as teorias liberais ou progressistas, que pretendem produzir uma compreensão dos processos de comunicação de modo a resolver os problemas práticos da comunicação conferindo-lhe uma maior eficiência, por outro lado temos as teorias críticas ou conservadoras, que tentam expor os problemas subjacentes à prática dos meios de comunicação de massa e relacioná-los de forma mais profunda com questões sociais como a cultura ou a política (McQuail, 2003).

Devemos portanto analisar estes fenómenos colocando em confronto ambas as perspetivas, trazendo para o debate estudos e opiniões que nos ajudem a encontrar novas ferramentas epistemológicas para que possamos compreender melhor os efeitos que os novos meios de comunicação de massa, nomeadamente a Internet, estão a provocar nas sociedades contemporâneas, em especial na faixa etária acima dos 60 anos, ajudando assim a criar novas metodologias que ajudem os seniores a gerir melhor a sua relação com as TIC.

CAPÍTULO II - Envelhecimento e terceira idade em Portugal

2.1. Conceitos e paradoxos sociais

Deste a Antiguidade que as perceções sobre o conceito de «*velhice*» podem ser observadas². Contudo, é apenas no século XVII que aparece a primeira definição de «*velho*». Importa referir que esta definição já vinha conotada com uma diferença de género, ou seja, entre a «*velhice masculina*» e a «*velhice feminina*». Os «*homens velhos*» eram caracterizados por atributos de ordem moral e as «*mulheres velhas*» eram caracterizadas a partir de elementos exteriores associados ao aspeto físico como a postura do corpo (Silva, 2006), revelando desde logo a visão machista da época.

Entretanto no século XVIII aparece a primeira perceção positiva do conceito de «*velhice*» com contornos positivos que promovem a imagem do idoso como uma pessoa mais simpática, geralmente associada à sabedoria, ao respeito e à legitimação da autoridade. A imagem dos avós passa a ser aliada à responsabilidade na transmissão dos valores e experiências adquiridas ao longo da vida às gerações vindouras, ajudando-os assim a compreender melhor o mundo e as suas relações com os outros (Silva, 2006).

Por outro lado, o avanço da medicina também veio permitir que os seniores passassem a viver mais anos, fazendo com que a Igreja Católica viesse também a mudar sua visão sobre o fenómeno do envelhecimento, estipulando a «*velhice*» como um período da vida para ser vivido plenamente na Terra, em família e na companhia dos filhos. A par desta nova visão, no final do século XVII, surge o conceito de «*reforma*», formado através dos sistemas de capitalização

² «Na Grécia Antiga, Hipócrates associava a *velhice* ao Inverno e à idade a partir dos 56 anos, Aristóteles situava a *velhice* nos 50 anos e, mais tarde, Santo Agostinho, com base numa filosofia de vida fraccionada em seis partes afirmava que a *velhice* aparecia aos 60 anos. No século VI, Isadora de Sevilha, retoma este fracionamento e apresenta a idade da *velhice* como sendo aos 70 anos enquanto na mesma época, Filipe de Navarra afirmava ser a idade de 60 anos» (Bourdelaís, 1993 in Silva, 2006: 43).

económica, como as associações mutualistas e as caixas de seguros, derrubando assim perspectiva de decrepitude na velhice. Mais tarde, surge o conceito da «*velhice abandonada*», fruto da divisão do trabalho e da emergência do proletariado nos grandes aglomerados industriais, um conceito geralmente associado a indivíduos que, por não terem a capacidade de contribuir para a evolução da sociedade, eram colocados de parte como se de um «empecilho» se tratassem (Silva, 2006).

Em relação ao mercado de trabalho também se verificam alterações pois, pese embora no passado o trabalho fosse essencialmente manual, os mais velhos adquiriam o seu estatuto através da transmissão das técnicas e dos ofícios aos mais novos. Com a proliferação dos ecrãs digitais e o «*frenesim tecnológico*» que caracteriza as sociedades contemporâneas, os mais velhos foram perdendo cada vez mais o seu espaço de influência, não conseguindo acompanhar as inovações tecnológicas da mesma forma que os jovens e os adultos, tornando-se cada vez menos participantes, afastando-se do mercado de trabalho e aproximando-se da exclusão social. Como resposta a este afastamento, ou distanciamento social, surgem as associações filantrópicas, geralmente associadas à providência estatal, com o objetivo de dar apoio a pessoas mais frágeis como é o caso dos idosos (Silva, 2006).

O aumento da esperança de vida nos últimos anos também fez com que o processo de envelhecimento se tornasse mais extenso, fazendo assim emergir o termo «*quarta idade*» (Negreiros, 2004). A quarta idade é geralmente associada a indivíduos com mais de 75 anos, à partida «colada» a uma imagem de decadência e de perda das capacidades físicas e mentais. Esta nova categorização da idade aumenta a distinção entre os «*seniores novos*», geralmente com sessenta e setenta anos, saudáveis e com vidas ativas, e os «*seniores velhos*», com idades superiores aos oitenta anos, mais frágeis e dependentes. Paralelamente a esta nova categorização nasce também o conceito de idadismo ou etarismo, uma ideia ou uma atitude preconceituosa e discriminatória com base na idade, sobretudo em relação a pessoas mais velhas (Silva, 2006).

Outro termo utilizado para descrever este tipo de preconceitos é conhecido por *ageism*. *Ageism* tem paralelismos com outros tipos de discriminação, como o racismo ou sexismo na

medida em que corresponde a uma discriminação negativa em função da idade dos indivíduos. O termo *ageism* foi usado pela primeira vez pelo gerontologista Robert Butler (*in* Silva, 2006) para descrever a discriminação entre os seniores. Hoje em dia o termo é utilizado em qualquer tipo de discriminação baseada na idade, seja a crianças, jovens, adultos ou seniores.

As construções sociais da «*velhice*» tendem assim a valorizar os jovens em detrimento dos mais velhos, levando a que vários investigadores sociais (e.g. Pereirinha, 1999; Costa, 2008) sentissem a necessidade de se debruçarem mais sobre o fenómeno do «envelhecimento».

Neste sentido, «*envelhecimento*» pode ser considerado como um processo degenerativo de todos os seres vivos, que se inicia no dia em que nascemos e acaba no dia em que morremos. No entanto não devemos falar de «*velhice*» mas antes de «*velhices*», pois este processo difere de pessoa para pessoa, quer ao nível físico, quer ao nível psicológico (Fontaine, 2000).

Assim, e para que possamos compreender melhor este fenómeno, devemos em primeiro lugar olhar para o processo de envelhecimento como um processo biológico, um processo através do qual o nosso corpo vai apresentando ao longo dos anos sinais de envelhecimento, que vão desde a alteração do nosso aspeto físico, ao aparecimento de doenças crónicas como a demência.

O envelhecimento não é portanto um estado, mas antes um conjunto de processos progressivos e diferenciais que o nosso organismo vai sofrendo ao longo da sua fase de desenvolvimento - desde o primeiro momento em que nascemos que não paramos de envelhecer. A perceção desta realidade começa a ser mais evidente quando reparamos que o nosso corpo começa a apresentar sinais de maior debilidade física e mental. Com o decorrer do tempo, estes sinais começam a ser cada vez mais evidentes e assumem a sua total afirmação na idade da «*velhice*» ou na chamada «terceira idade».

Deste modo, o termo «*envelhecimento*» deve ser distinto do termo «*velhice*» pois enquanto o primeiro é um processo contínuo que se inicia desde o primeiro dia em que nascemos, o segundo já só diz respeito a uma fase da vida que é caracterizada por uma série de fatores que a distinguem das anteriores. Segundo a OMS (2012), a terceira idade tem início

entre os 60 e os 65 anos, contudo, esta é apenas uma idade instituída para efeitos de pesquisa, já que o processo de envelhecimento pode ser analisado segundo várias perspetivas.

Deste modo, Fontaine (2000) analisa o conceito de envelhecimento a partir de três perspetivas. A primeira perspetiva diz respeito ao envelhecimento biológico, ou seja, à incapacidade dos organismos multicelulares se renovarem aumentando a probabilidade do indivíduo morrer devido a uma qualquer doença crónica. Trata-se portanto de um processo de degradação progressiva e diferencial, visto não ocorrer da mesma forma em todos os organismos. A segunda perspetiva está ligada a fatores externos, fatores que muitas vezes não são controlados pelo indivíduo e que têm mais a ver com fatores históricos e sociais como a exclusão social ou a pobreza - fenómenos fortemente ligados à terceira idade. Por fim, a terceira perspetiva diz respeito «às *competências comportamentais que a pessoa pode mobilizar em resposta às mudanças do ambiente, incluindo as capacidades mnésicas (a memória), as capacidades intelectuais (a inteligência) e as motivações para o empreendimento*» (Fontaine, 2000: 25), ou seja, à capacidade do indivíduo em lidar com o mundo que o rodeia à medida que vai perdendo as suas capacidades de resposta em relação aos estímulos que entretanto lhe vão surgindo.

Podemos então considerar o envelhecimento como um processo biológico, psicológico e social em permanente e contínua evolução. No entanto, esta evolução não decorre da mesma maneira para todos os indivíduos, nem em todas as culturas. Do mesmo modo em que para alguns esta evolução pode significar um percurso calmo e tranquilo, para outros pode significar algo mais atribulado e doloroso. Enquanto para uns, a flacidez do corpo ou o aparecimento de rugas não representam um problema, para outros, estes fenómenos podem provocar estados psíquicos de negação e sofrimento. O próprio conceito de envelhecimento pode diferir de indivíduo para indivíduo, fazendo parte da forma única de como cada um se vê a si e aos outros.

Esta realidade também se reflete na forma como o conceito do envelhecimento é representado socialmente. Na verdade, o idoso é muitas vezes visto como alguém que está a chegar ao fim da vida, a quem apenas resta ir para um lar e acabar o resto dos seus dias a olhar para uma televisão.

Por outro lado, o processo de «envelhecimento» também pode ser visto sob duas formas ou processos: a senescência e a senilidade. A senescência é um fenómeno fisiológico e está ligada à idade cronológica. Trata-se portanto de um processo de envelhecimento normal, onde o nosso corpo vai envelhecendo de forma natural e sadia. A senilidade caracteriza-se pelo declínio físico associado à degeneração das capacidades do cérebro humano (Pikunas, 1979). Importa aqui referir que o passar da idade não implica obrigatoriamente uma diminuição da capacidade do nosso cérebro, já que a senilidade não aparece em todos os indivíduos com idades avançadas - o mesmo já não acontece com a memória, cuja degradação é inevitável com o avanço da idade. Na verdade, embora a vontade de aprender de um idoso possa ser igual ou superior à de um jovem, a forma como esse conhecimento é assimilado produz-se de forma diferenciada, pois as capacidades mnésicas dos jovens são superiores às dos seniores.

Assistimos portanto a uma mudança de paradigma onde o envelhecimento é visto muitas vezes como algo negativo, de alguém que já pouco tem para dar à sociedade, daqueles que já não conseguem acompanhar o «comboio da inovação tecnológica» e que por isso se isolam, negando a sua integração num mundo que dizem já não ser o seu. No entanto, por vezes é a própria sociedade que potencia esta representação negativa da «*velhice*», através do culto da juventude e da beleza tão evidentes nos meios de comunicação de massa, fruto de uma sociedade mercantilista onde o consumismo se tornou na sua maior fonte de sobrevivência.

Deste modo, para que se possa promover o envelhecimento saudável e sustentável, torna-se necessária uma intervenção social que tenha como missão educar as sociedades e os seus governantes a lidarem melhor com este fenómeno, de maneira a que possam ser implementadas medidas que ajudem o envelhecimento a tornar-se não num problema mas sim numa realidade saudável.

2.2. Estereótipos da idade e questões de género

Há medida que classificamos e ordenamos tudo aquilo que nos rodeia, sentimos a necessidade de categorizar o meio e tudo o que nos relaciona com ele, ajudando-nos assim a ter uma melhor visão do mundo. Tal como associamos objetos de acordo com os seus atributos, também tendemos a associar indivíduos com base nas suas características agrupando-os assim em categorias (Cuddy e Fiske, 2002). Estas categorias podem ser baseadas em características como o sexo, a “raça” ou a idade. Os estereótipos sociais correspondem a crenças sobre determinados grupos, aprendidas no decurso do processo de socialização. Trata-se portanto de estruturas cognitivas construídas através de crenças e expectativas que o ser humano vai criando ao longo da vida acerca das características dos membros de um determinado grupo social.

Lippman (1922) foi um dos primeiros autores a definir o conceito de esteótipo social. Para o autor, os estereótipos representam imagens mentais que o indivíduo cria do mundo à sua volta, formando-se a partir dos valores do próprio indivíduo e da sociedade onde está inserido, organizando e estruturando assim a realidade social (Lippmann, 1992 *in* Cabecinhas, 2002)

Ayesteran e Páez (1987) definem o estereótipo como uma representação social sobre os traços típicos de um determinado grupo, categoria ou classe social, criando uma perceção extremamente simplificada da realidade, que corresponde a uma generalização excessiva sobre as características dos membros desse grupo ou categoria social.

Por seu turno, Castro, Diaz e Veja (1999) referem que o ser humano recorre ao estereótipo devido à sua falta de capacidade em produzir constantemente perceções complexas sobre tudo o que o rodeia, tornando assim o seu pensamento menos flexível. Para solucionar este problema, o ser humano recorre aos estereótipos, facilitando assim uma interação mais rápida com o ambiente social.

Segundo a Teoria da Identidade Social (Tajfel, 1972 *in* Cabecinhas, 2002) os estereótipos têm as seguintes funções cognitivas e sociais:

«(...) ajudar a organizar e simplificar a informação social, isto é, ajudar na estruturação cognitiva do seu meio; servir como guia para a ação em circunstâncias apropriadas; proteger os valores do indivíduo; justificar as acções cometidas ou previstas contra determinado grupo; proporcionar uma diferenciação positiva do grupo de pertença, contribuindo assim para a construção de uma identidade social positiva elevando assim a auto-estima.»

(Cabecinhas, 2002: 3)

Deste modo podemos entender estereótipo como uma imagem mental, muito simplificada de uma dada categoria social, e que é partilhada por um grande número de pessoas numa sociedade. É uma opinião formada sobre um dado grupo e que pode ser de natureza positiva ou negativa. (Martins e Rodrigues, 2004).

Assim, e de modo a focar a nossa análise, centraremos a nossa atenção no estereótipo da idade e da velhice. Segundo Perry e Finkelstein (1999 *in* Kornadt *et al.*, 2011), a perceção da idade é mais ambígua do que a perceção da “raça” ou do sexo. De acordo com os autores, devido a características como a cor do cabelo ou a textura da pele, o estereótipo da «*velhice*» é mais facilmente reconhecido do que outras categorias etárias como o adolescente, o jovem ou o jovem adulto. Na verdade, ao observarmos um indivíduo de cabelo branco, com a cara e as mãos enrugadas, facilmente o associamos a uma pessoa idosa. Esta perceção «automática da velhice» revela que certos fatores contextuais podem ter um maior impacto na avaliação dos mais velhos em relação a outros grupos etários, mostrando deste modo que os estereótipos ligados à idade estão dependentes de contextos.

Porém, devido ao facto da maioria destes estereótipos não estar relacionada apenas a características específicas do envelhecimento, mas também a traços de personalidade e fatores socioeconómicos, pode levar, segundo Martins *et al.* (2004), a um excesso de simplificação da

realidade, ignorando por vezes certas características, minimizando assim diferenças individuais entre os membros de um determinado grupo. Um exemplo desta simplificação pode ser encontrado no estereótipo de que «*todos os idosos são solitários*», não tendo em consideração os seniores que têm uma vida social ativa. Aliás, os seniores socialmente ativos são muitas vezes considerados como tendo um comportamento social atípico para a sua faixa etária, sendo considerados como uma exceção.

Estas imagens mentais, simplificadas e estereotipadas sobre os seniores, são compartilhadas atualmente em todos os níveis e grupos sociais. Várias investigações acerca desta temática têm demonstrado que a distorção causada por certos estereótipos «*cegam*» os indivíduos, impedindo-os de se precaverem das diferenças que existem entre os vários membros, não lhe reconhecendo deste modo qualquer virtude, objeto ou qualidade. Os estereótipos podem assim tornar-se elementos impeditivos na procura de soluções precisas e de medidas adequadas, tornando-se urgente o combate a estas representações sociais de carácter discriminatório, levando os cidadãos a adotar medidas e comportamentos adequados face a esta realidade (Martins *et al.*, 2004).

Outros estudos também revelam que os estereótipos negativos em relação à idade são comuns à maioria das pessoas (Kite, Stockdale, Whitley, e Johnson, 2005 *in* Kornadt *et al.*, 2011) e que estas diferentes formas de discriminação estereotipada da idade estão enraizadas nas sociedades contemporâneas, onde a tendência seja associar cada vez mais a velhice à exploração cómica de aspetos físicos, cognitivos e de ineficiência sexual (Rothermund e Mayer, 2009 *in* Nelson, 2005).

Ainda segundo Martins *et al.* (2004), no «*mundo civilizado*» de hoje a velhice é tida como uma doença incurável, como um declínio inevitável, que está votado ao fracasso. Esta postura social atingiu tal dimensão, que Berger (1995 *in* Martins *et al.*, 2004: 250) chega mesmo a afirmar, que hoje abundam «*ideias feitas e preconceitos relativamente à velhice, os “velhos” de hoje, os “gastos”, os “enrugados” cometeram a asneira de envelhecer numa cultura que deifica a juventude*».

Por outro lado, outros ensaios referem que as crenças sobre os estereótipos dos idosos não são apenas negativas. Kite *et al.* (2005) sugerem que estas percepções da «velhice» e dos seniores são complexas e multidimensionais na medida em que o envelhecimento não é o único fator responsável por essas percepções, mas também o contexto social em que um indivíduo está inserido e a quantidade de informação que lhe é fornecida. São o conjunto de todos estes fatores que ajudam a determinar atitudes mais ou menos favoráveis para com as pessoas mais velhas.

Na verdade, ao interagimos com pessoas mais velhas, inferimos competências sociais e cognitivas de forma a conseguir uma melhor comunicação. A idade é provavelmente um dos primeiros factos observáveis quando comunicamos com alguém. A forma como falamos, o tom da nossa voz, a capacidade do recetor perceber o que dizemos, ajudam-nos a moldar o nosso comportamento de forma a comunicarmos melhor com quem está «do outro lado». Este comportamento advém da forma como criamos as nossas opiniões acerca da velhice e dos seniores, fruto dos conceitos e preconceitos que vamos criando ao longo da vida.

Num estudo realizado na Université de Montreal (*in* Martins *et al.*, 2004) foram identificados catorze estereótipos como os mais frequentes relativos aos seniores, nomeadamente: i) os seniores não são sociáveis e não gostam de se reunir; ii) divertem-se e gostam de rir; iii) temem o futuro; iv) gostam de jogar às cartas e outros jogos; v) gostam de conversar e contar as suas recordações; vi) gostam do apoio dos filhos; vii) são pessoas doentes que tomam muita medicação; viii) fazem raciocínios senis; ix) não se preocupam com a sua aparência; x) são muito religiosos e praticantes; xi) são muito sensíveis e inseguros; xii) não se interessam pela sexualidade; xiii) são frágeis para fazer exercício físico; xiv) na sua grande maioria são pobres.

Os estereótipos podem portanto assumir conotações positivas ou negativas, dependendo das características que lhe são atribuídas. Desta forma o estereótipo positivo é associado a características positivas de uma categoria em particular como a experiência, a sabedoria, ou a integridade (e.g. *todos os idosos são cuidadosos*). Já o estereótipo negativo atribui características negativas a uma determinada categoria como a fraqueza, a demência ou a dependência (e.g. *todos os idosos são doentes*) (Martins *et al.*, 2004).

A redução do *status* social do idoso também está ligada à forma como as sociedades se vão estruturando, pois há medida que os avanços tecnológicos criam novos empregos para os quais os seniores não estão preparados, estão a substituir a experiência adquirida pelas competências técnicas, levando assim à substituição gradual dos seniores no mercado de trabalho. A par desta realidade, os mais os jovens também vão enfraquecendo os laços que os unem aos seus avós pois cada vez estão mais ocupados no seu dia-a-dia, deixando progressivamente de consultar os seus avós pela sua experiência e sabedoria (Cuddy *et al.*, 2002).

Outro aspeto importante na interpretação entre as diferenças de contextos entre os estereótipos da idade tem a ver com as assimetrias de género (e.g. Antonucci, Blieszner e Denmark, 2010). O conceito de género surgiu nas ciências sociais em meados do século XX. Enquanto o “sexo” remete para a diferenciação biológica entre homem e mulher, o conceito de “género” remete para a construção social das «masculinidades» e «feminilidade».

Etimologicamente, a palavra «*sexo*» vem do latim «*secare*» que significa dividir, separar, cortar. Esta definição transporta-nos para a fábula do Banquete de Platão (2003) onde Deus, após criar o masculino, o feminino e o andrógino, repara nas demonstrações de arrogância e narcisismo deste último. Perante este comportamento, Deus decide cortar o andrógino em dois, para que ao apreciar a sua mutilação, pudesse contemplar a sua própria arrogância. Desde esse dia que cada uma das partes procura o seu complemento dando-se a este desejo o nome de «*amor*» elevando assim para uma definição mais lata do conceito de sexualidade (Negreiros, 2004).

O discurso sobre as diferenças sexuais terá surgido apenas com o nascimento da burguesia no mundo Ocidental. Até então os sexos eram concebidos de forma hierárquica, sendo o sexo masculino visto como regulador e figurado como perfeito. Foram precisos dois séculos para que esta visão se materializasse na sua plenitude. Os movimentos feministas tiveram o importante papel de trazer para debate questões relacionadas com a igualdade de direitos dos cidadãos, mudando aos poucos o modelo hierárquico que colocava o sexo no topo da hierarquia. Este foi um longo processo, com avanços e recuos, que apenas no século XX viria a dar os seus

verdadeiros frutos - um desses frutos foi a instituição do Ano Internacional da Mulher pela organização das Nações Unidas (ONU), colocando na agenda pública a temática das assimetrias de género (Cerqueira e Cabecinhas, 2012).

Assim, as primeiras definições de género definiam-no como um código de leitura do corpo, como algo que se faz constantemente na medida em que as formas de o reconhecer são partilhadas (Amâncio, 2003). O género diz então respeito à forma como somos diferenciados quer ao nível dos comportamentos, quer ao nível das relações sociais. Na verdade, desde a infância que somos educados socialmente para desenvolver comportamentos no sentido de diferenciar os papéis “*feminino*” e “*masculino*”. Alguns desses exemplos estão enraizados na própria cultura de onde emergem expressões como «*parece uma maria rapaz*» ou «*comporta-te como um homem*».

Os estudos de género analisam criticamente estas dicotomias entre homem e mulher, investigando a forma como estas relações são construídas e permanentemente recriadas. No entanto, embora a maioria dos estudos do género tenham sido na sua generalidade dedicados à infância e à adolescência, diminuindo na idade adulta, o envelhecimento da população veio «*obrigar*» a que se olhasse para o processo de envelhecimento de uma forma mais atenta levando a que também aqui se comesçassem a analisar as assimetrias de género. Embora se assista à emancipação das mulheres na sociedade, os conceitos enraizados nas sociedades ao longo dos tempos ainda fazem com que a imagem da mulher idosa seja associada a uma imagem mais frágil em relação ao homem idoso.

«Tanto que persiste um duplo padrão para o envelhecimento – os homens mais velhos, menos numerosos, são valorizados por suas conquistas no plano social e económico, enquanto a mulher mais velha, mesmo tendo ascendido a idênticas condições socioeconómicas, ainda é avaliada pela perda de seus «encantos naturais», como o brilho de seus olhos, o viço de sua pele, o contorno de seu rosto, a elegância de suas formas.»

(Negreiros, 2004: 82)

Na verdade, a imagem do idoso ainda é estigmatizada por uma série de estereótipos sociais - embora os homens mais velhos também sofram com este fenómeno, as mulheres mais velhas sofrem-no ainda mais.

Porém, a evolução das sociedades fez com que os papéis se alterassem, fazendo com que o homem deixasse de representar o papel de líder e a mulher idosa passasse a representar uma imagem de serenidade, de pilar familiar, tornando-se o centro do afeto, do aconchego dentro do lar. Alterando assim o paradigma da sociedade patriarcal, onde a mulher era geralmente vista como o elemento mais frágil do casal, limitando-se às tarefas domésticas e à educação dos filhos. Paralelamente a esta realidade, a mulher idosa passa também a ocupar papéis de destaque nas mais variadas áreas sociais que vão desde a cultura, passando pela arte e política. Os estudos de género ajudam-nos assim a entender melhor a sociedade onde vivemos ajudando-nos na compreensão das desigualdades económicas, políticas e sociais existentes entre homens e mulheres. Podemos então considerar o género como um constructo abstrato, baseado em categorizações do real baseado, na sua essência, em noções elementares de alteridade (Negreiros, 2004).

«As questões que permeiam a construção de género são forças que não estão presentes apenas no corpo, mas nas entranhas do pensar, do sentir, do olhar para o outro e para si mesmo/a, arraigados e produzidos a partir de uma ideologia, de relações desiguais de poder. Um traço da cultura dos grupos de terceira idade que pede para ser revelado, pois, caso não seja feito, corremos o risco de perceber estes processos como naturais.»

(Ploner, Sais e Strey, 2008)

Outro aspeto relevante incide nas questões demográficas. Há já algum tempo que a disparidade entre o número de homens e o número de mulheres tem vindo a ser observada através dos vários estudos demográficos sobre envelhecimento. Estas disparidades fizeram com que as mulheres passassem a existir em maior número na população mundial idosa - em 1980

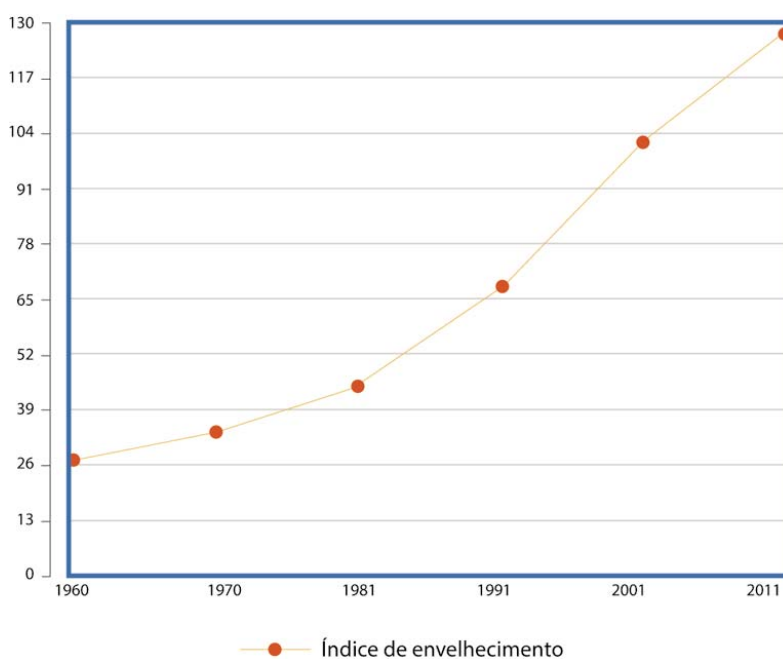
a proporção era de quatro mulheres idosas para cada três homens (Figueiredo, Tyrrel, Carvalho, Luz, Amorim e Loiola, 2007). Segundo o INE, em 2011, a população de indivíduos com idades superiores a 65 anos era constituída por 18.8% de homens e 21.3% de mulheres, representando cerca de 20% do total de população com mais de 65 anos (INE, 2011). Por outro lado o grupo constituído por indivíduos entre os 15 e os 24 anos apresenta apenas uma diferença de sete décimas revelando que à medida que a idade aumenta, a proporção de mulheres na população também aumenta.

Entre os vários estudos e pesquisas sobre as relações e as desigualdades existentes entre homens e mulheres, alguns temas atraíram o interesse da comunidade científica como os fenómenos relacionados com o trabalho feminino, a sexualidade, a violência, e, já no final do século XX, a participação da mulher na política. O envelhecimento da mulher tornou-se assim numa questão «*delicada*» dentro do fenómeno do envelhecimento global, mas são ainda escassos os estudos sobre as assimetrias de género na terceira idade.

2.3. Dados e estatísticas

O envelhecimento da população é um fenómeno que está a afetar as sociedades um pouco por todo o mundo. Instituições internacionais e governos preveem que o aumento constante da população idosa deverá ter um impacto profundo nas sociedades futuras. Segundo dados apresentados pela ONU (2012), em 2050, um em cada cinco indivíduos terá idade superior ou igual a 60 anos representando cerca de dois biliões – ou seja, 20% da população mundial. Este aumento da população sénior tem vindo a acentuar-se de forma significativa principalmente a partir da última década do século XX conforme se pode verificar na Figura 1.

Figura 1. Indicadores de envelhecimento – rácio %



Fonte: Pordata (INE, 2012)

Portugal é neste momento o quarto país da União Europeia com maior percentagem de idosos, logo a seguir à Itália, Alemanha e Grécia com 21%, 20.7% e 19.9% respetivamente. Cerca de 30% dos idosos portugueses vivem sozinhos e abaixo do limiar da pobreza, colocando Portugal no sétimo lugar de uma lista encabeçada pela Bulgária com 61.5% de idosos a viverem nestas condições – a média da União Europeia é de 23.6% (Observador, 2014).

A precariedade no trabalho é outro fenómeno que também se está a tornar preocupante. Os últimos dados indicam que 46.9% dos indivíduos com idades entre os 55 e os 64 anos se encontram desempregados, enquanto a maioria dos pensionistas da Segurança Social (77,9%) recebe pensões inferiores ao salário mínimo nacional (Observador, 2014).

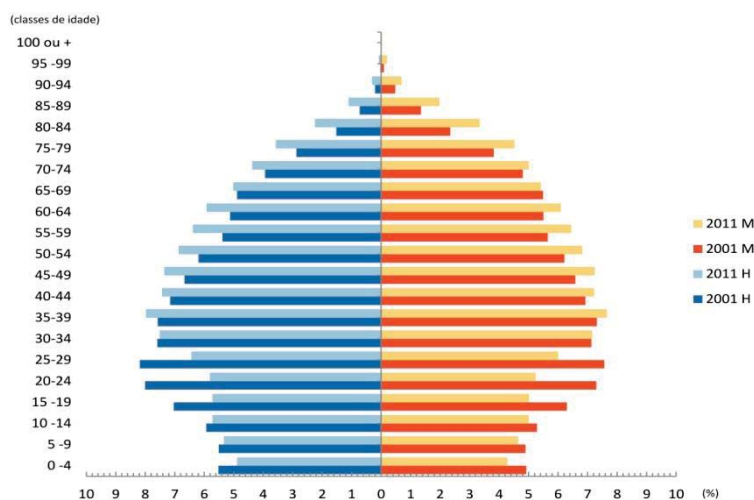
Para além do fenómeno do envelhecimento estar a avançar de forma galopante, surge também a questão da rapidez com que esse envelhecimento está a ser presenciado. Segundo o Relatório para o Desenvolvimento Humano de 2013 (RDH), as populações estão a envelhecer mais rapidamente do que no passado devido à diminuição das taxas de natalidade e ao aumento da esperança de vida. Neste estudo prevê-se que 89% dos países em desenvolvimento deverão chegar aos 14% de taxa de seniores nos próximos 30 anos, o que indica que as populações envelhecem mais rapidamente nos países em desenvolvimento. A única exceção é a China, onde se espera que leve 50 anos ou mais a atingir 14% do total de população idosa (Khalid, 2013). A Comissão Europeia também prevê que o número de seniores com 65 ou mais anos deva crescer 70% até 2050, enquanto as pessoas com 75 ou mais anos deverão aumentar cerca de 170% (Comissão Europeia, 2013).

Para além do aumento do número de pessoas idosas, as populações mais jovens (0-14 anos) também estão a diminuir. Assistimos portanto a um duplo envelhecimento da população, caracterizado pelo aumento da população idosa e pela diminuição da população mais jovem - em Portugal, apenas 15% da população pertence ao grupo etário mais jovem, ao contrário dos seniores que representam cerca de 19%. Há 30 anos atrás esta realidade era bastante diferente. O grupo etário dos mais jovens correspondia a cerca de 25% do total da população e os seniores apenas a 11,4% (INE, 2011). Atualmente, por cada criança com idade inferior a dez anos, existem cerca de dois idosos (Observador, 2014).

Também se olharmos para o índice de envelhecimento³ português em 2001, o seu valor era de 102, ou seja, por cada 100 jovens existiam 102 seniores. Em 2012 o mesmo índice de envelhecimento era de 129, o que significava que para cada 100 jovens existiam 129 seniores - um aumento de 26%, fazendo com que Portugal tenha hoje a população mais idosa de sempre da sua história (Pordata, 2012).

Estes desequilíbrios estão também claramente evidenciados na pirâmide etária da população portuguesa. Se olharmos para o topo da pirâmide, entre 2001 e 2011, assistimos ao aumento da população mais velha, enquanto na base assistimos à diminuição da população mais jovem - este fenómeno deve-se sobretudo ao aumento da esperança de vida e à diminuição da taxa de natalidade.

Figura 2 - Pirâmide etária por sexo e idade, 2001 e 2011.



Fonte: INE/CENSOS 2011

³. Índice de envelhecimento é a relação existente entre o número de seniores e a população jovem. É habitualmente expresso em número de residentes com 65 ou mais anos por 100 residentes com menos de 15 anos.

Este processo global de envelhecimento também está ligado a outros fatores como a diminuição do índice sintético de fecundidade e ao aumento do índice de longevidade⁴. Se olharmos para o índice de longevidade verificamos que em 2001 este valor era de 41% e em 2011 passou para 48%, ou seja, de todo o universo de seniores, 48% tem idade igual ou superior a 75 anos (Pordata, 2012), levando assim a um aumento do número de pessoas com 75 ou mais anos.

Paralelamente a esta realidade, as mulheres também se tornaram mais ativas e mais empreendedoras, adquirindo novas competências que lhes foram permitindo, ano após ano, ocupar um lugar de destaque cada vez maior na sociedade, substituindo a imagem da tradicional «*dona de casa*» pela imagem da mulher ativa e profissional. Perante este cenário, os projetos de família foram sendo adiados levando assim à diminuição da taxa de natalidade, em grande parte devido ao adiamento do casamento, e ao facto de estarem a nascer cada vez mais os filhos fora do casamento. Os divórcios também contribuíram para este fenómeno - em 2011, por cada 100 casamentos havia cerca de 74 divórcios (Pordata, 2012).

A emigração é outro fator que também está a contribuir para o aumento do índice de envelhecimento. Segundo o INE (2012), assistimos a uma diminuição significativa de nascimentos e ao aumento do número de emigrantes temporários e permanentes, que este ano contabilizou cerca de 121 mil, aumentando assim o número de nascimentos fora de Portugal.

Ainda segundo dados do INE (2011), na última década, a população portuguesa com idade superior a 69 anos aumentou 26% de forma transversal a todo o território nacional. O aumento da população idosa, que antigamente era um fenómeno localizado apenas no interior do país, passou também a ocorrer de forma generalizada em todo o país.

De salientar que as Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira são as que apresentam os menores índices de envelhecimento do país. Do lado oposto, as regiões do

⁴. Índice de longevidade é a relação entre a população mais idosa e a população idosa, definida habitualmente como o quociente entre o número de pessoas com 75 ou mais anos e o número de pessoas com 65 ou mais anos.

Alentejo e Centro são as mais envelhecidas, com uma percentagem da população com 65 anos ou mais anos a rondar os 24,3% e 22,5% respetivamente.

Por outro lado, as Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira são as que apresentam uma maior percentagem da população no grupo etário mais jovem (0-14), com 17,9% e 16,4% respetivamente, seguidas pelas regiões de Lisboa, Norte e Algarve com 15,5%, 15,1% e 14,9%.

Os resultados dos Censos de 2011 também revelam que mais de 1,2 milhões de seniores vivem sozinhos ou apenas na companhia de outros seniores. Em 2011, o INE contabilizou 2.023 milhões de seniores em Portugal, sendo que 60% viviam sozinhos ou na companhia de outros seniores (INE, 2011).

No que diz respeito à distribuição da população por sexo e por grupo etário, esta mantém-se semelhante à da última década. No entanto, é no grupo etário dos 65 ou mais anos que as mulheres são mais representativas, contabilizando 11% do total, comparativamente com os homens que representam apenas 8%. A preponderância da população feminina é assim reforçada à medida que a idade avança (INE, 2011).

Relativamente ao índice de dependência total⁵, os resultados dos Censos 2011 verificam que o esforço da sociedade sobre a população ativa se agravou na última década em 4% e a tendência é que continue a aumentar a menos que se verifique um aumento da taxa de natalidade (INE, 2011).

Outro dos problemas que se colocam com o envelhecimento da população tem a ver com a discrepância cada vez maior entre a população ativa e a população não ativa. De facto, se olharmos para o índice de sustentabilidade⁶, um indicador que possibilita uma avaliação sobre o esforço que a população de aposentados exerce sobre a população em idade ativa, verificamos

⁵. Índice de dependência total é a relação entre a população jovem e idosa e a população em idade ativa. Definido habitualmente como a relação entre a população com 0-14 anos conjuntamente com a população com 65 ou mais anos e a população com 15-64 anos.

⁶. Relação existente entre a população em idade ativa (população com 15-64 anos) e a população idosa (população com 65 ou mais anos).

que o valor apurado através dos Censos 2011 foi de 3,4, o que significa que há 3,4 indivíduos ativos por cada indivíduo com 65 ou mais anos – em 2001 este indicador era de 4,1.

As Regiões Autónomas aparecem de novo com os indicadores mais favoráveis. Na Região Autónoma dos Açores, o índice de sustentabilidade é de 5,2 e na Região Autónoma da Madeira é de 4,6. O Alentejo e o Centro apresentam os índices mais baixos, respetivamente 2,6 e 2,8 (INE, 2011).

Estes resultados refletem o perfil demográfico do nosso país, caracterizado por um aumento da população idosa e pela diminuição da população mais jovem, derivado sobretudo pela diminuição da natalidade e pelo aumento da esperança de vida. As Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira são as regiões com a estrutura etária da população mais equilibrada sendo o Alentejo a região com a estrutura etária da população mais desequilibrada.

Desta forma, face ao aumento de pessoas com 65 ou mais anos e à necessidade de adaptação às novas estruturas sociais, urge a necessidade da aplicação de ações políticas e sociais, que permitam a criação de uma harmonia social essencial e necessária para lidar com esta nova realidade. Torna-se portanto necessária a criação de políticas de intervenção social, de modo a que possamos incluir estes seniores na sociedade de forma ativa, promovendo deste modo a sua participação social e combatendo a exclusão social.

Ora, uma das formas que poderão ser utilizadas para promover a inclusão social da terceira idade passará seguramente pela promoção de uma inclusão digital. Neste sentido, a União Europeia tem vindo a desenvolver, nos últimos anos, vários esforços com intuito de quebrar barreiras que impeçam os seniores de abraçar esta sociedade da informação (REDTESS, 2010).

2.4. Políticas de intervenção

Tal como aqui já foi dito anteriormente, o envelhecimento da população é um dos grandes desafios do século XXI. Neste sentido, face ao aumento de pessoas com 65 ou mais anos e à necessidade de adaptação às novas estruturas sociais, tornou-se necessária a criação de políticas de intervenção de modo a promover a harmonia social.

Com o objetivo de encontrar soluções para as questões do envelhecimento e da inclusão ativa dos seniores na sociedade, comemorou-se em 2012 o Ano Europeu de Envelhecimento Ativo e da Solidariedade entre as Gerações (AEEASG), uma iniciativa da Comissão Europeia e que teve como objetivo proclamar o ano de 2012 como um ano de debate sobre as políticas e ações que podem ser implementadas nos estados membros da União Europeia, de modo a promover uma melhor qualidade de vida aos seniores, bem como a sua maior participação social.

Para atingir este objetivo foram levadas a cabo algumas iniciativas e debates, em vários estados europeus, com o objetivo de sensibilizar a sociedade civil através de um discurso público próximo dos cidadãos, sobre a importância do intercâmbio intergeracional de modo a debater o envelhecimento ativo e,

“Criar melhores oportunidades para que as mulheres e os homens mais velhos desempenhem o seu papel no mercado de trabalho, combater a pobreza, sobretudo das mulheres, e a exclusão social, encorajar o voluntariado e a participação ativa na vida familiar e na sociedade, e incentivar o envelhecimento com dignidade” (decisão N.º 940/2011/UE do Parlamento Europeu e do Conselho, de 14 de Setembro).

De acordo com a Resolução do Conselho de Ministros Europeu n.61/2011, de 22 de dezembro, o AEEASG também tinha como objetivo:

«Sensibilizar a opinião pública para o valor do envelhecimento ativo nas suas diversas dimensões e conseguir uma posição destacada nas agendas políticas estimulando o debate e o intercâmbio de informações, desenvolvendo a aprendizagem mútua entre os Estados-Membros e as várias partes interessadas, propondo um quadro de compromisso e de ação concreta para que a União, os Estados-Membros e as partes interessadas, possam elaborar soluções, políticas, estratégias e iniciativas de longo prazo inovadoras, sustentadas e duradouras, através da promoção de atividades de luta contra o idadismo, superando estereótipos e eliminando obstáculos, especialmente em relação à empregabilidade.»

(AEEASG, 2012: 9)

O papel dos seniores na sociedade tornou-se assim num tema de debate internacional, responsabilizando os políticos para a promoção das condições necessárias para que estes possam usufruir de um envelhecimento ativo e da participação social, através de um processo de cidadania plena, em que se otimizem oportunidades de participação, segurança e maior qualidade de vida à medida que as pessoas vão envelhecendo (AEEASG, 2012).

Neste sentido, no âmbito das políticas a aplicar em torno do envelhecimento ativo, o AEEASG refere algumas dimensões a ter em conta relativamente à participação social do idoso na sociedade e que podemos referir como: i) o reforço do papel das famílias; ii) o reforço das relações intergeracionais; iii) a valorização do papel da pessoa idosa na sociedade por mecanismos que favoreçam a sua participação ativa e o exercício dos seus direitos; iv) a facilitação do acesso ao mercado de trabalho e permanência neste; v) o investimento na aprendizagem ao longo da vida; vi) a promoção do voluntariado; vii) a permanência no meio

habitual de vida, o mais tempo possível e uma maior e melhor prevenção e cobertura das situações de dependência (AEEASG, 2012).

O Ano Europeu de Envelhecimento Ativo e da Solidariedade entre as Gerações (AEEASG) foi enquadrado em cinco eixos principais, que foram a base do debate e das ações políticas, nomeadamente: emprego, trabalho e aprendizagem ao longo da vida; saúde, bem-estar e condições de vida; solidariedade e diálogo inter-geracional; voluntariado e participação cívica e, por fim, conhecimento e sensibilização social.

Cada um destes eixos foi composto por uma série de ações e políticas de apoio à saúde, à criação de gabinetes de apoio interdisciplinares, à criação de centros de noite, à criação de serviços de apoio domiciliário e à promoção do ensino ao longo da vida, criando critérios transversais como o direito à identidade; a igualdade de género; a não discriminação em razão da idade; a acessibilidade; a orientação para a inovação e boas práticas; e a preferência pelo trabalho em rede e por parcerias (AEEASG, 2012).

Finalizada esta fase de reflexão, onde as ideias foram discutidas e passadas para o papel, importa passar à ação, esperando desta forma que o ciclo de debates em torno do Ano Europeu de Envelhecimento Ativo e da Solidariedade entre as Gerações promova de facto um conjunto de ações que ajudem a solucionar o problema do envelhecimento, tornando-o num processo ativo e de maior inclusão e participação social.

Embora ainda muito tenha que ser feito, nomeadamente no que diz respeito ao papel dos estados na sensibilização do problema junto da sociedade civil, esperamos que estas reflexões se traduzam em políticas reais e que ajudem na realidade a resolver este problema, tornando-se claro a chamada de atenção para a criação de novas políticas que possam ir de encontro às situações de maior exclusão social respondendo assim às situações mais vulneráveis.

Assim, um dos grandes problemas inerentes ao cenário do envelhecimento global da população prende-se com a capacidade do estado social em sustentar esta nova realidade, composta por cada vez mais reformados e desempregados, pondo em causa a sustentabilidade do próprio estado de providência, nomeadamente do sistema de Segurança Social. Na nossa

opinião, esta sustentabilidade só será conseguida através do aumento da autonomia dos seniores na tomada de decisões do seu dia-a-dia e na capacidade de viverem independentes, aumentando a sua qualidade de vida e a possibilidade de viverem uma vida mais saudável sem graves incapacidades físicas.

Contudo, se olharmos para o panorama português, reparamos que pouco ou nada tem sido feito nesta área. É verdade que os preços dos medicamentos baixaram, mas muitos seniores continuam a não ter capacidade financeira para os pagar. Por outro lado, se um sénior precisa de uma consulta de especialidade médica, num qualquer hospital público, por vezes tem de esperar meses, senão anos, para que seja atendido.

Do mesmo modo, e em relação à participação social, pouco ou quase nada tem sido feito, exceto no que diz respeito às Universidades Sénior, que têm tido um papel bastante importante neste campo, contudo, este é um serviço privado, o que obriga ao pagamento de uma mensalidade que muitos seniores não conseguem suportar.

Cabe portanto aos governos uma reflexão sobre esta matéria, de modo a que estes problemas possam ser analisados de forma particular, e que se encontrem políticas que permitam aos seniores viver em sociedade de forma digna, promovendo a sua participação ativa na sociedade.

SÍNTESE

O envelhecimento da população está a provocar efeitos colaterais em todas as áreas sociais. Este fenómeno obriga as sociedades a reestruem-se de modo a promoverem a participação dos seniores na sociedade, ao mesmo tempo que a classe política também se vê obrigada a pensar em novas políticas de sustentabilidade do estado social, de modo a que estes seniores possam usufruir dos apoios que lhes são devidos. A pior coisa que pode acontecer aos seniores é tornarem-se num fardo social ao mesmo tempo que se vão autoexcluindo da sociedade. Torna-se assim necessário delinear estratégias políticas e sociais, que ajudem estes seniores a abraçar a sociedade da informação de modo a combater a infoexclusão - não basta dizer que é necessário combater a infoexclusão na terceira idade, é necessário aplicar medidas que combatam eficazmente esta realidade.

Os estereótipos negativos sobre os idosos também devem ser combatidos, transformando essas imagens negativas em imagens positivas, onde os seniores possam ser vistos como uma mais-valia na transmissão de conhecimento e sabedoria para os mais novos ajudando-os assim a relacionarem-se melhor e a conviver com os seus pares. O problema no entanto reside nas características das sociedades pós-modernas, caracterizadas pela «pressa do agora» e pela mercantilização do real, pondo em causa alicerces éticos e morais indispensáveis, substituindo-os por valores efémeros, baseados na desacreditação da tradição, onde as «meta-narrativas» (Lyotard, 2003) são substituídas por narrativas pós-modernas, livres de sabedoria ou razão, fazendo com que os seniores tenham mais dificuldades em se afirmarem numa sociedade altamente mercantilizada e parca em valores.

Devemos portanto olhar para os seniores não como tecno fóbicos, mas antes como indivíduos que nasceram a fazer contas com lápis e papel e que agora têm de se adaptar a um mundo altamente suportado pela tecnologia. Este será um dos grandes desafios do século XXI e que deve fazer parte da agenda internacional.

Os seniores estão recetivos a estas mudanças, apenas será necessário dar-lhes as condições para que o possam fazer de forma simples e progressiva, devendo ter sempre em consideração as características desta população específica. Embora provavelmente muitos

destes seniores nunca terão a oportunidade de abraçar esta nova sociedade digital, para os restantes, o esforço valerá bem a pena.

CAPÍTULO III - Pobreza e exclusão social na terceira idade

3.1. Conceito(s) de Pobreza

Quem não sabe o que é a pobreza? Todos os dias nos cruzamos com ela, seja no meio do trânsito ou numa qualquer caixa de supermercado. Embora muitos finjam não a notar, ela está visível aos olhos de todos. São estas as imagens que nos ajudam a definir o conceito de pobre ou de excluído.

Em boa verdade, para se identificar um indivíduo pobre ou excluído, basta por vezes apenas observar a sua figura, a sua imagem, refletindo desta forma a fraca condição da sua existência, o que torna os conceitos de pobreza e exclusão social idênticos e muito próximos, por vezes ligados segundo a mesma realidade, como refere Costa *et al.*:

«Em certos casos o termo exclusão social parece um nome moderno utilizado politicamente de modo a comprometer menos o termo pobreza.»

(Costa, Baptista, Perista e Carrilho, 2008: 19)

Porém, o conceito de pobreza é bem mais complexo do que aquilo que é observável, fazendo parte de um imaginário social, podendo variar de sociedade em sociedade. Segundo Costa *et al.* (2008) devemos analisar o conceito de pobreza segundo duas grandes perspetivas: as necessidades materiais e a situação existencial.

A não satisfação das necessidades materiais como a habitação, a alimentação ou a saúde, representam por si só um sinal de pobreza, estando assim ligadas às circunstâncias económicas - uma das principais causas de pobreza, correspondendo, tal como o seu nome indica, à falta de bens ou serviços básicos como a alimentação, a água, a energia, a habitação,

etc. Assim, as circunstâncias económicas podem englobar a falta de recursos, a distância económica e a classe económica.

A falta de recursos, tal como já foi dito anteriormente, tem a ver com a incapacidade do indivíduo em adquirir bens ou serviços essenciais como a alimentação ou o vestuário. A distância económica refere-se à dificuldade que alguns indivíduos têm em alcançar ou ter acesso a certos bens como por exemplo uma habitação própria. Por fim, a noção de classe económica representa a ligação que o indivíduo tem com o sistema de produção, no sentido da sua função e importância nas organizações - a distância que existe entre os indivíduos que ocupam cargos de topo nas hierarquias organizacionais e os trabalhadores precários (Spiker, 2007 *in* Costa *et al.*, 2008).

Porém, outros fatores existenciais de ordem psicológica, cultural, espiritual, etc., também contribuem para uma pobreza de ordem existencial, que a par das necessidades materiais afetam o indivíduo quer ao nível da sua existência, quer ao nível da sua relação com os outros ou com a sociedade em geral (Costa *et al.*, 2008). Deste modo, a situação existencial tem a ver com a liberdade, ou a falta dela (Sem, 1982 *in* Costa *et al.*, 2008), na medida em que uma pessoa com fome não é livre - não é livre de comer. Ora, quem não é livre de comer, também não possui as condições mínimas para exercer a sua liberdade noutras dimensões, sejam elas culturais, políticas, económicas ou sociais «*pelo menos enquanto negação da liberdade, a pobreza configura uma situação de negação de direitos humanos fundamentais*» (Costa *et al.*, 2008: 23).

Podemos então entender o conceito de pobreza como «*uma situação de privação resultante de falta de recursos*» (Costa *et al.*, 2008: 26), e privação como «*uma situação de carência, ou seja, de não satisfação das necessidades humanas básicas*» (Costa *et al.*, 2008: 27), sendo que estas necessidades podem pertencer ao nível económico, cultural, político, social ou simbólico.

Na verdade, podem existir situações em que embora não existam sinais de privação, os indivíduos não possuem de facto recursos suficientes, como é o caso das pessoas que são

apoiadas por subsídios, pensões, etc..., pois embora sejam considerados pobres, estes «*sinais de privação*» não se verificam.

Consideremos portanto duas definições de pobreza essenciais. Por um lado a pobreza de subsistência, que corresponde à pobreza relacionada com as necessidades de subsistência física, geralmente associada aos primeiros estudos na Inglaterra em finais do século XIX e, por outro lado, a definição mais ampla, adotada pela Comissão sobre Direitos Sociais, Económicos e Culturais, das Nações Unidas, segundo a qual:

«(...) a pobreza pode ser definida como uma condição humana caracterizada por privação sustentada ou crónica de recursos, capacidades, escolhas, segurança e poder necessários para o gozo de um padrão de vida adequado e outros direitos civis, culturais, económicos, políticos e sociais.»

(Costa *et al.*, 2008: 29)

3.2. Exclusão social

Exclusão e excluídos sempre existiram desde os primórdios da humanidade. Este fenómeno aparece a partir do momento em que homens e mulheres passaram a viver de forma coletiva, em comunidade, onde a partilha e a troca se tornaram a base das relações sociais e económicas, criando desde logo uma divisão no laço social. Embora a exclusão social já se verifique desde os tempos antigos sob a forma de exílio ou de punição política, o seu conceito é relativamente recente no âmbito da sociologia.

Os primeiros conceitos sobre exclusão nascem apenas nos finais do século XIX, início do século XX. É a partir deste momento que as ciências sociais, em particular a sociologia, se começam a interessar sobre esta forma de «*punição social*», tentando compreender o fenómeno da exclusão social, elaborando teorias com o objetivo de ajudar a compreender melhor esta problemática (Xiberras, 1993).

Durkheim, Webber e Simmel, organizaram o conceito de exclusão com base na sociologia clássica, vindo mais tarde a influenciar a definição do conceito através da sociologia do desvio e da sociologia contemporânea. Assim, inicialmente, a sociologia clássica aborda o conceito de exclusão através de uma visão final do fenómeno, como o resultado de uma ação, centrando mais a sua análise nas representações coletivas e na coesão do laço social (Xiberras, 1993). A sociologia clássica preocupa-se portanto em compreender as razões que contribuem para a capacidade dos homens viverem em conjunto, em sociedade, revelando assim os mecanismos responsáveis pela ordem social global e pela composição ou desagregação do laço social.

Durkheim tenta assim estudar as razões pelas quais os indivíduos se agrupam num determinado grupo, tecendo deste modo relações de solidariedade entre eles. Simmel, tal como Durkheim, também estuda o laço social, mas preocupa-se mais em compreendê-lo segundo uma perspetiva microsocia, ou seja, através das relações sociais diretas dos indivíduos entre si, como por exemplo as relações face-a-face. Por fim, Webber interessa-se mais pela natureza do laço

social e nas suas relações «verticais», ou seja, naquilo em que os indivíduos acreditam e aceitam submeter-se de modo a viverem em comunidade, constituindo desta forma os valores e os ideais que lhes são comuns (Xiberras, 1993) enquanto seres sociais.

A sociologia clássica tenta então compreender o fenómeno da exclusão social através das relações que os indivíduos criam entre si e através daquilo que os une enquanto grupo social. Mais tarde, na primeira metade do século XX, a sociologia do desvio tenta estudar as formas de decomposição social, ou seja, os fatores responsáveis pelo fenómeno da exclusão num determinado grupo social e qual a resposta do grupo a essa realidade (Xiberras, 1993).

É então, através da Escola de Chicago, que surge um grupo de sociólogos que tenta demonstrar que os chamados «*excluídos*» não se limitam apenas a nascer da desestruturação social mas também através das relações entre «*incluídos*» e «*excluídos*». Para a Escola de Chicago, esta relação permite aos excluídos que se recomponham através desta desagregação social, criando uma nova ordem social alternativa, na maior parte das vezes invisível ao exterior. Nasce assim o Interacionismo simbólico constituindo um duplo olhar sobre o comportamento desviante dos indivíduos ditos «*normais*» e o dos «*marginalizados*» (Xiberras, 1993).

Neste sentido, a sociologia contemporânea defende que a origem da exclusão reside nos problemas e nos efeitos causados pela pós-modernidade nas sociedades, nomeadamente nas sociedades Ocidentais, onde o individualismo aparece como um dos principais responsáveis pelas mais diversas formas de exclusão, na medida em que nos impede de ver, de reconhecer, e de analisar qualquer forma possível de reagrupamento dos homens entre si (Xiberras, 1993). No entanto, embora este reagrupamento tenha como base uma consciência coletiva, por vezes, este ordenamento social alternativo é contrariado através do ambiente cultural e político.

Podemos então associar o termo «exclusão» a um certo grau de isolamento, à falta de algo, a alguém que é, ou está excluído. Por outro lado, ao associarmos o termo exclusão, ao termo social, estamos a referir-nos a alguém que está excluído, fora de uma sociedade, isolado. É portanto o oposto de integração, de inserção ou participação social. Contudo, o termo exclusão social ao ser utilizado ao lado do termo pobreza leva a que a fronteira do seu significado seja por vezes ultrapassada. Exclusão e pobreza não correspondem às mesmas realidades na medida em

que uma condição não implica a outra pois nem todos os que são pobres são excluídos (Xiberras, 2003).

A exclusão social torna-se assim num processo acumulativo que vai provocando ruturas sucessivas nas pessoas ou grupos, afastando-os da sociedade, retirando-lhes o poder de intervir ativamente na condução das suas vidas e da sociedade em geral. Trata-se de um processo com princípio e fim onde são percorridas diversas fases, tornando-se fundamental identificar a fase de exclusão em que se encontra um determinado grupo ou indivíduo para que assim se possa agir corretamente. Representa portanto o grau de insatisfação, ou de mal-estar, em que o ser humano se pode encontrar quando não consegue atingir ou alcançar os seus desejos e ambições pessoais e familiares (Estivil, 2003).

Convém referir que esta perspetiva de exclusão social também pode ser vivida de uma forma positiva como acontece com as comunidades ou grupos que se isolam deliberadamente para vivenciar de forma mais genuína os seus hábitos e comportamentos podendo este tipo de isolamento ser visto como uma forma de estimular a criatividade artística e intelectual através de uma reflexão mais filosófico-religiosa (Estivil, 2003).

Deste modo, a conceção do termo exclusão social não pode ser separada do conceito de exclusão económica e política, pois o que se assiste muitas das vezes é uma sobreposição entre elas. Senão vejamos, se a noção de exclusão política se refere aos direitos da cidadania, ao seu acesso e às barreiras que se lhe opõem, a exclusão económica diz respeito à forma como as sociedades se desenvolvem, garantindo o direito ao emprego e à proteção social dos seus cidadãos.

Um exemplo desta realidade pode ser visto através do fenómeno da emigração, na medida em que reflete a incapacidade dos estados em promover a estabilidade económica e financeira aos seus cidadãos, levando-os a assumir, na maioria dos casos, o papel de excluídos no país de acolhimento.

Podemos então entender exclusão social como:

«Uma acumulação de processos confluentes com ruturas sucessivas que, despoletada no centro da economia, da política e da sociedade, vão afastando e inferiorizando pessoas, grupos, comunidades e territórios em relação aos centros de poder, aos recursos e aos valores dominantes.»

(Estivil, 2003: 20)

Castells (2004 *in* Costa *et al.*, 2008) também liga o conceito de exclusão social aos processos de marginalização ao entender a exclusão como um percurso descendente, ao longo do qual se verificam sucessivas ruturas na relação do indivíduo com a sociedade.

Outro ponto relevante deste percurso corresponde à rutura em relação ao mercado de trabalho, a qual se traduz no desemprego (sobretudo no desemprego prolongado) ou mesmo num «*desligamento*» irreversível face ao mercado, onde a fase extrema da exclusão social passa não só a ser caracterizada pela rutura com o mercado de trabalho, mas também pelas ruturas familiares, afetivas e de amizade.

Devemos portanto incluir no conceito de exclusão todas as esferas sociais nas quais o indivíduo está inserido, desde a família, aos amigos, aos vizinhos, à comunidade desportiva, cultural e, até mesmo, à própria comunidade local, que, embora não interaja diretamente com o indivíduo, constitui um forte alicerce com o meio envolvente. A exclusão representa assim uma rutura nos laços que ligam o indivíduo à sociedade, fazendo com que a exclusão assumam um corte entre o indivíduo, os valores e os ideais sociais predominantes.

A exclusão pode ainda ser considerada como «*um processo, que vai de formas mais superficiais de exclusão para formas e graus mais profundos e abrangentes de exclusão. A forma extrema corresponderá à situação de rutura com todos os sistemas sociais básicos*» (Costa *et al.*, 2008: 72).

Devendo no entanto acrescentar que:

«Existem pois, formas de exclusão que não se veem, mas que se sentem, outras que se veem mas de que ninguém fala e, por fim, formas de exclusão completamente inviabilizadas, dado que nós nem sonhamos com a sua existência, nem possuímos *a fortiori* nenhum vocábulo para designá-las.»

(Xiberras, 1993: 20)

Desta forma, não existe exclusão sem inclusão, na medida em que para uma existir, a outra tem que se manifestar. Ora, no domínio da inclusão social, aquilo que une o indivíduo à sociedade é constituído por um conjunto de sistemas, segundo alguns dos quais podem ser considerados como básicos ou essenciais (Costa *et al.*, 2008). A ligação à família representa um desses principais laços, permitindo que um indivíduo se sinta verdadeiramente incluído numa determinada sociedade.

Contudo, esta relação entre o indivíduo e as suas esferas sociais mais próximas, não representa por si só um fator de inclusão social, na medida em que a inclusão social também depende de outros fatores, como por exemplo o fator económico. O fator económico diz essencialmente respeito aos sistemas geradores de rendimentos que o indivíduo possui e, por sua vez, à possibilidade que esse mesmo indivíduo tem em relação à aquisição de bens e serviços.

Outro fator de inclusão social diz respeito às referências identitárias que vamos construindo ao longo da vida e que nos permitem ser reconhecidos como parte integrante da sociedade. A possibilidade de exercermos uma cidadania plena através da nossa relação com as instituições básicas, nomeadamente através do acesso à educação ou aos sistemas de saúde (Costa *et al.*, 2008) representa também outro fator de inclusão social. Por fim, o acesso à informação representa outro importante fator de inclusão social, pois na impossibilidade do seu exercício, o indivíduo é colocado numa situação de infoexclusão.

Na verdade, com o surgimento do novo paradigma da individualização, o indivíduo tende a isolar-se, criando barreiras cada vez maiores entre aqueles que não partilham os mesmos ideais e valores. Este isolamento pode levar à expulsão, ou negação, daqueles que por ele não são reconhecidos, dificultando deste modo a integração e a coesão coletiva, provocando uma fragmentação do laço social. Partindo desta perspectiva, será fácil perceber o poder que as redes sociais, ou comunidades virtuais, têm no dia-a-dia dos cidadãos, na medida em que os valores por si criados irão determinar, ou não, a sua capacidade de viver numa sociedade em rede.

3.2.1. Indicadores de exclusão social

Uma das formas de conhecermos e avaliarmos a exclusão social é através de indicadores que têm como finalidade descrever determinados aspetos desta realidade e que dizem respeito a cada um dos domínios dos sistemas sociais básicos que, segundo Costa *et al.* (2008), são representados pelo domínio social, económico, institucional, espacial e simbólico.

Assim, o domínio social remete-nos para o funcionamento das redes relacionais, às relações do indivíduo com a sua família, representando um importante fator de inclusão social. Olhando para a realidade dos seniores, podemos constatar que aqueles que vivem sozinhos apresentam sinais de maior exclusão social, pois tal como refere Costa:

«A situação de isolamento em que vive a maior parte dos seniores constituem exemplos claros dessa vulnerabilidade inclusiva de determinadas estruturas familiares»

(Costa *et al.*, 2008: 77)

Deste modo, as relações baseadas nos laços de amizade e partilha que os indivíduos vão fortalecendo ao longo da sua vida, representam fatores essenciais de inclusão social. O primeiro contacto com a população envolvente na qual o indivíduo está inserido representa um desses principais pilares de sociabilização. A partir do momento em que o indivíduo começa a participar em ações de maior envolvência social, como a presença em encontros familiares e mais restritos, começa a fundar relações mais resistentes e duradouras, formadas a partir de laços sociais extremamente fortes, envolvidos na partilha de ideais e valores muito próximos, revelando-nos assim outro indicador de exclusão social: a frequência de contacto com familiares, vizinhos, colegas e amigos (Conselho da União Europeia, 2001 *in* Costa *et al.*, 2008).

No que diz respeito ao domínio económico, referimos-nos aos fatores que estão relacionados com a capacidade do indivíduo em gerar riqueza, fazendo com que a medição dos rendimentos represente outro indicador de exclusão social.

O domínio institucional tem a ver com os sistemas relacionados com o papel do estado, nomeadamente no que diz respeito ao sistema de saúde e ao sistema educativo. Neste campo podemos apontar como excluídos, todos aqueles que não consigam, de alguma forma, usufruir destes sistemas de proteção social. Importa no entanto incluir neste domínio institucional, os sistemas de cultura e lazer, pois para além de fazerem parte das funções do estado social, influenciam em grande parte a forma como o indivíduo constrói a sua perceção do real.

O domínio espacial refere-se aos fatores habitacionais, nomeadamente ao local onde se habita e às condições em que se habita e, por último, o domínio simbólico, o mais difícil de quantificar, tem a ver com a forma pela qual respeitamos as normas que nos são impostas pela sociedade e como lidamos com os outros (Costa *et al.*, 2008). Devemos também salientar o grau de instrução académico do indivíduo, na medida em que os indivíduos mais instruídos conseguem, de uma forma mais clara, identificar certos aspetos sociais, muitas das vezes estabelecidos pelo estado social, de forma a poderem reivindicá-los e contestá-los.

Assim, podemos definir como indicadores de exclusão social as relações com os familiares, vizinhos e a rede social local; o nível de rendimento, o acesso à informação e à cultura, a capacidade de adquirir aquilo que se deseja para si e «para os seus»; a forma como o indivíduo se sente representando perante si e perante os outros e, por fim, a capacidade de ocupar os seus tempos livres em atividades de lazer.

3.3. A exclusão social em Portugal e na Europa

Ao falarmos de exclusão social, começamos por salientar a escassez de estudos que têm sido realizados sobre este fenómeno em Portugal. Pese embora o facto de:

«Muita investigação que tem sido realizada foi feita (e que está a ser feita) em estreita relação com a política social (seja em termos de avaliação dessa política ou, através da melhor identificação das suas características e causas, pensada em termos de fundamentação da ação da política social).»

(Pereirinha, 1999 *in* Costa, 2008: 13)

Na verdade, embora se verifique uma escassez de estudos nesta área, os poucos relatórios que têm surgido provêm essencialmente de núcleos ou gabinetes de estudo pertencentes ao Estado, como é o exemplo do trabalho desenvolvido pela Direção-Geral de Estudos, Estatísticas e Planeamento (DGEEP) ou pelo Instituto da Segurança Social (ISS), ambos sob tutela, do atualmente designado Ministério da Solidariedade, Emprego e Segurança Social (Costa *et al.*, 2008).

De facto, um dos primeiros estudos sobre pobreza e exclusão social surgiu através do ISS que fez uma tipificação das situações de pobreza e exclusão social em Portugal e que veio a ser um instrumento fundamental para a delimitação das áreas de intervenção do programa PROGRIDE, criado em 2004 (Costa *et al.*, 2008).

Mais recentemente, em 2010, comemorou-se o Ano Europeu do Combate à Pobreza e à Exclusão Social, que teve como objetivos i) Reconhecer o direito fundamental das pessoas em situação de pobreza e exclusão social a viver com dignidade e a participar ativamente na sociedade, ii) Reforçar a apropriação pelo público das políticas e ações de inclusão social, sublinhando a responsabilidade coletiva e individual na luta contra a pobreza e a exclusão social, bem como a importância de promover e apoiar atividades voluntárias, iii) Promover uma

sociedade mais coesa através da sensibilização do público quanto aos benefícios para todos de uma sociedade onde a pobreza foi erradicada, a repartição justa é apoiada e ninguém é marginalizado, iv) Reiterar o forte empenho político da União Europeia e dos Estados-Membros em acções com um impacto decisivo na erradicação da pobreza e da exclusão social e promover esse empenho e essas ações em todos os níveis de governação (Jornal Oficial da União Europeia, 2008)

Pretendeu-se com esta iniciativa alertar as consciências, individuais e coletivas, para esta questão, renovando deste modo o compromisso político europeu no combate à pobreza e à exclusão social, dando voz às preocupações das pessoas que vivem diariamente com esta realidade, fomentando a reflexão sobre este tema através da participação dos cidadãos.

No âmbito desta iniciativa, o INE (2012) apresentou um estudo com os resultados do inquérito às Condições de Vida e Rendimento em Portugal que se tem vindo a realizar desde 2004. Os resultados revelaram uma redução de cerca de dois pontos percentuais da taxa de pobreza de 20.4% para 17.9% em 2009 respetivamente. No entanto, embora o risco de pobreza ou privação material tenha diminuído entre 2003 e 2008, com o agravar da crise económica a partir de 2009 estes dados poderão já não corresponder a esta realidade. Convém ainda salientar que já neste estudo se verificava um risco de pobreza mais elevado nos seniores que viviam sós, bem como nos agregados com três ou mais crianças - uma percentagem de 32.7% e 42.8% respetivamente (Eurostat, 2007).

Segundo o Eurostat, em 2010, 23% dos cidadãos europeus - cerca de 84 milhões - estavam em risco de pobreza ou exclusão social. As crianças representam a classe mais frágil, estimando-se que em 2010, 26.9% estariam em risco de pobreza ou exclusão social. Por outro lado, embora os seniores representem uma classe por si só à partida já fragilizada, estes apenas ocupam o segundo lugar do grupo com mais risco de pobreza com 19.8% em relação aos 23.4% do total da população.

Importa também referir que em Portugal a percentagem de indivíduos em risco de pobreza ou exclusão social é a maior da Europa – cerca de 25.3%, comparativamente com os 23.4% da média europeia. Em relação aos seniores este número é bastante superior,

representando 26.1% comparativamente com os 19.8% da média europeia (Antuofermo e Di Meglio, 2012).

Num estudo realizado em 18 estados membros da União Europeia, sobre pobreza e exclusão social (EAPN, 2011), foram revelados alguns dados interessantes e que importa aqui salientar. Neste ensaio, os seniores revelaram que se sentem ignorados pela sociedade e que a exclusão social não é devidamente representada pelos meios de comunicação social, revelando pouco empenho relativamente às questões relacionadas com a pobreza e a exclusão social, referindo-se ao tema apenas em termos estatísticos e com doses exageradas de imagens emotivas e sensacionalistas (EAPN, 2011) acusando-os de falta de independência, parecendo favorecer interesses instalados. Na opinião destes seniores, os meios de comunicação deveriam expor estas realidades, pois se os problemas não forem identificados, não poderão de ser resolvidos.

No que diz respeito ao acesso à Internet, um terço dos inquiridos afirmou aceder à Internet através de um computador doméstico, do computador de um familiar ou através de uma biblioteca ou local de formação. Uma das principais razões que levava estes seniores a não disporem deste acesso prendia-se essencialmente com questões de ordem monetária associadas também ao custo do acesso a esta tecnologia. O facto de não terem acesso à Internet aumentava o grau de isolamento e solidão pois esse acesso representaria, na opinião dos inquiridos, um fator libertador e potenciador das suas capacidades de intervenção (EAPN, 2011).

De referir que o impacto negativo mais citado por aqueles que não tinham acesso à Internet prendia-se com o facto de esta «*infoexclusão*» contribuir para a um maior aumento da solidão, do *stress* e da ansiedade, provocando um maior sentimento de exclusão social. Para estes seniores, o acesso à Internet poderia ajudar a combater estes sentimentos (EAPN, 2011), pois a solidão, o isolamento e a depressão, contribuem para o aumento do sentimento de exclusão social.

Neste estudo também se verificou que alguns dos inquiridos revelavam menos dificuldades em dominar a tecnologia, sendo que a vergonha de errar e o medo de aprender

coisas novas, geralmente associadas à existência de barreiras associadas à pobreza, à iliteracia ou ao baixo nível de habilitações, dificultava esse controlo. Outro fator de descontentamento prendia-se com o facto dos serviços sociais serem cada vez mais baseados na Internet, o que por vezes lhes dificultava a vida.

Em relação às políticas de inclusão digital, foram apontadas algumas sugestões, nomeadamente no que toca ao aumento das pensões, para que deste modo os seniores pudessem ter capacidade financeira para adquirir um computador; acesso a subsídios para a compra de computadores a baixo custo; à disponibilização de um acesso gratuito à Internet e à criação de cursos de Internet gratuitos ou subsidiados pelos governos (EAPN, 2011).

Pese embora estes dados sejam apenas indicativos, pensamos que os dados aqui expostos, em muito se enquadram na realidade portuguesa. Na verdade, embora ainda não existam muitos estudos acerca da visão que os seniores portugueses têm da Internet, aspetos como a literacia digital e os modelos de aprendizagem, devem ser seguidos e usados como base de estudo em futuras investigações.

3.4. Estratégias nacionais e internacionais de combate à exclusão social

A exclusão social é um problema que se tem vindo a agravar especialmente com o surgimento da crise económica iniciada nos finais da primeira década do século XXI. Num relatório elaborado pela *European Anti-Poverty Network* (EAPN), entre os anos de 2009 e 2010, foram abordados uma série de fatores diretamente ligados à exclusão social. Um desses fatores dizia respeito às rendas sociais, como as reformas ou os subsídios de desemprego. Estas rendas sociais servem de suporte a muitos indivíduos que de um momento para o outro, quer por motivos de saúde, quer por motivos sociais, se vêm perante uma situação de dependência extrema devido à diminuição do seu poder económico.

Também o acesso a serviços públicos como a assistência ao domicílio, os subsídios de transporte ou a formação profissional, estão ligados ao fenómeno da exclusão social pois representam alguns dos serviços sociais básicos na maioria das sociedades ocidentais. Em Portugal estes serviços são garantidos pela Segurança Social e correspondem a serviços de interesse público, com um caráter social associado à assistência e aos direitos dos cidadãos. Estes serviços são essenciais para garantir uma proteção social às classes mais desfavorecidas de modo a que se possam proteger através das políticas sociais e assim tentarem uma reintegração na vida social ativa.

Os cidadãos que não conseguem ter acesso a estes serviços encontram-se em risco de exclusão social pois o processo de exclusão social também está ligado ao emprego, na medida em que este não se reflete apenas em termos monetários mas também como uma ferramenta de inclusão social, pois a partir do momento em que o indivíduo se encontra a trabalhar, está também a relacionar-se com os seus pares, a interagir com a comunidade aumentando assim o seu grau de participação social, criando uma saudável sensação de utilidade. Pensamos portanto que o emprego não deve ser visto apenas em termos de produtividade e competitividade, mas também como um meio de integração e realização pessoal, podendo ser uma importante ferramenta no combate à exclusão social.

Neste sentido pela primeira vez na história da Europa, a redução da pobreza tornou-se um objetivo primário das políticas de combate à pobreza e exclusão social. A Comissão Europeia, através do comunicado: *Europe 2020 - A Strategy for Smart, Sustainable and Inclusive Growth*, visou aplicar uma estratégia de combate à pobreza nos 27 estados membros tendo como objetivo erradicar 20 milhões de indivíduos da pobreza e exclusão até ao ano de 2020.

Os objetivos deste plano assentam em seis pontos-chave: i) erradicação da pobreza infantil; ii) promoção de emprego para os grupos mais vulneráveis; iii) promover condições de vida decentes e dignas; iv) promover a integração dos grupos mais vulneráveis na sociedade como as etnias minoritárias, os imigrantes, as pessoas com incapacidades físicas; v) promover estratégias de combate ao sobre endividamento; vi) combater a discriminação dos grupos étnicos (Comissão Europeia, 2010).

Desde 2005 que a Europa se tem esforçado por promover o emprego e o crescimento económico, partindo do princípio que esse crescimento económico e o aumento do emprego irão provocar automaticamente uma diminuição da pobreza e da exclusão social. Pese embora estas iniciativas tenham vindo a ser implementadas ao nível Europeu, os resultados até agora não têm sido de todo animadores, na medida em que vamos assistindo cada vez mais à degradação do estado social, à incapacidade da economia Europeia em crescer e, desta forma incapaz de fomentar o emprego sustentável.

Já no que diz respeito às políticas de intervenção levadas a cabo pelo estado português, têm-se vindo a aplicar uma série de iniciativas através da colaboração entre os vários ministérios e a sociedade civil. Entre estas iniciativas gostaríamos de começar por destacar o Programa Nacional para a Saúde das Pessoas Idosas (Direção Geral de Saúde, 2004) e que assenta em três eixos principais: saúde, autonomia e independência, onde a prática de exercício físico e uma alimentação saudável poderão reduzir as incapacidades dos seniores no seu envolvimento na comunidade potenciando a sua autonomia e independência. Será através da capacidade de adaptação das sociedades relativamente aos cuidados de saúde e à criação de ambientes favoráveis potencializadores de uma maior participação social destes seniores que permitirão que os objetivos deste programa sejam atingidos.

Dos restantes programas que consultamos e que atualmente visam melhorar a integração dos seniores na sociedade portuguesa salientamos o Sistema de Atribuição de Produtos de Apoio e o Programa Conforto Habitacional para Pessoas Idosas (Instituto da Segurança Social, 2012). O Sistema de Atribuição de Produtos de Apoio (*Decreto-Lei n.º 93/2009, de 16 de Abril*) tem como objetivo facilitar o acesso a produtos e equipamentos a seniores com incapacidade física. O Programa Conforto Habitacional para Pessoas Idosas visa a qualificação das habitações com o objetivo de melhorar as condições básicas de habitabilidade e mobilidade das pessoas idosas que usufruam de serviços de apoio domiciliário, de forma a prevenir e evitar a institucionalização.

Ao nível da Segurança Social também foram garantidos apoios às prestações sociais e familiares através da atualização das pensões mínimas e do Complemento Solidário para Seniores (Instituto da Segurança Social, 2013), que funciona como uma prestação adicional para aqueles seniores com rendimentos mais baixos. Existe também o Complemento por Dependência que é atribuído aos pensionistas que se encontrem em situações de dependência (Instituto da Segurança Social, 2013).

No que diz respeito ao apoio direto aos seniores, foi criada a Linha do Cidadão Idoso (Provedor da Justiça, 2012) que informa os seniores acerca dos seus direitos e benefícios; a Linha Nacional de Emergência Social (Instituto da Segurança Social, 2012), que tem como objetivo a salvaguarda da segurança entre os mais desprotegidos e o serviço de Atendimento a Pessoas com Necessidades Especiais que é dirigido às pessoas com deficiência ou incapacidade no âmbito das prestações e ação social. Por fim, e de modo a promover o voluntariado e a solidariedade intergeracional, foi criado o programa Voluntário Intergeracional de Proximidade, que tenta promover a melhoria da vida quotidiana dos seniores e para a quebra de situações de isolamento e solidão (AEEASG, 2012).

Para além destes programas e iniciativas, destacamos ainda o Programa de Apoio Integrado aos Seniores (Instituto da Segurança Social, 2012), que se caracteriza por um conjunto de medidas que têm como objetivo contribuir para a melhoria da qualidade de vida das

peessoas idosas promovendo a sua inclusão e a melhoria da qualidade dos cuidados que lhes são prestados em resposta às necessidades diagnosticadas.

Na área da educação foi alargada a Rede das Universidades Seniores com o lema “Aprendizagem ao Longo da Vida” (RUTIS, 2008) que representa *«toda a atividade de aprendizagem em qualquer momento da vida, com o objectivo de melhorar os conhecimentos, as aptidões e competências, no quadro de uma perspectiva pessoal, cívica social e/ou relacionada com o emprego»* (Siteo, 2006: 283).

SÍNTESE

Pobreza e a exclusão são dois termos geralmente associados ao mesmo conceito. Na verdade associamos pobreza e exclusão à incapacidade de um indivíduo em aceder aos bens mínimos e essenciais para uma vida digna em sociedade, como o direito a uma habitação digna, o acesso à educação, à cultura, à saúde e ao emprego.

A falta destes bens leva ao isolamento e por consequência à exclusão. Importa contudo referir que a exclusão é um processo e não um estado, na medida em que com o decorrer do tempo, o indivíduo se vai tornando cada vez mais isolado e excluído até chegar ao ponto de exclusão total, geralmente associada à situação precária dos designados como «*sem-abrigo*». Existem portanto vários patamares de exclusão que merecem atenção diferenciada pois representam diferentes situações.

Os seniores, a par com as crianças, são as classes mais suscetíveis de sofrer com este flagelo social e que por isso têm merecido especial atenção das organizações europeias. Uma das formas para combater este fenómeno deverá passar pela promoção da literacia digital na terceira idade. O problema é que para os seniores abraçarem a sociedade da informação necessitam de ter a capacidade financeira para o fazer e se não forem os estados a suportar alguns desses custos, o processo tenderá para a infoexclusão. Poder-se-á dizer que a família poderá ser um suporte de apoio a esta inclusão, mas na verdade, a maior parte dos seniores vive sozinho ou na companhia de outro idoso.

Com cerca de 26% dos seniores portugueses a viverem em risco de pobreza e exclusão social - a maior taxa da Europa, nada parece estar a ser feito para combater esta realidade. Na verdade, o que se está a fazer em Portugal parece ser exatamente o oposto, taxando as pensões dos seniores com impostos extraordinários, que embora representem apenas algumas dezenas de euros, fazem toda a diferença para o dia-a-dia destes seniores.

Para além disto, face aos elevados níveis de desemprego em Portugal, estamos a assistir a um novo fenómeno que agrava esta situação – o facto de os filhos voltarem para casa dos pais por necessitarem da sua ajuda.

Com a digitalização da sociedade, os seniores também vão perdendo aos poucos a sua voz na medida em que não conseguem aceder aos mecanismos que possibilitam a reivindicação dos seus direitos, tornando-os assim alvos fáceis da manipulação política e económica.

Capítulo IV - Sociedade e tecnologia: relações e conflitos

4.1. O surgimento da Internet

Seria preciso recuar aos anos 60, em plena Guerra Fria, para compreender o nascimento da Internet. Na altura da Guerra Fria, o departamento de defesa dos E.U.A decidiu criar uma rede de computadores interligados entre si, onde a sua rede, no caso de ser quebrada, pudesse continuar a funcionar.

Foi então criada a *Advanced Research Projects Agency* (ARPA). A ARPA era responsável pela investigação de técnicas e tecnologias que interligassem redes de computadores de vários tipos. No início, o seu objetivo era o de desenvolver uma rede que permitisse a troca de informação entre vários centros de pesquisa, permitindo de igual modo que os seus utilizadores pudessem partilhar entre eles a informação dos seus computadores. A ARPANET foi formalmente criada em 1969 e foi desde então reconhecida como a responsável pelo nascimento da *World Wide Web*.

Entretanto uma série de desenvolvimentos foram responsáveis pelo sucesso da ARPANET. Primeiro a possibilidade de comunicação remota entre computadores, segundo, o facto de os computadores começarem a deixar de ser vistos como máquinas de cálculo. Outro desenvolvimento importante foi a invenção da tecnologia de comunicação TCP/IP, que permitiu a criação de uma linguagem uniforme no envio e receção de dados (Slevin, 2000).

Assim a ARPANET foi a primeira ligação remota entre computadores, conectando inicialmente quatro locais: A Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA), o Instituto de Stanford na Califórnia, a Universidade da Califórnia em Santa Bárbara e a Universidade de Utah. O facto de estes locais utilizarem diferentes protocolos de rede, fez com que se desenvolvesse o

protocolo TCP/IP ⁷. O TCP organizava os dados em pacotes, colocava-os por ordem de chegada ao destino e verificava eventuais erros. O IP era responsável por distribuir os pacotes pela rede. Em 1983 todas as redes que se ligassem à ARPANET teriam que usar o TCP/IP, e o antigo *Network Control Protocol* foi completamente substituído (Slevin, 2000).

Nesta altura a ARPANET começou a criar algumas preocupações ao nível da segurança e foi dividida em duas redes: a MILNET, que desempenhava um papel mais militar e a ARPANET, que continuava com a sua função inicial. Contudo o papel da ARPANET como responsável pela ligação entre redes foi sendo gradualmente ultrapassado pelo centro de supercomputadores (NSFNET), criado pela *National Science Foundation* (NSF). Em 1990 a ARPANET foi totalmente desmantelada e desativada. Mais tarde a NSF estabeleceu três contratos. O primeiro contrato foi com a *Network Solutions*, permitindo-lhes que fornecessem domínios na Internet; o segundo foi com a AT&T, para manter os diretórios da Internet e serviços de base de dados; e o terceiro contrato foi estabelecido com a *General Atomics*, contratada para manter a provisão da informação aos utilizadores da Internet. Em 1995 a NSFNET foi desligada completamente.

A maior parte do tráfego da Internet é hoje estabelecida por outras redes providenciadas por organizações empresariais, os chamados *Internet Service Providers* (ISP). Em meados dos anos 90, as organizações começaram a utilizar o TCP/IP e assim nasceram as chamadas Intranets.

Por outro lado, outras organizações, ao começarem a utilizar o mesmo protocolo para trocar informação interna entre as suas redes internacionais fez com que nascessem as chamadas Extranets (Slevin, 2000).

Entretanto em Dezembro de 1990, Tim Berners-Lee, apresentou um sistema que armazenava, retribuía, e apresentava informação, baseado numa rede de hiperligações e

⁷. TCP/IP é um conjunto de protocolos de comunicação entre computadores em rede. O seu nome vem de dois protocolos: o TCP (Transmission Control Protocol - Protocolo de Control e Transmissão) e o IP (Internet Protocol - Protocolo de Interconexão).

hipertexto que tinha como base o protocolo HTTP (*Hiper Text Transfer Protocol*). Este protocolo permitiu aos *browsers*⁸ comunicar com os servidores e apresentar a receber informação alojada nesses servidores nascendo assim a Internet ou *World Wide Web* como hoje a conhecemos. Mais tarde surge o *e-mail*, sem dúvida um dos mais importantes marcos desta revolução.

⁸ . O *browser* é um programa de computador que habilita seus usuários a interagirem com documentos virtuais da Internet, também conhecidos como páginas web, que podem ser escritas em linguagens como HTML, ASP, PHP, com ou sem linguagens como o CSS e que estão hospedadas num servidor Web.

4.2. Os meios de comunicação social

A história dos meios de comunicação tem início na segunda metade do século XV com o aparecimento da imprensa escrita. Nesta época a Igreja era responsável pela impressão dos primeiros livros que, na sua maioria, eram cópias de textos religiosos anteriormente copiados à mão. A imprensa começava então a ser um veículo de transmissão de ideologias religiosas e políticas alinhadas com os interesses das classes dominantes. Ao controlar a impressão de textos impressos, a Igreja tornou-se numa instituição central de poder simbólico⁹.

Porém, embora a Igreja utilizasse a impressão como forma de fortalecer o seu poder, esse foi-se perdendo no decurso da história. Com a proliferação de pequenas oficinas gráficas por toda a Europa e o facto de se poderem deslocalizar com enorme facilidade, a Igreja foi perdendo controlo na publicação de conteúdos religiosos abrindo as portas para o surgimento de novos pensamentos e ideologias (Thompson, 1995: 53).

A produção de conhecimento científico ganhava assim um novo impulso, fazendo com que muitas das gráficas especializadas na produção de conteúdos científicos instalassem as suas oficinas próximo das universidades. Por outro lado, o aumento do fluxo de informação veio permitir que esses textos pudessem ser consultados, discutidos e debatidos por outros estudiosos oriundos de vários países da Europa (Thompson, 1995: 58), promovendo assim o conhecimento e a ciência.

Durante o século XVI e XVII, foram numerosas as tentativas da Igreja para tentar suprimir os textos impressos. Um desses exemplos remonta ao ano de 1501, quando o Papa Alexandre VI tentou proibir qualquer publicação que não tivesse a autorização da Igreja. No entanto, embora estas intervenções tivessem tido algum impacto na tentativa de controlo da

⁹ O poder simbólico está ligado à atividade de produzir, transmitir e receber formas simbólicas. A capacidade de intervir no decurso das situações, de influenciar as ações de outros» (Thompson, 1996: 16).

imprensa durante os séculos XVI e XVII, os seus sucessos foram sempre limitados (Thompson, 1995), pois os impressores encontravam sempre maneiras de tornear a censura, fazendo com que os livros que eram banidos de uma região fossem mais tarde impressos noutra local para de seguida serem contrabandeados por mercadores.

Este fenómeno teve um papel importante na difusão das ideias de Lutero e de outros reformistas. As noventa e cinco teses de Lutero, inicialmente colocadas na porta da igreja de Wittenberg a 31 de Outubro de 1517, foram rapidamente traduzidas em inúmeras línguas, impressas em panfletos e distribuídas por toda a Europa (Thompson, 1995: 57) tornando-se num dos primeiros exemplos do poder da imprensa escrita.

Mais tarde, com a implementação da impressão em série surgem também os primeiros jornais. Estes jornais começaram por ser semanais e eram normalmente designados por *weekly's*, sendo inicialmente impressos em Colónia, Frankfurt, Antuérpia e Berlim, onde posteriormente as notícias eram compiladas e enviadas para as grandes metrópoles da época. Por sua vez estes jornais eram também traduzidos em diversas línguas e vendidos em diferentes cidades e países (Thompson, 1995: 65). A maior parte deles baseavam-se essencialmente em notícias estrangeiras e em eventos ocorridos em locais remotos e distantes, normalmente lidos em voz alta e para um público atento e interessado. Com o passar do tempo foram surgindo publicações especializadas nas mais diversas áreas. Em 1750, Londres já tinha cinco jornais diários, com uma circulação de cerca de cem mil cópias por semana, ao contrário de outras regiões da Europa onde a realidade era diferente pois a censura ainda exercia um poder sobre a imprensa obstruindo assim o seu desenvolvimento nestas regiões (Thompson, 1995: 67).

Paralelamente a este fenómeno, com os poderes autoritários dos estados por um lado e a sociedade civil por outro, emerge uma esfera pública burguesa, que consistia na reunião de indivíduos para debates relacionados com o estado e a sociedade civil (Habermas, 1992) caracterizada por:

«Livre acesso; participação voluntária; participação além das regras institucionais; criação de uma opinião pública através de assembleias de cidadãos que trocam argumentos racionais; liberdade de exprimir opiniões; liberdade de discutir matérias do estado e a possibilidade de criticar a forma como o poder do estado é organizado.»

(Rheingold, 2000: 303)

Contudo, o acesso a essa informação continuava a ser restrito e apenas alguns tinham acesso a estes centros de discussão, normalmente pertencentes às elites sociais. Estes debates eram promovidos sobretudo nos chamados *coffee-houses*, que serviam como centros de interação social, proporcionando aos seus membros um lugar para reunirem, conversarem, escreverem, lerem ou simplesmente passarem o tempo¹⁰. Esta separação entre o Estado e a sociedade civil criou assim as condições para esta esfera burguesa emergir.

A par dos quase quinhentos anos de evolução da imprensa, surgem no século XX três novos meios de comunicação de massa – o cinema, a rádio e a televisão. Estes novos meios de comunicação vieram possibilitar a partilha de informação de uma forma simples e acessível a todos, aumentando cada vez mais as audiências. Entretanto, com o aparecimento das ciências sociais surgem, através da escola de Chicago e da escola de Frankfurt, as primeiras críticas aos efeitos que estes meios de comunicação de massa produziam na sociedade. Entre esses críticos encontrava-se Karl Marx que, nas suas várias obras, destacava o poder dos meios de

¹⁰ Estima-se que só em Londres, no início do século XVIII, existiam cerca de trezentos *coffee-houses* (Thompson, 1996: 70)

comunicação de massa em disseminar ideais e pontos de vista da classe dominante, negando o acesso a ideias alternativas que possam levar à mudança, evitando deste modo a mobilização da consciência popular.

No entanto, apesar de alguns cenários otimistas, os tempos não alteraram a tendência da opinião pública em denegrir os meios de comunicação de massa na esperança que estes pudessem resolver os problemas da sociedade. Por outro lado, esta relação de proximidade dos meios de comunicação de massa com a sociedade fez com que gradualmente estes se fossem afirmando cada vez mais como parte integrante e imprescindível da história. A sua influência na política e na cultura é hoje inquestionável - influenciam a política promovendo a democracia e influenciam a cultura constituindo uma fonte básica de definições e imagens da realidade social, representando o maior foco de interesse e lazer, providenciando «*o ambiente cultural*» comum para a maior parte dos indivíduos (McQuail, 2003). No entanto, o que aconteceu nas primeiras décadas do século XX é de interesse histórico e as primeiras reflexões providenciaram um ponto de referência para compreender o presente.

Três conjuntos de ideias têm sido de particular interesse (McQuail, 2003) para entender o papel dos meios de comunicação de massa nas sociedades. A primeira ideia diz respeito ao poder, a segunda à integração ou desintegração social e a terceira à questão do esclarecimento público ou do seu oposto. Relativamente ao poder dos meios de comunicação de massa, as duas grandes guerras mundiais tornaram-se num exemplo na medida em que mobilizaram, para fins bélicos e nacionalistas dos Estados em disputa, a imprensa, o rádio e o cinema como forma de propaganda militar. No que diz respeito à integração ou desintegração social, o papel dos meios de comunicação de massa tiveram um papel importante nas grandes revoluções industriais, contribuindo para a evolução do capitalismo, para o aumento da classe operária, fruto da divisão do trabalho, originando posteriormente a luta de classes. Por fim, a terceira ideia, relativa ao esclarecimento público ou do seu oposto, foi, e ainda é, um dos grandes debates sobre ética operacional dos meios de comunicação de massa, pois para além da sua forte vertente comercial, os meios de comunicação de massa também exercem um papel importante na forma como informam e esclarecem as sociedades (McQuail, 2003) tendo o

poder de influenciar comportamentos através da disseminação de ideologias favoráveis às ideologias dominantes.

Porém, enquanto inicialmente a principal característica dos meios de comunicação de massa assentasse no envio de informação a partir de um emissor para muitos recetores, esse modelo foi-se alterando progressivamente até aos nossos dias. Com o surgimento da tecnologia em rede, nomeadamente da Internet, os meios de comunicação de massa passaram a ser não somente emissores, mas também recetores de informação - a comunicação que anteriormente era transmitida de uma forma unidirecional, passou a ser emitida de forma bidirecional e interativa. A partir do momento em que público começou a interagir com o conteúdo assistimos a uma mudança de paradigma, onde passamos a poder personalizar os conteúdos de acordo com as nossas preferências individuais, tornando-nos assim em “*prosumers*” (Toffler, 1979). Tal como Negroponte (1995) antevia no final do século XX, os nossos lares passaram a ser inundados de «*agentes inteligentes*» tendo como principal função a execução de tarefas pré-definidas pelo utilizador e de acordo com as suas preferências.

Da mesma forma que a Igreja no século XVI e XVII, não conseguiu suprimir a produção de conteúdos contrários à doutrina católica (Thompson, 1995), os governantes do século XXI também não conseguem controlar a opinião pública gerada através dos conteúdos digitais que vão desde os *blogs* às redes sociais, passando pelas TED¹¹ e acabando nas IM (*Instant Messaging*)¹² - Assistimos assim à rutura do poder simbólico.

Enquanto por um lado, a impressão tornou a difusão de informação mais rápida e eficaz, fazendo com que a ciência pudesse começar a dar os seus primeiros passos e se comesçasse a questionar sobre o comportamento e a mensagem da própria Igreja Católica, a Internet, por outro lado, veio tornar a difusão da informação global, fazendo com que tudo aquilo que se

¹¹. TED (acrónimo para Tecnologia, Entretenimento, Design) é uma fundação americana privada, sem fins lucrativos que se destina à disseminação de ideias e os seus vídeos são amplamente divulgados na Internet.

¹². As IM são aplicações que permitem o envio e a receção de mensagens de texto em tempo real.

passa no mundo esteja apenas a um clique do computador, permitindo que toda a informação, ou quase toda, possa ser consultada, discutida e debatida a qualquer hora, a qualquer dia e em qualquer parte do mundo, permitindo deste modo a discussão sobre todos e mais variados conteúdos.

Para Lyotard (2003) estas «*pequenas narrativas*» pós-modernas que caracterizam o discurso da Internet, passaram a representar a auto proclamação de um discurso público fortemente apoiado por uma corrente liberal onde as assimetrias ligadas ao sexo, classe ou etnia teriam desaparecido por completo. O discurso público do século XXI passou a fazer parte de uma esfera pública digital, onde o seu acesso passou, supostamente, a ser livre a todas as classes e indivíduos. Esta nova «esfera pública digital» para além de permitir aos indivíduos a criação das suas próprias esferas privadas digitais, também os poderá expor às mensagens mercantilistas e de consumo, provocando, por vezes, um distanciamento do mundo real, tornando-os assim mais vulneráveis e por consequente mais fáceis de controlar, quer por parte das instituições públicas, quer por parte das organizações privadas. Por outro lado, embora estas novas esferas digitais permitam o acesso personalizado à informação, também representam um espaço onde estas organizações podem aplicar as suas estratégias de comunicação de modo a direccionar tendências e comportamentos favoráveis, quer a favor da mercantilização dos seus produtos e serviços, quer à criação de consciências coletivas favoráveis aos ideais políticos do momento.

Com a convergência dos meios de comunicação de massa, muito em breve, o domínio da televisão tenderá a ser absorvido pelos computadores. Com a expansão da Internet, a televisão está a sofrer uma metamorfose, pois após se consumir o «casamento» da televisão com o computador, a televisão vai privatizar-se gradualmente perdendo o seu papel no espaço público (Kherkove, 1995: 250).

Entretanto, com a evolução das sociedades e o desenvolvimento das TIC, o uso da Internet irá passar, como já se verifica em alguns lares, para o uso coletivo, pois com a convergência da televisão com a Internet, o acesso a conteúdos tornar-se-á global. Segundo Negroponte (1995) a Internet irá crescer até absorver a tecnologia de todos os meios de

comunicação de massa – televisão, cinema, rádio e imprensa.

Com a proliferação da Internet em larga escala no início do século XXI, a sua domesticação está a chegar aos poucos a todas as faixas etárias. Começando pelos adultos, passando pelos jovens, crianças e acabando nos seniores. A partir do momento em que estes seniores começarem a aderir em massa à Internet, os impactos deste novo meio de comunicação será cada vez maior pois existe uma enorme curiosidade dos seniores em conhecer as potencialidades da Internet (e.g. Martinez-Pecino, Cabecinhas e Loscertales, 2011; Alves, 2013).

Na verdade, quando os seniores estão a «navegar» na Internet, tendem a acreditar em grande parte naquilo que lhes é mostrado, lendo atentamente toda a informação, seguindo todas as instruções que lhes são dadas com medo de fazer algo de errado (Alves, 2013). No entanto, embora a Internet possibilite o acesso livre à informação, também possui o poder de produzir um efeito de controlo e persuasão sobre os comportamentos sociais, na medida em que é a própria Internet, suportada por gigantes tecnológicos como a Google ou a Microsoft, que controla todo o sistema de gestão de informação na rede de acordo com as necessidades do mercado e dos seus próprios interesses.

Essa gestão de informação permite recolher informações acerca de tudo o que fazemos quando estamos *online* permitindo posteriormente que essa informação seja mais tarde utilizada na gestão e controlo dos nossos comportamentos e tendências de consumo. Embora à primeira vista estas ações pareçam inofensivas, na realidade estamos a auto validar a invasão da nossa própria privacidade. Um desses exemplos pode ser verificado nos *posts* que colocamos nas redes sociais, que, aliados à necessidade de partilharmos o nosso dia-a-dia, tornamos aquilo que outrora era reservado, pessoal e apenas restrito a um círculo de amigos, em algo público e de acesso universal. Esta gestão de informação pode assim ser utilizada para conhecer melhor cada uma das preferências dos seniores permitindo condicionar os seus comportamentos de acordo com as políticas mercantilistas de consumo.

4.2.1. Cultura de massa e ideologia dos *media*

Tal como foi referido anteriormente, os meios de comunicação de massa influenciam a sociedade ao mesmo tempo que promovem a cultura através da difusão da informação entre as instituições e as audiências. O conceito de cultura deixa assim de ter um significado restrito, passando a ser representado por um processo mais abrangente e alargado, envolvendo ambas as partes - as instituições e as audiências. Podemos então definir cultura como «um espaço complexo que engloba conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes e outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro de uma sociedade» (Thompson, 1998: 128).

Importa no entanto referir que as transformações que a cultura tem vindo a sofrer, em particular nas sociedades pós-modernas, está a provocar aquilo a que podemos denominar de «*desculturalização*», ou seja, uma substituição de ideais e valores que levam a uma reformulação do próprio conceito de cultura, transformando na essência o seu próprio significado. Segundo Lyotard (2003), esta transformação, caracterizada pelas «pequenas narrativas» que invocam a criatividade e a auto validação do discurso sem recurso à ciência, representam uma das principais características da Internet.

Lyotard (2003) chama à atenção para a importância da informação e da informática no desenvolvimento, do que ele intitula como «sociedade do conhecimento», criada a partir de um contexto pós-industrial, onde o conhecimento se torna um produto através do uso das tecnologias de informação e comunicação.

A par destas transformações tecnológicas, estão as transformações culturais, caracterizadas pela desacreditação das «*meta-narrativas*» que definem a modernidade. As proclamações universais de progresso social estão assim a ser substituídas pelas «*pequenas narrativas*» que invocam a criatividade e a auto validação do discurso local sem base científica.

Partindo deste ponto de vista, Keen (2007) defende que as sociedades pós-modernas são constituídas por infinitos «*monkeys*»¹³ ou «*amateurs*» que, através dos blogues, das Wikis¹⁴ e dos motores de busca, estão a criar uma infinita floresta de mediocridade intelectual, onde tudo é publicado de uma forma inconsciente e mal estruturada.

Nesta abordagem crítica, o autor defende que alguns destes *websites* estão a fazer de nós «*monkeys*» sem que disso nos apercebamos, promovendo aquilo a que Lévy (2007) chamou de «*inteligência coletiva*», onde as inteligências individuais são somadas e compartilhadas por toda a sociedade, potencializadas com o advento de novas tecnologias de comunicação, como a Internet, tornando-nos assim num espelho dos nossos próprios interesses, hábitos e desejos. Para o autor, a Web 2.0¹⁵, ao contrário de promover a veracidade da informação e de revelar uma realidade mais global e verdadeira do mundo, cria, pelo contrário, uma superficialidade geral sobre o mundo que nos rodeia, ofuscando assim o real. Esta «*ofuscação do real*» ameaça a qualidade do discurso público ao encorajar o plágio e a usurpação da propriedade intelectual.

Num estudo realizado pela *Education Week* verificou-se que 54% dos estudantes inquiridos admitiram plagiar através da Internet (Keen, 2007: 24). Perante este cenário torna-se difícil identificar a fronteira entre o escritor e o leitor, entre o especialista e o amador, provocando um declínio na qualidade e na fiabilidade da informação que recebemos. Por outro lado, o desaparecimento gradual dos agentes económicos, dos editores, dos publicitários e dos

¹³ . Henry Huxley defendia, através do "Infinite Monkey Theorem", a ideia de que se fornecermos a infinitos monkeys, infinitas type writers, algum monkey, algures no futuro irá produzir uma masterpiece como uma peça de Shakespeare ou um diálogo de Platão.

¹⁴ . O termo *Wiki* é utilizado para identificar um tipo específico de coleção de documentos em hipertexto ou o *software* colaborativo usado para criá-lo. Este *software* colaborativo permite a edição coletiva dos documentos usando um sistema que não necessita que o conteúdo seja revisto antes da sua publicação.

¹⁵ . Web 2.0 é um termo criado em 2004 pela empresa americana O'Reilly Media, para designar uma segunda geração de comunidades e serviços, tendo como conceito a "Web como plataforma", envolvendo *wikis*, aplicativos baseados em redes sociais e Tecnologia da Informação. Embora o termo tenha uma conotação de uma nova versão para a Web, ele não se refere à atualização nas suas especificações técnicas, mas a uma mudança na forma como ela é encarada por usuários e desenvolvedores, ou seja, o ambiente de interação e participação que hoje engloba inúmeras linguagens e motivações.

jornalistas, provocado por uma desintermediação na estrutura dos meios de comunicação de massa tradicionais, está a diminuir a base da construção do saber pois esta assenta no talento, no trabalho, no capital, na experiência e no investimento dos profissionais, e não no amadorismo global que caracteriza grande parte da informação que circula na Internet. São estas novas realidades que estão a transformar a cultura e as ideologias das sociedades contemporâneas, promovendo novos ideais, novas ideologias, baseados em novos sistemas simbólicos.

A rápida proliferação dos meios de comunicação de massa e o aumento das redes de comunicação provoca assim uma mercantilização das formas simbólicas, que segundo Thompson acabam por levar a uma «*mediatization of modern culture*» (Thompson, 1998: 11). Na opinião do autor, esta «*cultural mediatization*» é responsável pelo declínio das tradições, atribuindo à sociedade novas formas de consciência adaptadas a um mundo por si só já altamente consumista e composto pelas mais variadas formas de entretenimento. No entanto, segundo Thompson (1995) a Internet não deixa de ser uma criação cultural, pois a partir do momento em que promove a pesquisa e a troca de informação, faz com que a sua apropriação, modificação e experimentação, se torne num fenómeno cultural. É através destes novos comportamentos e ações, que surgem novas formas de expressão cultural e de partilha de informação do século XXI.

Kerkhove (1995) por seu lado também chama a atenção sobre como a tecnologia, nomeadamente a Internet, influencia a cultura contemporânea. Um dos efeitos dessa influência diz respeito ao nível individual, verificando-se um pluralismo do seu uso, oferecendo diferentes coisas a diferentes pessoas, permitindo o crescimento de diferentes e variadas culturas centradas nas características de cada um. Outro efeito está ligado ao facto da Internet oferecer uma experiência ressonante com a pós-modernidade, na medida em que defende os privilégios culturais formalmente assumidos pelo modernismo.

Neste sentido, a verdadeira questão que se coloca à evolução das sociedades contemporâneas não reside na queda da cultura, mas na sua transformação interna; não o fim da civilização humana, mas antes no desgaste constante e irrevogável do seu potencial humano. Não devemos portanto prever uma explosão mas antes uma lamentação, o lamento de homens

e mulheres que atingiram um vazio por verem os seus sonhos tornarem-se realidade (Eliot, 1958).

4.2.2. Metamorfoses pós-modernas

Todas as grandes revoluções sociais foram acompanhadas por uma componente tecnológica assente na aplicação prática do conhecimento científico nas mais diversas áreas de pesquisa. Estas revoluções tecnológicas originaram uma mudança de paradigma – passamos de uma sociedade onde o modelo de comunicação era baseado numa estrutura de «poucos para muitos», para uma era onde os meios de comunicação de massa passaram a comunicar com o nosso «eu», alterando o modelo para uma estrutura de «muitos para um».

Esta nova ideologia, caracterizada pela descrença no discurso e na funcionalidade das instituições, não aceita a ordem prevalecente como justa e inevitável (Bauman, 1992), questionando-a e transformando-a de acordo com as necessidades de cada um, tentando transformá-la à sua imagem e de acordo com as necessidades de cada «eu». As tradições tornam-se assim obsoletas, a história irrelevante e as memórias difusas, fazendo com que esta nova ideologia se sobreponha às ideologias do passado. Esta visão crítica do presente, aliada à capacidade de extensão do humano, através da tecnologia em rede, tem potenciado o surgimento de novos tipos de relações sociais, onde os símbolos do real são substituídos por símbolos digitais, originando por vezes ameaças que vão surgindo subliminarmente enquanto utilizamos essas tecnologias (Bertman, 2008).

Enquanto nos primórdios da democracia o *Ágora* correspondia ao lugar onde as pessoas se encontravam para conversar, argumentar, debater ideias, encontrando fragilidades nas políticas ao debaterem sobre elas, uma outra visão pode ser aplicada à Internet - uma visão «ensombrada» de uma *Panopticon*¹⁶, com uma arquitetura camuflada de comunicações em

¹⁶ A *panopticon* representa uma prisão idealizada por Jeremy Bentham, onde um único guarda poderia observar todos os reclusos, graças à arquitetura oval da prisão (Foucault, 1995).

rede, exercendo ações de vigilância sobre todos os que nela participam ¹⁷. Tal como a habilidade de ler, escrever e comunicar livremente dá aos cidadãos um poder que os protege dos poderes autoritários do estado, por outro lado, a habilidade de vigilância e de invasão da privacidade dos cidadãos, dá aos estados o poder de confundir, controlar e exercer coerção sobre a sociedade (Rheingold, 2000: 309).

Esta nova realidade levanta sérias questões acerca do que é público e do que é privado. Embora a distinção entre público e privado já tenha origem nos debates filosóficos da Grécia antiga, onde cidadãos comuns se juntavam para discutir assuntos de interesse geral (Thompson, 1995: 120), nos dias de hoje esta distinção torna-se cada vez mais ténue.

Loader (1997) levanta assim algumas questões acerca de como a Internet pode promover a democracia ao mesmo tempo que viola a privacidade, pois para o autor, o nível de confiança que depositamos nas tecnologias de informação e comunicação é demasiado elevado, na medida em que não garante a total privacidade. Um bom exemplo do poder que os estados exercem sobre esta fronteira entre o público e o privado, é patente nos aparelhos de vigilância colocados em locais públicos, vigiando os cidadãos 24h/7 dias por semana, sempre justificadas pela necessidade de controlo do crime e da estabilidade pública, justificando assim a pretensa intensão de vigiar e controlar.

«(...) nesta sociedade sincrónica, não existe um conjunto de regras estabelecidas, obedece-se só ao fluxo, em vez de normas culturais existem novidades e tendências voláteis. Devido à aversão sentida pela tradição e à falta de memória histórica, características das sociedades pós-modernas, o indivíduo torna-se vulnerável, deixando-se inconscientemente manipular pelos governantes.»

(Bertman, 1998: 208)

¹⁷ Foucault defendia que a *Panopticon* era uma visão de como os poderosos podem usar tecnologias de vigilância para controlar o poder.

A partir de perspetivas muito diferentes, cientistas sociais como Wellman (2002) ou Castells (2004) assinalaram o surgimento de um novo sistema de relações sociais centradas no indivíduo a que Wellman (2002) define como «*comunidades personalizadas*», personificadas em redes centradas no «eu», representando de certa forma uma privatização da sociedade. Este novo modelo social é caracterizado pelo individualismo em rede, onde o indivíduo não está isolado, mas antes inserido numa textura de relações móveis e complexas, em constante mutação e em permanente contacto.

O indivíduo passa então a experimentar novas extensões do seu outro «eu», eliminando a fronteira entre a *bios* e a *techné*, fundindo o *homo humanus* no *homo numericus* (Martins, 2011) criando desequilíbrios resultantes da condição trágica da perda dos «*acentos do tempo*» - o agudo da atualidade, o grave da historicidade e o circunflexo da eternidade (Celan, 1996 *in* Martins, 2011: 36).

A Internet ao ligar milhões de pessoas a novos espaços está de facto a transformar a nossa forma de pensar, a estrutura das nossas comunidades e as nossas próprias identidades. O computador deixou de ser uma ferramenta de cálculo, passando a representar um espaço onde podemos falar, trocar ideias ou assumir uma personagem múltipla da nossa criação (Turkle, 1995). Os dispositivos eletrónicos passaram a ser o nosso «segundo mundo», um mundo onde cultivamos as nossas relações através dos ecrãs digitais, potenciando novas formas de expressão, baseadas em emoções incompletas ou limitadas, favorecendo a inexistência de um *status* social e do anonimato.

Por outro lado, ao cultivarmos estas «relações superficiais» tornamo-nos alvos fáceis da manipulação política, económica e ideológica, fazendo com que a tendência dominante na evolução das relações sociais nas sociedades modernas resida no auge do individualismo em todas as suas manifestações (Bertman, 1998), fazendo aumentar a velocidade com que a informação circula, aumentando assim a fronteira entre o passado e o presente, «originando uma redefinição dos valores familiares, religiosos, nacionalistas e individuais, fazendo com que diferentes grupos e movimentos sociais procurem novas formas de identidade, novas formas de expressão» (Slevin, 2000: 23).

Em boa verdade, a facilidade com que nos movimentamos entre o «mundo real» e o «mundo virtual» pode alterar a nossa noção do tempo e do espaço, diminuindo a noção da distância e da geografia. Para Bertman (1998), este fim da geografia leva ao desaparecimento dos signos e do espaço público, cultural e social, ao mesmo tempo que perdemos a representação da nossa imaginação no espaço e das nossas relações físicas com ele. O indivíduo passa assim a alterar a sua forma de comunicar, pois cada vez mais é «obrigado» a interagir com máquinas da mesma forma que interage com humanos.

Esta alteração do espaço e do tempo também traz outro problema, pois quando os indivíduos são submetidos a mudanças excessivas num curto espaço de tempo, sofrem de um estado psicobiológico a que Toffler (1979) descreve como «*choque do futuro*». Segundo Toffler, as transformações ao nível tecnológico e social ocorrem demasiado depressa sem darem tempo às pessoas de se adaptarem a elas. De forma a se adaptarem a estas mudanças, as sociedades renunciam certos valores tradicionais, fazendo com que alguns dos valores fiquem pervertidos no decurso do processo de se acomodarem a um ritmo de vida mais apressado. À medida que o ritmo acelera, a mente humana deixa de conseguir processar toda a informação e começa a sofrer de «*ansiedade de informação*», um estado provocado pela lacuna entre aquilo que existe, aquilo que sabemos e aquilo que devíamos saber (Wurman, 1989).

Esta necessidade de antecipação é o reflexo de uma sociedade materialista e mercantilista - a necessidade de ter hoje aquilo que podemos ter amanhã: «*uma sociedade submetida ao feitiço do agora, onde a novidade tem uma atração mágica, e o novo é a personificação do presente*» (Bertman, 1998: 168).

Por outro lado, à medida que a eficiência da tecnologia aumenta, diminui também o tempo que anteriormente era necessário para cumprir certas tarefas, pois à medida que nos vamos adaptando a estas realidades e à eficiência cada vez maior que a tecnologia nos oferece, as nossas expectativas e frustrações também aumentam. A sociedade acaba assim por ser atraída pela tecnologia, como se obedecesse ao princípio da dinâmica de fluidos conhecidos por

Lei de Bernoulli ¹⁸. As sociedades ao serem arrastadas por esta corrente tecnológica provocam nos seus cidadãos mudanças que, embora não sejam sempre bem recebidas, são inevitáveis face ao cenário traçado. Perante esta realidade o sociólogo Claude Ficher observava o seguinte:

« (...) as novas tecnologias incomodam as pessoas que estão contra elas por várias razões mas quando se ultrapassa a fase da novidade há uma tendência para serem absorvidas e passarem a fazer parte da vida quotidiana»

(Ficher, 1992 *in* Bertman, 1998: 149)

Em boa verdade, quando não estamos a trabalhar, estamos entretidos com tecnologia, distraídos com as suas inúmeras ofertas de entretenimento e lazer. Grande parte das nossas ações diárias estão ligadas a estes dispositivos eletrónicos, fazendo com que por vezes nos desliguemos daquilo que realmente acontece à nossa volta, ficando como que «*enfeitados*» por todo este entretenimento tecnológico.

Segundo um relatório do Lini (2010), mais de 60% dos utilizadores da Internet navega sem objetivos concretos, sendo que no universo dos seniores esta percentagem represente 33% do total das intenções. A Internet tornou-se assim num dos principais suportes de novas culturas e ideologias, criadas através da influência cada vez maior da tecnologia, suportada nas mais variadas formas de entretenimento.

No nosso dia-a-dia somos constantemente inundados de mensagens de apelo ao consumo, fruto de uma sociedade altamente materialista, resultando numa distorção do sentido de tempo (Bertman, 1998), pois no mesmo instante que acaba o Natal, os cartões do dia dos Namorados já começam a encher as prateleiras e em pleno Inverno já começam a surgir nas

¹⁸ . Bernoulli foi um matemático do século XVIII que ao procurar entender o comportamento dos fluidos descobriu que à medida que aumenta a velocidade de um fluido em movimento, este tende a atrair ou a arrastar consigo um fluido adjacente que se encontra estático ou que se move a um ritmo mais lento.

montras as coleções de Verão.

A tecnologia reduz assim o intervalo de tempo entre o «antes» e o «depois», minimizando a noção de intervalo, fazendo com que a aceleração dos processos de fabrico reduza o tempo necessário para o desenvolvimento dos produtos. A redução do tempo de desenvolvimento dos produtos reduziu radicalmente as expectativas de vida dos novos produtos. Vivemos pois numa sociedade pós-moderna onde nada é adquirido para sempre - numa sociedade do «usa e deita fora». John R. Walter, presidente da AT&T (*in* Bertman, 1998), dizia o seguinte:

«Antigamente costumavam fazer alterações nos negócios obedecendo a esta ordem: Preparar. Apontar. Fogo! Hoje a ordem tem de ser: Disparar! Apontar. Disparar! Apontar. Disparar! Dispara-se primeiro antes de se apontar ao alvo, vemos o que acontece, fazemos correções e disparamos novamente»

Talvez isto represente o preço que as empresas estão a pagar pela excessiva necessidade de consumo que incutiram nas sociedades, pois, segundo Bertman (1998), ao nos esforçarmos por tornar a nossa vida mais fácil e mais rápida, recorreremos a meios técnicos altamente avançados, mas depois descobrimos que são precisamente esses artificios que ameaçam a saúde e a integridade da sociedade onde vivemos: “*à luz do deslumbramento do presente, os contornos obscuros do futuro podem ficar ocultos*” (Bertman, 1998: 36). Neste novo tipo de relações sociais a noção de tempo e de espaço também é alterada provocando novas perceções sobre aquilo que pensamos e sobre aquilo que fazemos.

Devido à proliferação das chamadas *Pervasive Computing Technologies*¹⁹, no futuro, seremos inundados por *microchips*, alguns deles supercomputadores, com a capacidade de

¹⁹ *Pervasive Computing Technologies* representam a forma como hoje em dia os microprocessadores estão a ser incorporados nos objetos de uso diário.

comunicarem connosco e anteverem os nossos desejos e aspirações provocando uma mercantilização dos símbolos do real. Como resultado desta realidade, a grande maioria dos indivíduos que vivem nas chamadas nações industrializadas, terão em seu poder *gadgets*²⁰ que lhes irão permitir ligarem-se a objetos, a locais e a conteúdos em tempo real, conferindo-lhes um novo poder e novas formas de organizar as suas ações.

Estamos de facto a entrar numa era onde esta tecnologia subliminar e espiã estará embebida em todos os objetos do nosso dia-a-dia. Tal como hoje fornecemos informação pessoal quando usamos os nossos cartões de crédito ou navegamos na Internet, num futuro próximo, serão estes dispositivos móveis a fornecer essa mesma informação através de monitores invisíveis, espalhados por todos os locais onde passemos, provocando uma digitalização do real onde o *homo humanus* se transformará inevitavelmente no *homo numericus* (Martins, 2011).

Esta realidade transporta-nos para a Caverna de Platão (1993) uma metáfora da nossa vida intelectual, onde todos somos prisioneiros das trevas e devemos, de alguma forma, libertar-nos da escravidão da falsa informação, a fim de encontrarmos o caminho de saída para a luz da verdade. Contudo esse caminho por vezes é acidentado e se não soubermos utilizar bem os instrumentos que temos ao nosso poder, podemos nunca chegar a encontrar essa verdade. Na opinião de Bertman (1998), hoje, em pleno século XXI, o inimigo não são as trevas mas sim a luz. O psicólogo Robert Jay Lifton (1993), no seu livro *The Protean Self*, adoptou a imagem de Proteu como símbolo da adaptação e da esperança. Para o autor, ter capacidade de adaptação e uma personalidade «*Proteica*» é uma arte de sobrevivência num mundo em rápida mudança.

Deste modo, os seniores ao entrarem nesta corrente digital, faz com que por vezes aumente também o grau de ansiedade, incerteza e frustração devido ao facto de não saberem lidar com a tecnologia da mesma forma que lidam as gerações mais novas recorrendo por isso à ajuda de familiares. Na verdade, só agora é que estamos a assistir verdadeiramente à participação dos seniores neste novo mundo digital (Alves, 2013), que se tornaram assim nos

²⁰ *Gadgets* são equipamentos que têm um propósito e uma função específica, prática e útil no quotidiano. O termo *gadget* é geralmente aplicado a dispositivos eletrónicos portáteis como PDAs, smartphones, leitores de mp3, entre outros.

novos «*imigrantes digitais*», vindos de um mundo analógico para participarem, e fazerem parte, de um novo mundo digital. Porém, esta transição implica a superação de inúmeras barreiras que vão desde o declínio das funções cognitivas, características próprias desta idade, à própria superação de barreiras culturais como o uso do computador ou a aprendizagem na idade da «*velhice*». Face ao facto de os seniores serem o grupo etário que mais tem crescido nos últimos anos relativamente ao número de novos utilizadores da Internet (Lini, 2010), revela a sua vontade e capacidade de adaptação a estas novas ferramentas, levando a comunidade científica a olhar para este fenómeno com mais atenção, questionando os novos comportamentos e narrativas emergentes desta realidade.

4.3. Sociedade Digital

Ao longo dos séculos que as sociedades têm vindo a adaptar as suas estruturas de modo a acompanhar as evoluções que se vão desenvolvendo nas mais diversas áreas. Contudo, essa evolução não se desenvolve sobre estruturas estáveis mas antes sobre estruturas móveis, voláteis, dando deste modo uma resposta rápida e atempada a todos os problemas e questões que vão surgindo ao longo desse processo de adaptação.

Neste campo a tecnologia tem um papel fundamental ao permitir o surgimento de novas ideologias baseadas no ideal materialista e consumista do século XXI. Embora a tecnologia tenha trazido inúmeros benefícios às sociedades contemporâneas, esses benefícios por vezes traduzem-se em obstáculos, pois o modo como operam e as funcionalidades que nos oferecem tornam-nos cada vez mais exigentes e mais dependentes das suas capacidades.

Os estímulos dados pelas TIC são cada vez maiores e os sinais de resposta querem-se cada vez mais rápidos. Embora o seu poder ainda não tenha sido testado como foi o poder da televisão, da rádio ou da imprensa, principalmente nos grandes conflitos mundiais do século XX, existem já claros exemplos que nos demonstram a capacidade da tecnologia em influenciar a sociedade. Um desses exemplos foi o que se passou na guerra da ex-Jugoslávia, onde os esforços de Milosevic em calar a oposição na Internet foram em vão ²¹.

No caso dos conflitos políticos este fenómeno atinge proporções à escala mundial, pois sem a capacidade dos regimes em controlar estas ações, estes movimentos ganham a

²¹. Após os Sérvios ganharem as eleições locais, o poder autoritário de Slobodan Milosevic anulava as eleições. Os protestantes contra Milosevic encheram rapidamente as principais ruas da Sérvia, apoiados por uma estação de rádio independente chamada Rádio B92, que regularmente emitia informações atualizadas sobre estes protestos. Reconhecendo o poder da estação, Milosevic mandou encerrá-la. Ao controlar as estações de televisão Sérvias, Milosevic terá pensado que tinha finalmente silenciado a oposição. No entanto, contrariando o poder de Milosevic, a rádio B92 orientou o seu programa para a Internet onde estava disponível para todos os computadores da Sérvia, e do mundo. As notícias acerca dos ativistas começaram imediatamente a encher as caixas de *e-mail* dos governantes, grupos humanitários, jornalistas e apoiantes de todo o mundo. Esta ação teve tanto impacto que em dois dias Milosevic voltou a colocar a estação no ar (Shapiro, 1999: 7).

capacidade de protestarem através do uso das novas TIC, convocando manifestações de protesto que podem ser vistas em todo mundo como foi o caso da primavera Árabe, onde os ativistas usavam os seus telefones móveis para captar vídeos e fotos para mais tarde serem colocados no Facebook ou no YouTube, sensibilizando desta forma a comunidade internacional.

Estes fenómenos mostram-nos claramente que nem sempre as sociedades mais autoritárias e ditatoriais conseguem controlar o poder da tecnologia. Contudo, infelizmente, algumas sociedades ainda conseguem contrariar esta tendência, como acontece na República Popular da China, onde o acesso à Internet é regulado pelo governo que, através da sua autoridade, tenta dominar ideologias evitando fissuras ou opiniões divergentes ao regime. Um desses exemplos está na atuação do governo chinês no que diz respeito à regulação da Internet.

Paralelamente a esta realidade, com o impacto que a Internet está a ter no dia-a-dia das sociedades contemporâneas, estão também a surgir novos e importantes fenómenos como o rápido aumento de utilizadores da Internet e a fidelidade nas atividades baseadas no seu uso - como é o exemplo das redes sociais.

Embora ainda exista pouco consenso acerca da capacidade da Internet em conduzir eficazmente os cidadãos nas suas vidas pessoais e profissionais, os que argumentam que a Internet tem um efeito maléfico, defendem o seu poder individualista em vez de comunitário, promovendo a violação da privacidade, permitindo aos indivíduos desconectarem-se das suas famílias e amigos, tornando-se solitários e por vezes viciados no seu uso. Por outro lado, a corrente mais liberal defende que a Internet é boa para a sociedade, pois permite que as ideias circulem numa audiência maior, permitindo aos empreendedores audazes e criativos, a capacidade de gerarem mais riqueza e assim puderem ter mais sucesso. São da opinião que as TIC ajudam a superar hierarquias, a diluir o poder das elites tradicionais que monopolizam a informação, tornando o ativismo público mais efetivo, encorajando uma sociedade mais refletiva sobre si própria.

No entanto, outro problema aflige as sociedades contemporâneas: a infoexclusão. Este fenómeno surge devido à enorme diferença das infraestruturas de telecomunicações e no acesso aos fornecedores de serviços e conteúdos. Na verdade, a infoexclusão não se mede apenas pelo

número de ligações à Internet, mas sim pelas consequências que, tanto a ligação, como a falta dela comportam, pois como afirma Castels (2004) «*a Internet não é apenas uma tecnologia, é um instrumento tecnológico, que distribui o poder da informação*», onde por sua vez os que não têm acesso a esta tecnologia passam a pertencer ao que Castels designa como «quarto mundo», onde uma estrada de informação de elite pode de facto servir para criar uma sociedade de duas classes, formada por aqueles que têm possibilidades de viajar e de adquirir conhecimentos, e por aqueles que não podem fazê-lo (Castells, 2004).

O cenário em debate é essencialmente otimista, na medida em que defende que uma super autoestrada da informação pode ser capaz de suportar um grande número de novos serviços, que irão dar mais poder aos cidadãos e deste modo promover a sua total participação na emergente «*democracia digital*». No entanto existe um problema, pois esta realidade ignora as realidades do poder que suportam a «*aristocracia da informação*», em vez da «*democracia digital*». Se os cidadãos não forem capazes de ter acesso a estas novas infraestruturas e serviços, o resultado será o reforço das desigualdades entre os que têm e os que não têm acesso à informação (Loader, 1997: 137).

Entretanto, outro *apartheid* está a ser criado entre os «*ricos de informação*» e os «*pobres de informação*». Nesta democracia Jeffersoniana, caracterizada pelo uso da tecnologia, a relação entre senhores e escravos reside sob uma nova forma de poder (Cameron & Barbrook, 2007) pois quanto menor é a percentagem de pessoas numa região a aceder à Internet, maior é a percentagem desse acesso por parte das classes dominantes (Chen, Boase e Wellman, 2002: 106).

As diferenças entre o acesso à Internet nos países e regiões do planeta são de tal maneira importantes que modificam o sentido da palavra «*divisão digital*» (Castells, 2004: 248). A República Popular da China, por exemplo, tem 22.5 milhões de utilizadores da Internet, mas que representam apenas 3% da população total (CNNIC, 2001). Na Rússia, 35% dos internautas estão localizados em Moscovo e São Petersburgo, cidades que apenas contêm 12% do total da população Russa (Chen *et al.*, 2002: 77).

4.3.1. Impactos sociais: novos hábitos e novos comportamentos

Atualmente, a tendência dominante na evolução das relações sociais nas sociedades modernas é o auge do individualismo em todas as suas manifestações. Esta realidade tem vindo a ser observada há já algum tempo e a sua influência é transversal a todos os grupos etários.

O tempo em que hoje vivemos caracteriza-se por uma «*sede*» de velocidade - de tecnologia. A necessidade de termos poder sobre algo tecnologicamente avançado que nos permita chegar mais longe num menor espaço de tempo. Quando as pessoas adquirem um qualquer *gadget* eletrónico, muitas das vezes não equacionam o retorno que esse investimento que lhes irá proporcionar, pelo contrário, o real valor atribuído a esse objeto resume-se à sensação de poder que este lhes irá proporcionar. Na verdade, quando compramos um qualquer sistema eletrónico caseiro, queremos que ele cumpra todas as funções possíveis, não porque algum dia as iremos usar na totalidade, mas porque nos sentiríamos limitados e inadequados sem elas (Kerkove, 1995).

Vamos assim moldando os nossos hábitos e comportamentos de acordo com a tecnologia que nos rodeia, experimentando novas formas de interação digital, satisfazendo a constante necessidade pelo «novo». Esta nova necessidade de interação digital ajudou ao nascimento das redes sociais, fortemente apoiadas em redes de laços interpessoais, proporcionando a sociabilidade, o apoio, a informação e o sentimento de pertença e identidade, fazendo com que os indivíduos se sintam incluídos num meio que também lhes pertence e que ajudaram a construir.

Um dos pioneiros no estudo deste fenómeno foi Howard Rheingold que definiu as redes sociais como «*um qualquer grupo corporativo de pessoas, que existe na realidade de um mundo competitivo, porque esse grupo de pessoas reconhece que existe algum valor que eles podem obter ao estarem juntos*» (Rheingold, 2000: 3), tornando um dos pilares das comunidades virtuais o retorno de algo positivo para o indivíduo através da ação coletiva de todos.

Com o aparecimento destas novas comunidades virtuais assistimos também ao culminar

de um processo histórico de dissociação entre localidade e sociabilidade, onde novos e seletivos modelos de relações sociais substituem as antigas formas de interação humana. Na verdade, estas redes sociais parecem suavizar barreiras como a idade, a raça e o sexo (Shapiro, 1999), convertendo-se assim numa «*fonte de valores que determinam o comportamento e a organização social*» (Castells, 2004: 73), encorajando um diálogo mais autêntico entre pessoas que, de outra forma, poderiam ficar constrangidas pelo seu *status* social, raça ou sexo (Turkle, 1995).

De facto, a Internet ao ligar milhões de pessoas a novos espaços está a transformar a nossa forma de pensar bem como a natureza da nossa sexualidade. O computador passou a ser mais do que uma ferramenta de cálculo, representando um espelho onde podemos falar, trocar ideias e assumir uma personagem da nossa criação. No entanto, sem um conhecimento profundo dos vários «eu» que expressamos no mundo virtual, não podemos usar a nossa experiência para enriquecer o real (Turkle, 1995). Deste modo, um indivíduo quando se encontra num mundo virtual, tenta adaptar o seu comportamento, criando uma imagem mais ou menos compatível com o ambiente em que se encontra. Para Thompson (1996) esta adaptação de imagem, compatível com o ambiente em que o indivíduo se encontra é definida como a sua «*front region*». Os aspetos menos apropriados, ou que possam desacreditar a imagem do indivíduo, são suprimidos e guardados na sua «*back region*».

A par desta realidade a Internet também se tornou volátil, começando a fazer parte integrante não só da vida dos adultos como também na vida dos jovens e das crianças. Com o surgimento da Internet móvel, fruto da convergência da Internet com a tecnologia *wireless*, devemos esperar o inesperado, pois quando os jovens começarem a usar esta tecnologia para benefício próprio irão criar efeitos emergentes em escala, levando ao florescimento de novas instituições e de novas formas de comportamento social (Rheingold, 2002).

No entanto, o verdadeiro interesse destes jovens não é a propriamente a tecnologia em si, mas sim as pessoas e as relações que essa tecnologia lhes permite ter acesso, pois quando os jovens comunicam através das IM, a noção de tempo e de espaço é alterada, provocando novas perceções sobre aquilo que pensam e que fazem (Rheingold, 2002). Estamos perante

uma geração «*txb*» onde as IM fazem parte integrante e fundamental no dia-a-dia destes jovens, permitindo-lhes a possibilidade de estenderem o tempo passado com os seus amigos 24h/7 dias por semana.

Mizuko Ito, uma antropóloga que estuda a produção das identidades e do espaço através das infraestruturas dos *media* digitais, concluiu, através de um estudo a adolescentes japoneses, que pelo facto destes jovens possuírem um telefone móvel garantia-lhes um grau de privacidade que outrora era impossível.

Estes adolescentes usavam os seus telefones móveis para construir espaços de redes alternativas, acessíveis 24h/7 dias por semana. Esta relação de permanente contacto também criava nestes jovens a necessidade de estarem constantemente informados sobre aquilo que se passava como os seus pares, levando-os por isso a abdicar parte do seu tempo, que anteriormente era gasto em atividades com a família e amigos, na manutenção destas relações através dos novos meios de comunicação de massa. No entanto, embora cada adolescente japonês possuísse em média cerca de 100 contactos no seu telefone móvel, a maior parte das mensagens enviadas era dirigida a um pequeno grupo de três ou quatro colegas (Rheingold, 2002) - um facto interessante, pois demonstra que embora estas redes sejam constituídas por um elevado número de indivíduos os laços pessoais entre eles são representados por um número restrito de indivíduos.

Ainda no âmbito de um estudo realizado pela União Europeia (EU Kids Online, 2011) em vinte e cinco países, com uma amostra aleatória estratificada de 25.142 crianças com idades entre os 9 e os 16 anos, utilizadoras da Internet, verificou-se que o uso da Internet estava totalmente integrado na vida quotidiana destas crianças e jovens.

De facto, 93% das crianças entre os 9 e os 16 anos afirmaram aceder pelo menos uma vez por semana à Internet, enquanto 60% dessas crianças afirmaram usá-la todos, ou quase todos, os dias - segundo este estudo as crianças estão a começar a usar a Internet em idades cada vez mais jovens, na Dinamarca e na Suécia as crianças começam a usar a Internet aos 7 anos de idade.

Este estudo também refere que o acesso à Internet também se está a diversificar - 49% das crianças apontaram o computador como o principal meio de acesso à Internet enquanto 33% afirmaram usar o telemóvel ou outro dispositivo móvel. De referir que as crianças neste estudo revelaram ter atividades *online* potencialmente benéficas - 85% das crianças dos 9 aos 16 anos, afirmaram usar a Internet para trabalhos escolares; 83% para jogar; 76% para verem clips de vídeo e 62% para troca de IM.

No que diz respeito às redes sociais, os dados indicaram que 59% das crianças, entre os 9 e os 16 anos, possuíam um perfil numa rede social, e que apenas uma em cada doze crianças se encontrou *offline* com um contacto que fez *online* – um dado que não deixa de ser preocupante.

Já no que diz respeito ao risco que o uso da Internet pode representar para estas crianças, verificou-se que este aumenta com a idade - 14% das crianças com 9 ou 10 anos deparou-se com um ou mais desses riscos, subindo para 33% para as crianças entre os 11 e 12 anos; 49% para as crianças entre os 13 e os 14 anos e 63% para os jovens entre os 15 e os 16 anos respetivamente.

No entanto, importa referir que é nesta fase de adesão às redes sociais que os jovens começam a ganhar mais autonomia face aos seus progenitores. Perante esta realidade muitos pais procuram obter informações que os ajudem a aprender mais sobre estas comunidades, bem como a informação sobre os colegas que partilham essas mesmas redes. Contudo, embora os pais tenham essa preocupação, a tarefa por vezes pode tornar-se bastante difícil, pois muitos desses jovens possuí um conhecimento mais profundo sobre a tecnologia que os seus progenitores, permitindo-lhes assim contornar certas situações, ao mesmo tempo que vão criando o seu próprio espaço público do qual têm um controlo perfeito.

Num artigo publicado no *New York Times* (2003) sobre o papel das IM na vida dos jovens americanos, referia que esta nova geração de jovens se tornou obcecada pelo constante estado de conectividade com os amigos e com as redes sociais. A sensação de permanente contacto com o seu círculo de amigos é na verdade uma das principais razões que leva os jovens a acederem a estes mundos digitais. A necessidade de terem um espaço a que possam

chamar verdadeiramente seu e onde começam a definir as suas identidades, por vezes de forma múltipla, preenchendo assim duas das maiores necessidades na formação da identidade na adolescência - manter amizades pessoais e pertencer a grupos de amigos (Wellman, 2002), oferecendo-lhes a possibilidade de estarem constantemente conectados e de partilharem as suas vidas com os seus amigos mais próximos.

Os jovens ao utilizarem estas redes digitais para promoverem o contacto social, podem correr o risco de se distanciarem do presente sem que disso se apercebam. O fascínio de terem um espaço só seu e que apenas eles podem controlar faz com que muitas vezes passem a contornar aspetos importantes relacionados com a formação das suas identidades bem como a noção do mundo real que os envolve.

Ao construírem estas novas esferas digitais, os jovens estão também a construir um local onde podem partilhar as suas experiências, os seus anseios e as suas inquietudes, à medida que vão formando a sua própria visão do real, criando aquilo a que Ray Oldenburg (1999; *in* Rheingold, 2012) intitula de *Third Place*. Um espaço onde têm uma voz, uma oportunidade de se expressarem - o acesso a um mundo só seu, oferecendo-lhes a oportunidade de estarem constantemente ligados e de partilharem as suas vidas com os seus amigos mais próximos.

Por outro lado, quando a banda larga se tornar uma realidade para todos, a Internet irá seguramente ocupar um lugar de destaque no dia-a-dia da maioria das famílias ²². As sociedades tradicionais do século XXI passarão então a estar ligadas em rede e suportadas por tecnologia de ponta. Quem não conseguir acompanhar este comboio da tecnologia irá certamente isolar-se e juntar-se aos chamados «*infoexcluídos*» ²³.

²². Em 2002 apenas 15,1% dos lares possuía ligação à Internet, em 2012, uma década depois, esse número passou para 61%, sendo que 59,7% o fazia através da banda larga (Pordata, 2012).

²³. Infoexcluído é quem não tem acesso a informação, nomeadamente através das novas tecnologias de comunicação (Priberam, 2013).

Esta infoexclusão é de facto mais visível na população sénior, pois embora muitos não tivessem a oportunidade de estudar enquanto crianças e jovens, outros não receberam as competências necessárias para manusear esta tecnologia, fazendo por vezes que se tornem esquecidos, ou colocados de parte, como se deles não viéssemos mais a precisar.

4.4. O ensino sénior em Portugal

Olhando para o panorama sénior em Portugal, facilmente verificamos algumas lacunas ao nível do conhecimento tecnológico e do ensino das TIC (Alves, 2013). Embora se registe um aumento cada vez maior no acesso dos seniores às TIC, a realidade mostra-nos que ainda há um longo caminho a percorrer (Martinez-Pecino, Delerue e Silva, 2013). Uma das iniciativas com maior impacto no combate à info-exclusão na terceira idade, foi de facto a criação das Universidades da Terceira Idade (UTIS) tornando-se uma resposta socioeducativa visando dinamizar atividades sociais, culturais, educacionais e de convívio, num regime não formal, inserido num contexto de formação ao longo da vida.

Independentemente da sua denominação, as UTIS representam um espaço privilegiado de inserção e participação social dos mais velhos. Através das várias atividades desenvolvidas pelas UTIS (aulas, visitas, oficinas, blogs, revistas e jornais, grupos de música ou teatro, voluntariado, etc.) que os seniores têm oportunidade de se sentirem mais ativos e mais participativos.

Em Portugal, as UTIS atuam essencialmente na área cultural, educacional, social e de lazer, com o objetivo de dinamizar atividades para indivíduos, preferencialmente com idade superior a 50 anos, num contexto de formação ao longo da vida. Importa referir que as atividades praticadas nestas UTIS não possuem qualquer certificação, tratando-se portanto de um ensino não formal e com uma forte componente recreativa.

A história das UTIS começa em França nos anos 70 e o seu principal objetivo consistia em desenvolver o convívio salutar entre os seniores, combater a exclusão social e proporcionar aos mais velhos a possibilidade de aprenderem e ao mesmo tempo ensinarem (Jacob, 2008). A sua principal função era ajudar os seniores a participarem mais ativamente na vida social de modo a combater a solidão e a exclusão social através das suas experiências de vida.

As UTIS são constituídas essencialmente por dois modelos de organização: o modelo francês e o modelo inglês. O modelo francês é baseado no modelo adotado pelas universidades

tradicionais, com professores remunerados e garantindo uma certificação dos estudos. Trata-se portanto de um modelo mais formal e menos lúdico. O modelo inglês, adotado por Portugal, nasce através de organizações sem fins lucrativos, onde os professores são voluntários e não garantem qualquer certificação (Rutis, 2008), conferindo-lhes deste modo um caráter mais lúdico e informal.

Atualmente existem milhares de UTIS espalhadas pelo mundo inteiro, com base no exemplo francês ou no exemplo inglês, contudo, apesar da primeira UTI ter surgido em Portugal em 1976, três anos após o surgimento da primeira em França, só nos últimos anos é que este modelo se tem vindo a implantar verdadeiramente no nosso país, contando em 2008 com cerca de 112 Universidades Seniores e, em 2014, com cerca de 215 instituições com um total de 35.000 alunos. Com este alargamento, surge também a necessidade da criação de uma legislação própria para estas instituições de modo a que o seu funcionamento vá cada vez mais de encontro à promoção de uma cidadania ativa.

Importa no entanto referir que o acesso a estas UTIS é acrescido de um custo que nem todos têm a capacidade de suportar. Em dois estudos realizados a universidades seniores verificou-se que 55% dos alunos pagam menos de 10 euros; 38% pagam entre 11 e 19 euros e apenas 7% paga mais de 20 euros (Lusa, 2013) ²⁴.

Na verdade, uma estrada de informação de elite pode servir para criar uma sociedade de duas classes formadas por aqueles que têm possibilidades de viajar, de adquirir conhecimentos, e por aqueles que não podem fazê-lo (Castells, 2004). O cenário em debate é essencialmente otimista, no qual a superauto-estrada da informação poderá ser capaz de suportar um grande número de novos serviços, que irá dar poder aos cidadãos e promover a sua total participação na emergente sociedade digital. Se os seniores não forem capazes de ter acesso a estas novas infraestruturas e serviços, o resultado será «*o reforço das desigualdades entre os que têm e os que não têm acesso à informação*» (Loader, 1997: 137).

²⁴ De referir ainda que 65.8% dos alunos possuem habilitações académicas superiores (Lusa, 2013).

Muitos dos seniores em Portugal vivem afastados dos grandes centros urbanos e por isso condenados a algum tipo de exclusão digital. Torna-se assim pertinente, para além de criarmos políticas de alfabetização digital, criarmos também políticas de enquadramento territorial que permitam aos seniores que se encontram afastados destes grandes centros urbanos, puderem também eles usufruir das novas TIC. Uma das formas para a resolução deste problema poderá passar pela criação de centros de apoio tecnológico à terceira idade nos meios rurais mais afastados dos grandes centros urbanos.

SÍNTESE

Desde os primórdios da modernidade que os meios de comunicação de massa estiveram presentes no quotidiano das sociedades ocidentais. A sua tendência foi sempre a de controlar consciências favoráveis à evolução capitalista e mercantilista das sociedades modernas. Com a massificação da Internet em larga escala nos finais do século XX, as sociedades começaram a funcionar num mundo fortemente apoiado pela troca de informação, gratuita e instantânea. Esta alteração aumentou a velocidade com que anteriormente realizavam certas tarefas como enviar uma carta ou aceder a informação específica e detalhada sobre qualquer assunto, levando a uma adaptação das sociedades aos novos comportamentos baseados nas TIC.

Embora esta mudança tenha causado uma certa euforia a partir do momento em que começou a ser possível aceder a informação que outrora era difícil de obter, também veio criar novas formas de entretenimento que antes não existiam. No meio destas evoluções foram-se formando monopólios como a Google, detentora do YouTube, do Google Chrome e do Google mail (Gmail); a Microsoft, proprietária do Internet Explorer e do Windows Live Hotmail e o Facebook, a maior rede social do planeta, que influenciam de certo modo a forma como vivemos em sociedade - se o facebook fosse um país seria o terceiro maior do mundo com cerca de 1.130 milhões de utilizadores, atrás da China e da Índia.

A Google e a Microsoft, controlam quase tudo o que se faz na Internet, mas a maior parte dos utilizadores parece não se importar com isso. Uma das razões porque parecemos não nos importar com esta situação deve-se provavelmente ao facto de andarmos distraídos com a panóplia de entretenimento que nos é oferecida através da Internet e pela necessidade de estarmos em permanente contacto uns com os outros, nem que para isso tenhamos de abicar da nossa privacidade. Este tipo de comportamentos leva a que sejamos mais facilmente manipulados sem que disso nos apercebamos, pois todos temos a sensação de fazer parte de uma sociedade em rede, onde a partilha de informação se tornou na base da nossa essência – «partilho, logo existo».

Perante este cenário, os seniores estão claramente em desvantagem pois para além de serem considerados «emigrantes digitais», não possuem o conhecimento e a sabedoria necessária para participarem de forma ativa nesta sociedade digital, vendo assim os seus ideais e valores a serem substituídos por ideais pós-modernos, onde a cultura do «usa e deita fora» e a pressa do agora acaba por apagar os acentos do tempo.

Parte II
INVESTIGAÇÃO EMPÍRICA

Capítulo V – Conceptualização da investigação

5.1. Metodologia

Quando falamos em investigação científica, falamos na construção de conhecimento que pode ser criado através de duas formas: a partir da formulação de novas teorias ou através da validação de teorias já existentes. Ambos os processos são importantes e ambos carecem da aplicação de metodologias eficazes de forma a avaliar os seus resultados.

O conhecimento científico tem portanto, na sua origem, procedimentos de verificação baseados em metodologias científicas, aplicadas de acordo com cada área em estudo. Para a definição dessas metodologias são necessários instrumentos de recolha e análise de dados, que por sua vez são definidos através do método.

A origem da palavra «método» vem do grego, *methodos*, composta por *meta: através de, por meio*, e por *hodos: via, caminho*. Servir-se de um método é portanto tentar ordenar o trajeto através do qual se possam alcançar os objetivos inicialmente definidos na investigação. O método refere-se assim a um caminho que nos permite chegar a um determinado fim. Segundo Turato (2003) podemos definir «*método*» como um conjunto de regras que escolhemos e aplicamos, com o objetivo de recolher dados que nos ajudem na compreensão da realidade que pretendemos estudar.

Importa também aqui salientar uma característica que nos ajuda a compreender melhor o sentido do conceito de método - a imprevisibilidade (Hegenberg, 1976). Para Hegenberg, método é «*o caminho pelo qual se chega a determinado resultado, ainda que esse caminho não tenha sido fixado de antemão de modo refletido e deliberado*». (Hegenberg, 1976, 115).

Trata-se portanto de um processo de aprendizagem, onde durante o seu percurso vamos aplicando e adaptando os nossos instrumentos de análise e recolha de dados, através de uma metodologia devidamente construída de acordo com a realidade que pretendemos investigar.

A metodologia pode então ser compreendida como um mapa, onde as estradas representam os instrumentos que decidimos escolher para atingirmos o nosso objetivo. Traduz-se portanto na forma como conduzimos a nossa pesquisa, composta por um conjunto de regras e instrumentos essenciais para nos aproximar da verdade - é a explicação minuciosa, detalhada e rigorosa de toda ação desenvolvida no trabalho de pesquisa.

No que diz respeito à escolha da metodologia para esta investigação, decidimos optar pela aplicação de uma metodologia mista: qualitativa e quantitativa. A análise qualitativa foi essencialmente centrada na observação de campo e na realização de entrevistas, tendo como objetivo pôr à prova afirmações e interpretações previamente aceites sobre a configuração e funcionamento das tecnologias de informação e comunicação no dia-a-dia dos seniores. Como instrumento de avaliação quantitativa optámos por aplicar um questionário que foi extremamente útil na análise e extrapolação de dados quantitativos.

Partindo assim de uma perspectiva dedutiva, ou seja, do geral para o particular, a nossa metodologia foi dividida em cinco fases: i) definição do problema; ii) revisão de literatura; iii) construção do modelo de análise; iv) recolha e tratamento de dados; v) discussão de resultados e conclusões finais.

A definição do problema constituiu portanto a primeira etapa da nossa investigação. Nesta fase fomos fazendo um trabalho de exploração que nos permitiu reformular questões de partida, tentando assim perceber a problemática do estudo, ao mesmo tempo que tentávamos compreender as ligações existentes entre os vetores de análise correspondentes aos domínios que os constituíam.

A revisão da literatura constituiu a segunda etapa da nossa investigação. Nesta fase foi necessário fazer uma revisão de literatura específica acerca dos seniores e das novas TIC de modo a compreender melhor esta realidade e os fenómenos sociais a ela subjacentes. Esta fase foi bastante importante pois ajudou-nos a construir os mapas mentais que nos apoiaram no desenho e na compreensão das diversas narrativas que fomos captando ao longo deste processo, ajudando-nos também a definir os nossos instrumentos metodológicos. Tal como nos

recorda Demo (1985), o trabalho teórico serve para orientar as descobertas para posteriormente, sistematizar a realidade na mente do investigador.

A terceira etapa da desta investigação correspondeu à construção do modelo de análise. Nesta fase definimos as estratégias e os instrumentos que iríamos aplicar na nossa investigação bem como ao *timing* da sua realização. Optamos assim por iniciar a nossa investigação com o estudo de campo. Durante este estudo no terreno, realizamos quatro entrevistas semiestruturadas a alunos da Universidade Sénior de Famalicão e uma ao professor da disciplina. No final do estudo de campo aplicamos o questionário que se estendeu à população sénior geral residente, na sua maioria, no Norte Portugal.

A escolha de um modelo misto de investigação revelou-se extremamente útil pois para além de nos ajudar a estabelecer os instrumentos de recolha de dados, também nos ajudou a aproximar mais da realidade sénior, captando outras dimensões que a revisão bibliográfica por vezes não é capaz de vislumbrar.

A quarta etapa centrou-se no tratamento e análise de dados através do programa Statistical Package for the Social Sciences (SPSS). Para a análise da primeira parte do questionário correspondente aos hábitos de uso da Internet procedemos à análise psicométrica dos dados, enquanto para a segunda fase, correspondente aos hábitos sociais dos seniores, procedemos à validação da escala, ao estudo da sua dimensionalidade e consistência interna. Por fim analisamos as correlações entre as variáveis correspondentes a cada domínio da escala.

A quinta etapa correspondeu à discussão de resultados e conclusões finais do estudo.

5.2. Caraterização da amostra

Os critérios de seleção da amostra incidiram sobre três premissas principais: idade igual ou superior a 60 anos, ter uma vida social ativa e estar em boa condição física. Embora a ONU (2012) defina que a terceira idade começa aos 60 anos nos países em vias de desenvolvimento e aos 65 anos nos países desenvolvidos, a maioria dos estudos atribui a meta dos 60 anos como base de estudo, razão pela qual também optámos pelo mesmo índice etário. Por outro lado, ao definirmos que os seniores devessem ter uma vida social ativa permitiu-nos excluir os seniores residentes em lares ou dependentes de terceiros devido ao facto de poder haver fortes indícios de exclusão social.

Optámos também por não estudar apenas os alunos das universidades seniores portuguesas mas antes estender a investigação à população sénior em geral, baseando-nos numa amostra não probabilística. Embora a amostragem probabilística seja preferencial em relação à não probabilística, por limitações de tempo, custos e exequibilidade, optámos pela segunda, aplicando assim o método de amostragem por conveniência.

A nossa amostra foi constituída por 106 indivíduos, 54 do sexo feminino e 52 do sexo masculino, sendo que a maior parte dos inquiridos residia no distrito do Porto (71.7%) e os restantes distribuídos pelos distritos de Braga (20.8%); Coimbra (3.8%); Leiria (1.9%) e Guimarães (1.9%). Relativamente à idade dos inquiridos, esta variou entre os 60 e os 87 anos, verificando-se uma maior predominância nos indivíduos com idades compreendidas entre os 65 e os 66 anos, 19.8% e 10.4% respetivamente. A média de idades nas mulheres foi de 68 anos, enquanto nos homens foi de 70 anos. Cerca de 87% dos inquiridos era aposentado. Ao nível da escolaridade, cerca de 60% da amostra possuía escolaridade ao nível do ensino básico e secundário, enquanto 40% possuía escolaridade ao nível do ensino superior.

No que toca ao rendimento a média foi superior a 1.000 euros, sendo que apenas 1.9% dos homens auferia rendimentos inferiores a 500 euros contra 7,4% das mulheres. Cerca de 52% dos inquiridos viviam sozinhos e 35,8% na companhia de outro elemento.

5.3. Formulação de hipóteses

A hipótese representa um enunciado provisório prévio a qualquer investigação tendo como objetivo principal demonstrar ou verificar um enunciado composto por uma consistência lógica baseada em conhecimento científico. Todo o processo de investigação tem assim como objetivo principal testar o enunciado. Neste ensaio, as nossas hipóteses dirigem o nosso trabalho na medida em que serviram de guia para a exploração empírica da nossa investigação.

Deste modo colocamos as seguintes hipóteses iniciais:

H1. Os seniores que utilizam a Internet apresentam sinais de sociabilização mais fortes do que os seniores que não a utilizam.

O próprio termo exclusão está ligado à falta de algo, a um certo isolamento do indivíduo em relação aos outros e às instituições que o rodeiam. As esferas sociais nas quais o indivíduo está inserido, desde a família, aos amigos, aos vizinhos até às coletividades em geral, representam um forte alicerce com o meio envolvente representando um indicador de inclusão social (Costa *et al.*, 2008) combatendo deste modo o isolamento e a solidão.

Embora alguns estudos indiquem que a Internet potencia a sociabilidade (e.g. Hampton e Wellman, 2003; Wellman e Haythorhwaite, 2002; Katz e Rice, 2002) outros referem que a Internet, a partir de um certo limite de atividade, pode começar a substituir outras atividades tais como tarefas domésticas, a atenção à família e ausência do sono (e.g. DiMaggio, Hargittai, Neuman, Russell e Robinson, 2001). Pretendemos portanto verificar se os seniores que utilizam a Internet revelam um grau de sociabilização mais forte em relação aos seniores que não a utilizam verificando desta forma se Internet pode representar um fator potenciador das relações sociais na terceira idade.

H2. O rendimento pode ser um fator de infoexclusão na terceira idade.

Segundo o dicionário de língua portuguesa, «infoexclusão» pode ser definida como o «*desconhecimento que origina a falta, ou impossibilidade, de acesso a informação, nomeadamente através das novas tecnologias de comunicação como a Internet*» (Priberam, 2013). A infoexclusão apresenta-se então na incapacidade de aceder a estas novas infraestruturas e serviços que, segundo Loader (Loader, 1997: 137), podem resultar no «*reforço das desigualdades entre os que têm e os que não têm acesso à informação*».

Num estudo qualitativo do Euro barómetro sobre pobreza e exclusão Social, os seniores referiram que devido ao facto de não terem acesso à Internet, o seu grau de isolamento e solidão aumentava pois esse acesso representaria, na opinião dos inquiridos, um fator libertador e potenciador das suas capacidades de intervenção. O impacto negativo mais citado pelos seniores que não tinham acesso à Internet prendia-se com o facto de esta «*infoexclusão*» contribuir para um maior aumento da solidão, do *stress* e da ansiedade, provocando deste modo um sentimento de exclusão da social (EAPN, 2011).

Pretendemos deste modo verificar, se um menor nível de rendimentos pode estar relacionado com um menor nível de acesso à Internet potenciando deste modo o fosso entre os «*info-ricos*» e os «*info-pobres*».

H3. Os seniores que passam mais horas na Internet sentem-se melhor consigo próprios, melhor com as suas vidas e menos vezes sós.

Segundo Estivil (2003) a exclusão social está diretamente ligada ao grau de insatisfação em que o ser humano se pode encontrar por não conseguir atingir ou alcançar os seus desejos e ambições pessoais e familiares. Uma das formas do indivíduo se sentir melhor consigo próprio passa pela capacidade de ter uma vida social ativa e preenchida. Neste sentido, a Internet pode produzir um efeito de bem-estar nos seniores, na medida em que os ajuda a passar o tempo e a combater a solidão (Alves, 2013). Pretende-se portanto verificar se os seniores que passam mais horas na Internet se sentem menos sós e se sentem uma maior satisfação pessoal com as suas vidas em particular, comparativamente com os seniores que passam menos horas ou que nunca a utilizam a Internet.

H4. Os seniores com idade mais avançada revelam uma maior tendência para pesquisarem informação relacionada com a saúde e religião.

Alguns estudos indicam que a saúde e a religião são dois dos temas mais pesquisados pelos seniores na Internet (e.g. Lini, 2010). Estes indicadores sugerem a existência de uma necessidade dos seniores em procurarem na Internet uma ferramenta de pesquisa de informação relacionada com saúde e religião. Neste sentido, iremos verificar se os seniores com mais idade aumentam a frequência de pesquisa deste tipo de conteúdos.

H5. Os seniores que acedem à Internet há mais anos utilizam o comércio eletrónico com mais frequência.

Vários estudos indicam que a adesão dos seniores ao comércio eletrónico ainda não é significativa. Apenas uma pequena parte dos seniores adere a este tipo de funcionalidades que a Internet oferece (Lini, 2010). Pretendemos assim verificar se os seniores que utilizam a Internet há mais anos realizam com mais frequência este tipo de operações e de que forma esse uso pode estar relacionado com a escolaridade e com o rendimento.

H6. Os seniores que utilizam a Internet têm maior acesso à cultura e à informação em geral

Para Costa *et al.* (2008), a impossibilidade de se exercer uma cidadania plena através do acesso à educação ou aos sistemas básicos de saúde representa por si só um fator de exclusão social. Deste modo, a dificuldade no acesso à educação, à cultura e à saúde representam indicadores de exclusão social, na medida que inibem o indivíduo de aceder aquilo que pretende. Por outro lado, o acesso à informação também pode levar que estes indivíduos sejam excluídos de algumas esferas sociais por não conseguirem acompanhar as evoluções tecnológicas levando-os assim a uma situação de infoexclusão, podendo, segundo Costa *et al.* (2008), levar a uma situação de rutura com os sistemas sociais básicos.

Iremos portanto verificar se os seniores que utilizam a Internet têm um maior acesso à cultura e à informação em geral, que aqueles que não a utilizam, revelando assim o papel da Internet na promoção da cultura e informação na terceira idade.

5.4. Obstáculos e dificuldades

Todos os estudos científicos, por mais simples que pareçam, apresentam-nos sempre dificuldades e obstáculos. Em 2001, um relatório da UCLA (Universidade da Califórnia, Los Angeles), sobre comportamentos e atitudes dos utilizadores e não-utilizadores da Internet, começava da seguinte forma: “*Who is online? Who is not? What are users doing online?*” (Lebo, 2001). Na verdade, embora este estudo tenha mais de uma década, ainda muito pouco se sabe sobre os efeitos da Internet na sociedade, bem como dos comportamentos emergentes deste fenómeno.

Embora existam inúmeros estudos sobre os seniores e as TIC, nomeadamente os realizados pelo Pew Research Center's Internet & American Life Project, o conhecimento sobre os seus efeitos nas sociedades contemporâneas são ainda escassos. A complexidade destas relações e comportamentos levam-nos a esbarrar numa série de problemas e dilemas que ao longo do processo de investigação se tornam por vezes difíceis de ultrapassar. Neste sentido, o maior problema que tivemos de enfrentar prendeu-se efetivamente com a escassez de estudos que relacionassem os três vetores que compõem a nossa investigação: os seniores, a Internet e a exclusão social, bem como a aplicação da investigação a um universo da amostra mais abrangente e heterogéneo.

Capítulo VI – Instrumentos de recolha de dados

Introdução

Etimologicamente «*instrumento*» pode ser definido como algo que serve para executar algum trabalho ou fazer alguma observação, ou seja, tudo aquilo que nos mune de capacidade técnica para a realização de algo. Para De Bruyne (1975), no estudo das ciências humanas, nomeadamente na investigação qualitativa, existem três grandes grupos de técnicas de recolha de dados, são eles: «o inquérito, que pode tomar a forma de entrevista (oral) ou de questionário (escrito); a observação, que pode ser direta ou participante e a análise documental» (De Bruyne, 1975 *in* Lessard, Goyette e Gérald, 2010: 143).

De referir que o inquérito por questionário apenas pertence ao estudo qualitativo quando inserido num contexto de estudo de campo, ou seja sob a forma de entrevista informal, onde o investigador, através das suas abordagens vai retirando informação que julga pertinente para o seu estudo.

Optamos assim por utilizar três instrumentos de recolha de dados: o estudo de campo, através da observação participante, analisando e registando as características do nosso objeto de estudo; as entrevistas semiestruturadas e o inquérito por questionário.

6.1. Estudo etnográfico

A palavra etnografia reside nos vocábulos gregos «*ethnos*» - povo e «*grápho*» – descrever um povo. O estudo etnográfico recorre assim a técnicas provenientes das disciplinas de Antropologia Social, que consistem no estudo de um objeto através da observação direta da realidade onde esta se insere. Esta classe de investigação compara os sistemas sociais no tempo e no espaço, com o objetivo de verificar a sua estrutura e os caracteres que distinguem cada forma de comportamento.

Uma das principais funções da Antropologia Social é perceber como os seres humanos se comportam nas sociedades em que vivem, tornando os estudos etnográficos num método qualitativo, inserido na corrente filosófica do Interpretivismo. Assim, o método de pesquisa no terreno, e a observação direta do fenómeno que se pretende estudar, possibilitam ao investigador uma visão mais clara e objetiva do fenómeno que se pretende observar. Tal como refere Silva e Pinto (2009: 138) «(...) *a pesquisa no terreno é arte de obter respostas sem fazer perguntas*». Cabe portanto ao investigador conhecer o seu campo de análise para que possa descodificar as várias narrativas que vão sendo produzidas no terreno ao longo da sua investigação. Ainda como refere Costa:

«O método da pesquisa de terreno supõe, genericamente, presença prolongada do investigador nos contextos sociais em estudo e contato direto com as pessoas e as situações»

(Costa, 2009: 129)

As teorias do estudo de campo remontam ao século XIX com o estudo monográfico de Engels: «*A Situação da Classe Operária na Inglaterra (1845)*», onde a observação direta e participante estiveram na base do desenvolvimento dos seus estudos. No entanto, foi apenas no início do século XX, com a Escola de Chicago, que os investigadores começam a passar mais

tempo no terreno aperfeiçoando desta forma as suas técnicas de pesquisa, desenvolvendo ao mesmo tempo competências ao nível da observação participante (Silva e Pinto, 2009).

Optamos assim por fazer um estudo de campo com o objetivo principal de analisar o comportamento dos seniores no manuseamento das tecnologias de informação e comunicação, nomeadamente a Internet, recorrendo assim a técnicas provenientes das disciplinas da Antropologia Social, permitindo-nos observar diretamente o objeto que nos propusemos estudar, registando as relações e os comportamentos resultantes dessa interação.

Foi com esta premissa que desenvolvemos um protocolo de cooperação com a USF, de forma a podermos observar os seniores em ambiente de sala de aula de informática, registando os comportamentos e as relações que estes alunos foram desenvolvendo ao longo de seis meses, durante catorze aulas de informática. Ao longo deste período tivemos a possibilidade de observar e registar toda a informação que nos ia parecendo útil e pertinente para a nossa investigação.

O nosso estudo de campo teve início no dia 03 de Janeiro de 2012 e prolongou-se pelos seis meses seguintes, até ao dia 15 de julho de 2012. Durante este período tivemos a possibilidade de observar e conviver em ambiente de sala de aula com estes seniores, num contexto de aprendizagem das novas TIC, ao mesmo tempo que íamos estabelecendo relações de confiança que se vieram a revelar extremamente úteis na compreensão do contexto desta problemática. Esta observação continuada foi aplicada a três turmas, cada uma delas com uma aula quinzenal de duas horas, num total de 40 alunos inscritos, 17 homens e 23 mulheres.

Adotando uma tipologia de registo de dados de observação narrativos (Everston e Green, 1986), fomos tirando notas das várias situações que se iam apresentando na nossa presença, identificando algumas situações particulares, como por exemplo, a forma como os seniores criavam uma conta de *e-mail* ou faziam uma pesquisa *online*.

Fomos assim registando comportamentos e situações que de outro modo seriam impossíveis de verificar - desde posição do aluno na cadeira, até à forma como se aplicava nas tarefas solicitadas. Ao fim de algum tempo tornámo-nos num membro do grupo, criando um

grau de informalidade bastante positivo para o desenvolvimento deste estudo, revelando-se, tal como refere Costa (2009: 138) «*uma técnica nuclear da pesquisa de terreno*».

Os resultados obtidos nesta fase exploratória foram extremamente úteis para a compreensão da realidade que nos propusemos estudar, fornecendo-nos “pistas” importantes para a realização e aplicação dos restantes instrumentos de recolha de dados como as entrevistas e o questionário.

6.1.1. Conclusões do estudo etnográfico

Como resultado da observação realizada, começamos por destacar o facto de alguns destes seniores não saberem distinguir a diferença entre *software* e *hardware*, revelando igualmente dificuldades no uso dos botões do rato, levando-os por diversas vezes a clicar duas vezes nos *links*, saltando muitas vezes os ecrãs sem se aperceberem.

Alguns destes seniores também mostrou não saber distinguir as funções das teclas *Enter*, *Shift*, *Capslock*, *Control* ou *Delete*, tal como também não sabiam, ou desconheciam, o significado das extensões de ficheiros como *.doc*, *.jpg* ou *.pdf*.

Relativamente ao uso do computador, verificamos que embora alguns destes seniores soubessem «navegar» na Internet, por outro lado não possuíam alguns dos conhecimentos necessários para uma melhor utilização do computador, tal como por exemplo aceder a uma pasta; enviar um ficheiro para uma *pendrive* ou configurar uma conta de correio eletrónico *online*. O facto de alguns seniores utilizarem computadores com ecrãs de pequenas dimensões também contribuía para o agravamento destas dificuldades. Por fim, destacamos a dificuldade demonstrada por alguns destes seniores na compreensão de conteúdos em inglês.

No que toca aos hábitos de utilização da Internet, verificamos que estes seniores usavam a Internet preferencialmente para enviar e receber *e-mails*; consultar a meteorologia; ver notícias; comparar preços; consultar o horóscopo; consultar a grelha televisiva; pesquisar informação relativa à saúde²⁵ e destinos de férias - de referir que estes seniores não efetuavam compras *online* nem usavam o *homebanking*, mostrando receio em fornecer dados seus bancários via Internet, tal como observado por Martínez-Pecino, Cabecinhas e Loscertales (2011)

²⁵. Um deles seniores tinha um familiar com cancro e ia comparando os relatórios médicos com a informação que conseguia encontrar através da pesquisa na Internet.

Estes seniores mostraram ter noção do risco e dos perigos que o acesso fácil a conteúdos menos próprios pode provocar aos mais novos, levando-os muitas vezes a adotar uma atitude de vigilância relativamente às atividades dos seus netos nas redes sociais, nomeadamente aos grupos de amigos que aí são formados. Face à consciência que tinham acerca da exposição negativa que a Internet pode causar, a privacidade das suas redes sociais era gerida de forma bastante atenta e cuidada - a maioria destes seniores, senão a sua totalidade, apenas adicionava familiares e amigos próximos com receio de se estarem a expor em demasia.

Relativamente ao comportamento em aula, verificamos que a maior parte destes seniores não praticava com frequência os exercícios dados em sala de aula, fazendo com que as dificuldades de aprendizagem se agravassem, especialmente nos indivíduos do sexo masculino.

Pudemos também constatar, quer na observação realizada em aula, quer posteriormente em conversa com o professor das aulas de informática, que por vezes alguns seniores preferiam ficar sem entender a matéria do que solicitar ajuda - parafraseando um aluno da USF «*Quando não sabemos alguma coisa recorremos ao Interneto!*» [José, 65 anos].

Por outro lado, embora alguns destes seniores revelassem uma enorme satisfação quando realizavam uma tarefa com sucesso, quando não o conseguiam mostravam algum desconforto e irritação - de referir que este desconforto e irritação era mais visível nos homens.

Estes seniores também mostraram bastante Interesse no uso da Internet e das TIC em geral, revelando especial motivação na aprendizagem de programas de edição de imagem e vídeo - muitos destes seniores utilizavam o computador para arquivo fotográfico e multimédia.

Quanto ao formato das aulas de informática, pensamos que estas deveriam ser mais intensivas de maneira a facilitarem a assimilação dos processos, pois há medida que a idade avança os seniores vão revelando cada vez mais dificuldades na aprendizagem.

Achamos também que um menor número de alunos por turma tornaria a aprendizagem mais eficaz, pois os professores para além de terem mais tempo por aluno também poderiam esclarecer as dúvidas de forma mais personalizada. A falta de manuais didáticos e a inexistência

de docentes com formação específica para este tipo de ensino também representa uma lacuna, pois na nossa opinião são elementos indispensáveis para um ensino de qualidade.

Chamamos também a atenção para o facto de embora estes seniores utilizarem os seus pc's nas aulas, achamos que tal procedimento não é muito aconselhável, pois basta que o sistema operativo do computador usado pelo monitor tenha uma versão diferente do sistema operativo usado no computador do aluno para que se gere uma onda de confusão na sala de aula.

Por fim, embora este tipo de atividades em sala de aula se revelasse bastante útil e benéfica para o dia-a-dia destes seniores, promovendo o contacto social e ajudando-os a combater a solidão, achamos que não é o suficiente para combater a infoexclusão na terceira idade pois as metodologias aplicadas são mais pensadas em ajudar estes seniores a passar o tempo do que propriamente a combater a sua exclusão digital e social.

Achamos portanto que deveriam ser desenvolvidas políticas concretas e em consciência, de modo a ajudar realmente estes seniores a possuir um conhecimento mais sólido acerca do computador e da sua correta e útil utilização.

Para concluir, achamos que outros temas como o *cyberbullying*, o *phishing*, a invasão de privacidade ou o roubo de identidade, deveriam ser abordados e discutidos nas aulas de forma a ajudar os seniores a compreenderem e a defenderem-se melhor deste tipo de ameaças.

6.2. Inquérito por entrevista semiestruturada

A entrevista sendo um instrumento de avaliação qualitativa, está intrinsecamente ligada a outras formas de recolha de dados, levando a que o *timing* da sua aplicação seja alvo de discussão. Para Werner e Shoepfle (1987; *in* Lessard *et al.*, 1987) as entrevistas contribuem para contrariar ou desmistificar eventuais desvios próprios da observação participante, pelo que por isso devem ser aplicadas posteriormente ao estudo de campo.

Por outro lado, Pourtois e Desmet (1998 *in* Lessard *et al.*, 1987) defendem que a entrevista deve ser o instrumento inicial na exploração de um novo campo de estudo, devendo representar um processo preliminar quando o investigador se encontra perante uma situação ainda por “desbravar”.

Deste modo, achamos que a sua aplicação pode depender de ambas perspetivas, pois se por um lado a entrevista pode ter o fator preparatório ou instrumental que permitirá o enquadramento do investigador ao seu objeto de estudo, por outro lado permite confrontar os dados recolhidos no estudo de campo podendo suscitar novas questões e interpretações.

Assim, optamos por realizar as entrevistas no final do estudo de campo, pois para além de nos proporcionar uma melhor compreensão da realidade também permitiu que nos fôssemos familiarizando com o objeto de estudo, criando laços de confiança e partilha que nos permitiram recolher respostas mais genuínas e sinceras. Tal como referem Werner e Schopfle (1987 *in* Lessard *et al.*, 1987: 160)

«A entrevista permite ao observador participante confrontar a sua perceção do “significado” atribuído pelos sujeitos aos acontecimentos, com aquela que os próprios sujeitos exprimem fazendo com que desta forma, a recolha de dados não seja “contaminada” pela própria perceção do observador da realidade.»

Deste modo, aplicamos um modelo de entrevistas semiestruturadas, pois para além de serem mais flexíveis, também permitem ao investigador obter opiniões e impressões gerais, por vezes ocultas na observação de campo. Importa no entanto referir que:

«na recolha de informação pela via da entrevista, ou do questionário, tem de se ter sempre em conta que, mesmo nas questões ditas mais objetivas, tudo o que se obtém é uma declaração do sujeito sobre a observação que ele faz do seu próprio pensamento, comportamento ou situação»

(Costa, 2009: 142)

Assim, realizamos quatro entrevistas a alunos da USF: duas ao sexo feminino e duas ao sexo masculino. Para além destas entrevistas, também entrevistamos o professor das aulas de informática com o objetivo de obter uma visão mais prática e abrangente acerca da realidade do ensino sénior. As questões que abordamos incidiram inicialmente sobre os hábitos e comportamentos associados ao uso da Internet e na forma como os seniores olhavam para este novo meio de comunicação de massa. Posteriormente fomos inserindo novas questões relacionadas com alguns indicadores de exclusão social tais como o relacionamento com familiares, amigos e vizinhos; atividades de voluntariado ou o acesso à cultura (Estivil, 2003: 59).

6.2.1. Conclusões do inquérito por entrevista semiestruturada

Embora estes seniores não passassem muitas horas em frente ao computador, o seu uso era frequentemente associado a uma certa forma de distração e de combate à solidão. Como dizia a certa altura um dos seniores entrevistados:

“ Isto é viciante, uma pessoa gasta aqui umas horitas num instante”

[Carlos, 77 anos].

Relativamente aos hábitos relacionados com o uso da Internet, os seniores que entrevistamos utilizavam essencialmente a Internet para consultar o *e-mail*, ver a meteorologia, consultar informação sobre saúde, ver a programação da televisão, recorrer a dicionários *online*, comparar preços e pesquisar informação geral. O acesso era geralmente feito através de casa e o *e-mail* era a ferramenta mais utilizada, especialmente no envio de *e-mails* para os amigos. Quando diziam não conhecer o emissor do *e-mail* não abriam a mensagem com medo de conter algum vírus informático. Nenhum dos entrevistados tinha o *e-mail* configurado no seu pc, preferindo usar outras plataformas *online* como o Gmail ou o Sapo.pt. Também não faziam compras *online* por não confiarem ainda neste tipo de operações.

A grande vantagem da Internet para estes seniores, reside na possibilidade de poderem aceder a informação que de outro modo seria muito mais difícil. As desvantagens existem principalmente na extrema facilidade com que os jovens acedem a conteúdos inapropriados para as suas idades, podendo levá-los a ter dificuldade em discernir entre o correto e o incorreto, entre o real e o virtual, referindo que uma das razões de isto acontecer se deve os pais deixarem os seus filhos «à vontade» não fazendo uma monitorização correta do uso do computador.

Também não revelaram ser utilizadores assíduos das redes sociais, utilizando mais estas redes para manter contacto com familiares amigos e distantes, tal como observado por Martinez-

Pecino *et al.* (2013), estes seniores não possuíam contactos nas redes sociais de pessoas que não conheciam na vida real nem que não considerassem «verdadeiros» amigos.

Nenhum dos entrevistados acedia à Internet através de outro dispositivo que não o computador, revelando, tal como verificaram Martinez-Pecino *et al.* (2011), que a mobilidade que a Internet hoje permite ainda não está a ser devidamente explorada por esta faixa etária.

O local geralmente escolhido para aceder à Internet era a sala, muitas das vezes enquanto viam televisão. De uma forma geral, estes seniores afirmaram acreditar na veracidade da informação que viam na Internet, aceitando-a como um meio credível de informação. De referir que nenhum dos seniores achou existir algum tipo de controlo feito através da Internet, referindo uma geral sensação de bem-estar após a sua utilização.

6.3. Inquérito por questionário

Toda a pesquisa se baseia no ato de questionar, no esclarecimento das realidades que se pretende compreender, onde o principal objetivo reside na obtenção de respostas válidas para a explicação dessas mesmas realidades. O questionário ao representar um instrumento de recolha de dados quantitativos permite-nos quantificar a informação de forma exata e verificável. Importa também referir que existem vários tipos de questionários, aos quais se exigem diferentes técnicas e instrumentos de aplicação, pois cada um pode representar diferentes problemas teóricos suscitando assim conjuntos diversos de questões teóricas, epistemológicas e metodológicas (Sousa e Baptista, 2011: 89).

Relativamente à estrutura do nosso questionário, partilhamos o conceito de Quivy e Campenhoud (1992), que definem o questionário como um instrumento de observação não participante, baseado numa sequência de questões escritas, dirigidas a um conjunto de indivíduos, envolvendo as suas opiniões, representações, crenças e informações fatuais, sobre eles próprios e o seu meio.

Deste modo, aplicamos o nosso questionário a 106 indivíduos, com idade igual ou superior a 60 anos, residentes em Portugal. Este questionário foi do tipo fechado e de administração direta, simplificando deste modo o tratamento e análise dos dados. Após o seu preenchimento, os inquiridos colocaram os questionários num envelope fechado, previamente fornecido. Esta solução para além de lhes garantir total anonimato, também promoveu uma menor inibição nas respostas, atribuindo assim um maior rigor aos dados recolhidos.

Como instrumento de medida optamos pela escala de Likert, uma das mais conhecidas escalas psicométricas utilizada em pesquisa quantitativa, nomeadamente em pesquisas de opinião, permitindo ao entrevistado especificar o seu nível de concordância com uma determinada afirmação. Deste modo, utilizamos uma escala de intervalos de 1 a 4, onde 1 equivalia a «nunca» e 4 a «diariamente».

Antes da aplicação do nosso questionário, realizamos um pré-teste com oito seniores frequentadores da USF, com objetivo testar a sua aplicabilidade e corrigir eventuais erros, nomeadamente no que diz respeito à compreensão das perguntas. A escolha dos inquiridos para este pré-teste deveu-se sobretudo ao fator proximidade, pois nessa fase estávamos em pleno trabalho de campo. Com esta técnica pudemos verificar se os inquiridos compreendiam todas as questões; se existia alguma questão que não fosse aceite e portanto inutilizável e se o intervalo das escalas era o mais correto e claramente compreendido.

Aproveitamos também para recolher algumas sugestões com vista à melhoria do questionário final. Esta fase foi bastante importante pois permitiu verificar se existiam dúvidas na sua compreensão, ajudando a prevenir futuros erros que pudessem mais tarde inviabilizar a nossa investigação. Após a aplicação do pré-teste, passamos à distribuição do questionário.

O conteúdo do questionário foi dividido em três partes. A primeira parte correspondia ao perfil sociodemográfico da amostra, a segunda parte aos hábitos de utilização da Internet e a terceira parte dizia respeito aos hábitos sociais dos seniores.

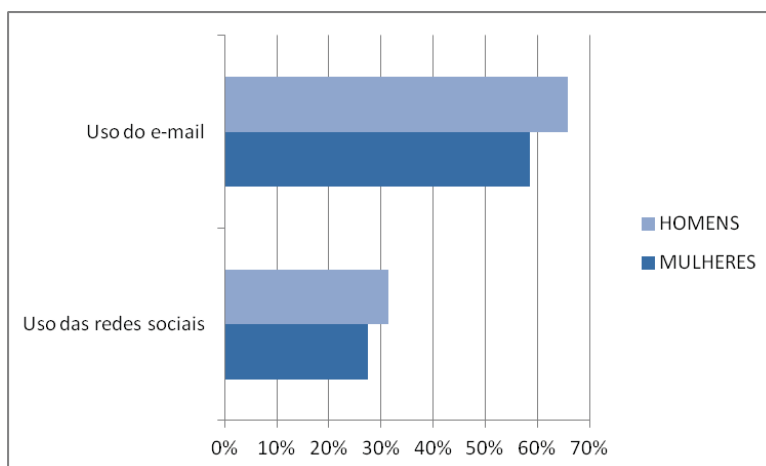
Na definição do perfil, podemos registar dados como a idade, o agregado familiar, o grau de escolaridade, o rendimento mensal e o número de horas gasto por semana na Internet. Se o número de horas gasto na Internet fosse igual a zero horas, os inquiridos passariam diretamente para a terceira parte do questionário, não respondendo assim às questões relacionadas com os hábitos de utilização da Internet. Na segunda parte do questionário pudemos avaliar o grau de ligação dos seniores às redes sociais, ao uso dos *blogs* e *chats*, o tipo de informação que pesquisavam e que relações comerciais realizavam através da Internet. Por fim, na terceira parte do questionário pudemos quantificar os nossos indicadores de exclusão social através da avaliação do grau de participação social, do nível de acesso à cultura e à informação, do grau de privação e rejeição e do sentimento de bem-estar.

6.3.1. Análise estatística descritiva do inquério por questionário

Através da análise estatística descritiva do nosso questionário, começamos por referir que dos 106 seniores que participaram neste estudo, 60% eram utilizadores da Internet e 40% não utilizadores, não havendo diferenças significativas entre homens e mulheres.

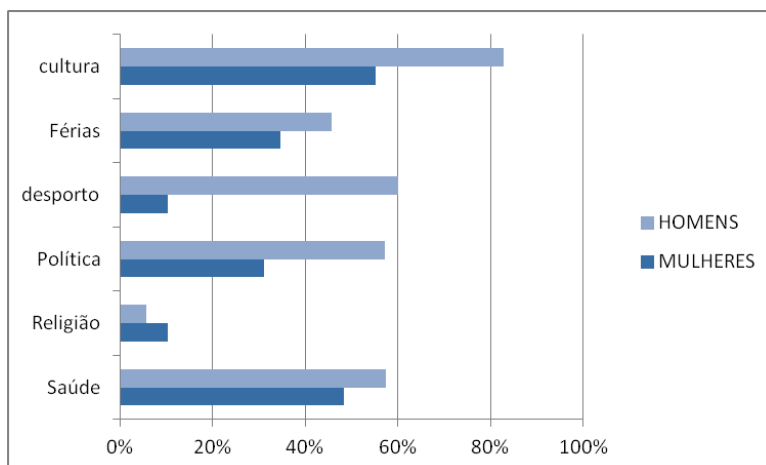
No que toca aos utilizadores da Internet, verificamos que a maior parte dos seniores acede à Internet há menos de cinco anos e que gasta entre cinco a dez horas por semana a «navegar». Também parecem não ser utilizadores assíduos das redes sociais preferindo antes o *e-mail* para comunicar entre si. Os dados parecem igualmente indicar que estes seniores não participam em *chats* e não têm por hábito inserir conteúdos em redes sociais.

Gráfico 1. Uso do e-mail e redes sociais



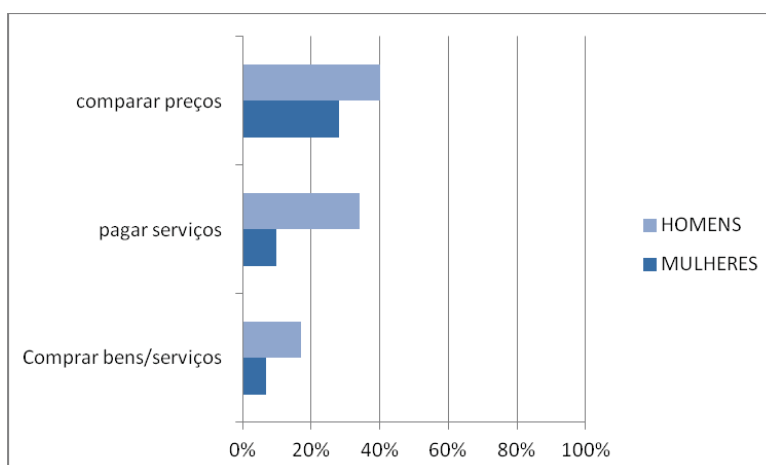
Relativamente ao tipo de informação pesquisada na Internet, os dados parecem revelar uma preferência pela procura de informação relacionada com saúde, férias e cultura geral, verificando-se uma maior apetência nos seniores do sexo masculino neste tipo de pesquisas. Por outro lado, constatamos que, contrariamente às nossas hipóteses a informação religiosa é pouco pesquisada. No que toca ao sexo dos inquiridos, as diferenças só são significativas no que toca à pesquisa de informação desportiva, cultural e política.

Gráfico 2. Pesquisa de informação na Internet



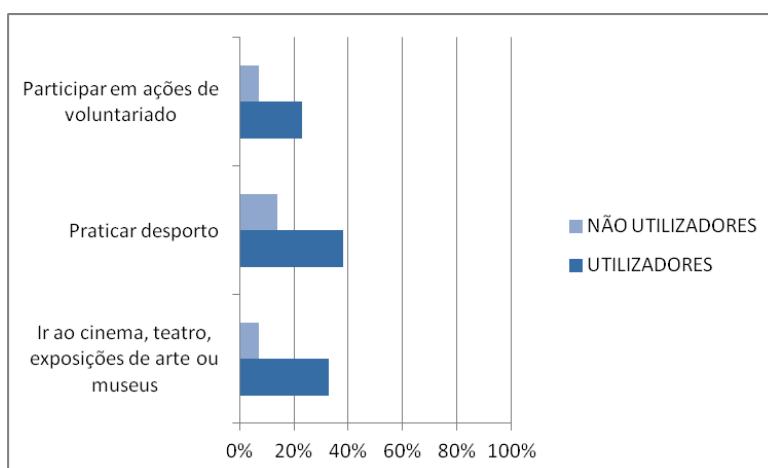
Os dados também apontam para uma fraca adesão às transações comerciais *online* na medida em que apenas 13% do total destes seniores o faz com alguma frequência. De referir que os homens revelam uma maior apetência para este tipo de transações, nomeadamente no que diz respeito ao pagamento de serviços.

Gráfico 3. E-commerce



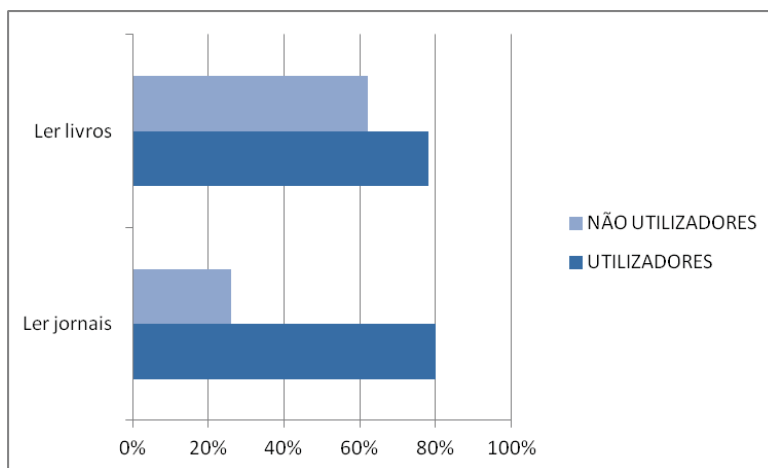
Verificamos também que os seniores que utilizam a Internet parecem ir com mais frequência ao cinema, ao teatro, museus e exposições de arte, praticam mais desporto e participam em mais ações de voluntariado. De referir que no universo dos seniores que utilizam a Internet, apenas 17% dos homens declara praticar ações de voluntariado com alguma frequência contra 31% das mulheres.

Gráfico 4. Ir ao cinema, praticar desporto e ações de voluntariado



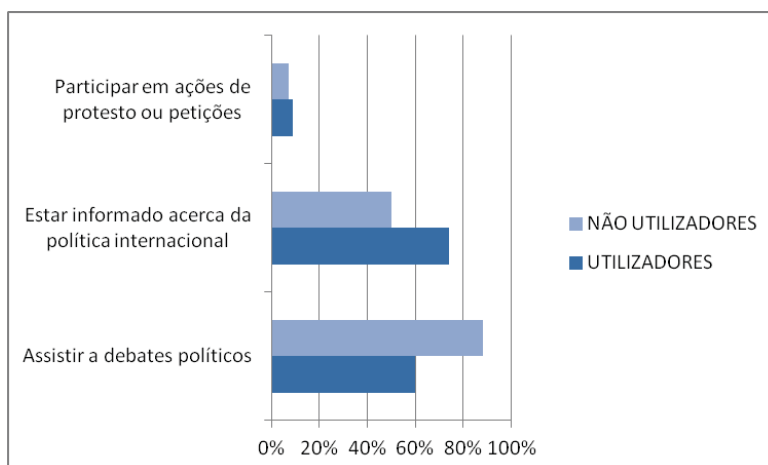
Já no que toca aos hábitos de leitura, os dados parecem indicar que os seniores utilizadores da Internet lêem mais jornais, o mesmo não acontecendo com os livros onde não se encontraram diferenças significativas. Relativamente ao género, apenas se encontraram diferenças significativas nos seniores não utilizadores da Internet. Os dados parecem indicar que, relativamente à leitura de livros, as mulheres apresentam quase o dobro da percentagem dos homens, 32% contra 18%. Já no hábito de ler jornais, os seniores do sexo masculino representam quase o dobro da percentagem das mulheres com 82% e 48% respetivamente.

Gráfico 5. Ler livros e jornais



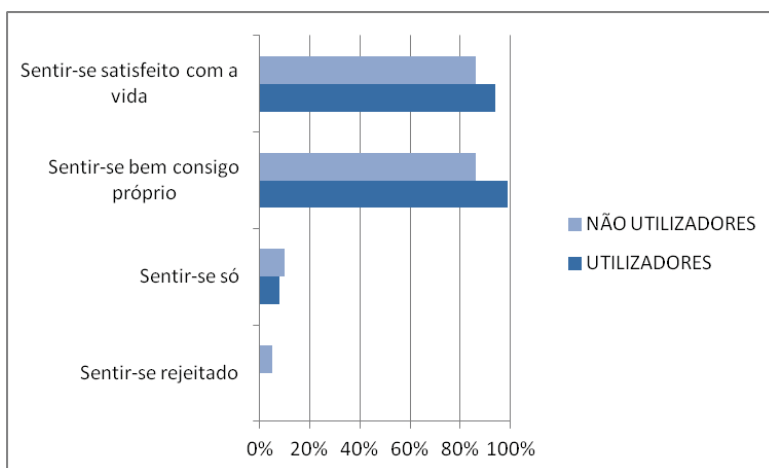
Porém, embora os seniores de um modo geral pareçam assistir com alguma frequência a debates políticos, embora com maior incidência nos seniores não utilizadores da Internet, por outro lado, os seniores que utilizam a internet parecem estar mais bem informados acerca da política internacional. Em relação ao género não se encontraram diferenças significativas

Gráfico 6. Participar em ações de protesto, estar informado acerca da política internacional e assistir a debates políticos.



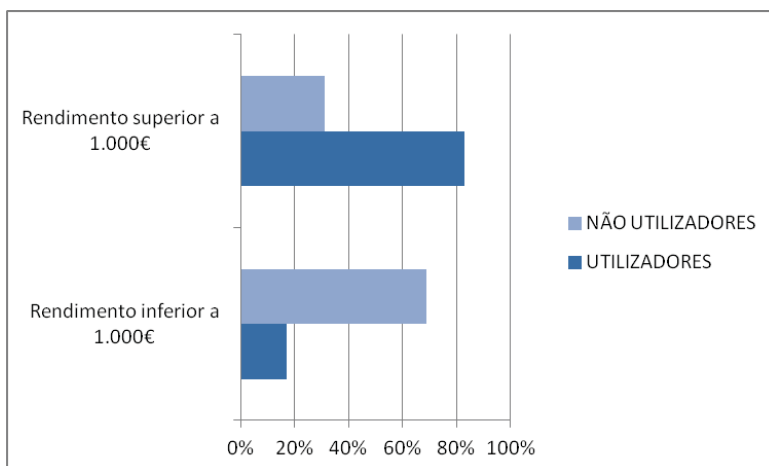
No que diz respeito à forma como os seniores, utilizadores e não utilizadores da Internet, se sentem com as suas vidas em particular, não se encontraram diferenças significativas.

Gráfico 7. Sentir-se rejeitado, só, bem consigo próprio e com a sua vida.



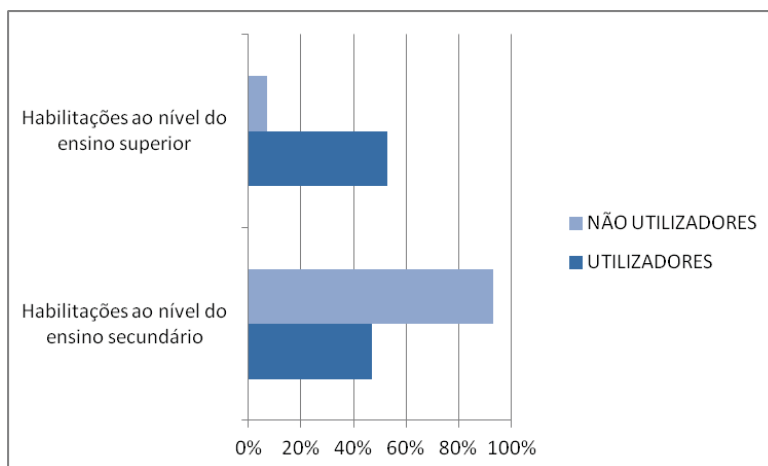
Importa também referir que os dados sugerem diferenças significativas ao nível do rendimento. De facto, os dados parecem apontar diferenças significativas entre os níveis de rendimento dos seniores utilizadores e não utilizadores da Internet.

Gráfico 8. Rendimento



O mesmo acontece com as habilitações literárias, onde os dados também parecem revelar diferenças significativas entre os seniores utilizadores e não utilizadores da Internet. Como se pode constatar no Gráfico 9, apenas cerca de 7% dos seniores que não utilizam a Internet possuem habilitações superiores, contra cerca de 53% dos seniores que a utilizam. Por outro lado, 93% dos seniores que não utilizam a Internet possuem habilitações ao nível do secundário contra 47% dos seniores que a utilizam.

Gráfico 9. Habilitações



Capítulo VII – Validação dos instrumentos

Introdução

Neste capítulo vamos discutir a validação da escala de modo a conferirmos a fiabilidade desejada ao nosso constructo. Deste modo, iremos proceder à validação da escala do questionário, de forma a verificarmos se este possui ou não as qualidades psicométricas necessárias para a conclusão da nossa investigação.

As variáveis que utilizamos tiveram como base indicadores de exclusão social que definimos através da revisão de literatura sobre o tema e que se dividem em cinco domínios: o domínio social, o domínio institucional, o domínio económico, o domínio espacial e o domínio simbólico. Os indicadores pertencentes a cada um destes domínios, para além de nos ajudarem a perceber as relações e a forma como os seniores interagem com a sociedade, também nos irão permitir avaliar o estado como se sentem consigo próprio e com as suas vidas em particular.

Após a validação dos nossos indicadores iremos verificar a consistência e a validade do nosso constructo através da análise de consistência da escala, recorrendo para isso à análise fatorial que consistiu na extração dos componentes principais correspondentes a cada uma das dimensionalidades da escala.

7.1. Validação da escala

Segundo Messik (1989 *in* Moreira, 2009) podemos definir validade como:

«um julgamento avaliativo integrado acerca do grau em que os dados empíricos e as explicações teóricas apoiam a convicção de que as inferências e as ações baseadas nos resultados dos testes ou noutras formas de avaliação são adequadas e apropriadas».

Partindo desta definição, toda a investigação empírica deve ser acompanhada pela defesa e justificação acerca da forma como os dados são recolhidos, bem como da justificação das inferências resultantes da análise desses mesmos dados. Neste sentido, todas as inferências realizadas a partir dos resultados de um qualquer instrumento de medida, devem ser apoiadas em argumentos que justifiquem essas mesmas interpretações. Os instrumentos de medida devem assim avaliar de forma correta as variáveis incluídas na teoria, de modo a que a mesma possa ser confirmada (Messik, 1989 *in* Moreira, 2009: 20).

Trata-se portanto de um «julgamento integrado», na medida em que os dados empíricos e as explicações teóricas que utilizamos para inferir determinadas conclusões, não são por si só suficientes para estabelecer o comportamento de um determinado fenómeno social. Tal como também não será suficiente mostrar que uma determinada escala permite prever um determinado comportamento sem termos como base os mecanismos e as estruturas psicológicas que poderão estar na base desses mesmos comportamentos.

Conclui-se portanto que as interpretações que fazemos a partir da análise dos resultados e os próprios resultados em si devem ser sempre considerados de forma interdependente (Moreira, 2009: 336) de acordo com a experiência e a sensibilidade que cada investigador tem sobre o tema.

De referir que a validade, embora possa ser vista como um processo de decisão, pois a partir do momento em que o investigador se decide por um dado instrumento para a análise de um determinado fenómeno está a tomar uma decisão que terá influência nos resultados obtidos,

deve permitir ao investigador, através das diversas informações que dispõe, estimar o grau de validade do instrumento de avaliação que pretende utilizar, de modo a que a sua aplicação possa ser a mais adequada ao seu objeto de estudo (Moreira, 2009).

No entanto, um dos problemas que pode surgir nesta fase prende-se com o facto da medida que estamos a utilizar possa deixar passar em claro alguma característica que se pretendia medir, o que por vezes se torna inevitável face à multifacetação e interligação que cada uma dessas características representa. Cabe portanto ao investigador definir corretamente aquilo que pretende analisar, de modo a que a escala reflita com o máximo de rigor possível aquilo que se pretende medir (Moreira, 2009).

Neste sentido, dividimos a recolha dos nossos dados em duas áreas distintas: hábitos de utilização da Internet e hábitos sociais. No que diz respeito aos hábitos de utilização da Internet, criamos um índice de domínios, que nos permitiram quantificar esses mesmos indicadores.

Assim, através dos estudos que consultamos (e.g. Adams, Oye e Parker, 2003; Campbell e Wabby, 2002; CovenanteEyes, 2013; Lebo, 2013; Gizmodo, 2010; Lenhart, Purcell, Smith e Zickuhr, 2010; Lini, 2010; Madden, 2010; Malta, 2007; Obercom, 2012; Rainie, Purcell e Smith, 2011; WIP, 2013), criamos os seguintes domínios para a análise dos hábitos da Internet: o domínio social, económico, político e simbólico.

O domínio social está relacionado com a forma como os seniores gerem os seus laços sociais, nomeadamente no que diz respeito à utilização das redes sociais, ao envio e recebimento de *e-mails*, à participação em *chats* e à publicação de conteúdos em sites, *blogs* e redes sociais.

O domínio económico engloba tudo aquilo que está relacionado com as trocas ou transações comerciais, como comparar de preços, pagar contas *online* e adquirir bens e serviços.

O domínio político engloba as atividades relacionadas com a pesquisa de informação política, nomeadamente a pesquisa de informação política em geral ou de um facto político mais detalhadamente.

Por fim, o domínio simbólico está relacionado com os hábitos de pesquisa que seniores praticam quando pesquisam informação de carácter geral e sem nenhum objetivo concreto, tal

como a pesquisa de informação relacionada com saúde, religião, cultura geral, jogos, desporto, férias, relacionamentos amorosos ou visitar *websites* com conteúdos para adultos.

No Quadro 1 apresentamos os itens que serviram de base à recolha de dados relativa a cada um dos domínios acima referidos.

Quadro 1 - Domínios dos hábitos de utilização da Internet

Domínio Social	Item 6	Navegar em redes sociais
	Item 7	Enviar/receber <i>e-mails</i>
	Item 8	Participar em <i>chats</i>
	Item 9	Inserir conteúdos em <i>blogs</i> , sites ou redes sociais
Domínio Económico	Item 10	Comparar preços
	Item 18	Pagar contas via Internet
	Item 19	Adquirir bens e serviços através de compras <i>online</i>
Domínio Político	Item 14	Pesquisar informação política
	Item 20	Pesquisar um facto político mais detalhadamente
Domínio Simbólico	Item 12	Pesquisar informação sobre saúde
	Item 13	Pesquisar informação religiosa
	Item 21	Pesquisar informação de cultura geral
	Item 11	Jogar <i>online</i>
	Item 15	Pesquisar informação desportiva
	Item 17	Pesquisar destinos de férias/planear viagens
	Item 22	Procurar relacionamentos amorosos
	Item 16	Visitar sites com conteúdos para adultos

Relativamente aos indicadores relacionados com os hábitos sociais dos seniores e que nos irão permitir quantificar os indicadores de exclusão social, baseamo-nos nos domínios apresentados por Costa *et al.* (2008), Estivil (2003) e Xiberras (1993).

Segundo Costa *et al.* (2008), a exclusão social pode ser medida através de cinco domínios principais: i) domínio social; ii) domínio económico; iii) domínio institucional; IV)

domínio espacial; v) domínio simbólico. O domínio social diz respeito às redes relacionais do indivíduo onde a família está desde logo associada. Os seniores que vivem sozinhos estão à partida mais suscetíveis de se sentirem excluídos a partir do momento em que os seus laços sociais primários deixam de existir. Importa referir que estas redes relacionais também englobam as redes de vizinhança (territorial, social ou profissional) e as redes de amizade. As redes de sociabilidade que são geridas e criadas a partir das relações de amizade que se vão criando ao longo da vida também são fatores essenciais de inclusão social.

O domínio económico está relacionado com o nível de rendimento e à capacidade do indivíduo em adquirir aquilo que necessita para a sua vida. O domínio institucional tem a ver com a forma como o indivíduo se situa ao nível das instituições sociais nomeadamente no que diz respeito às barreiras e obstáculos que possam existir no acesso a essas instituições e que poderão estar ao nível da saúde, da educação, da cultura e da informação. O domínio espacial diz respeito à forma como os indivíduos se movem em relação ao espaço onde estão inseridos, nomeadamente no acesso à habitação, aos equipamentos culturais e sociais. Por fim, o domínio simbólico, que sendo o mais difícil de quantificar devido à sua subjetividade, se relaciona com a forma como o indivíduo se sente em relação às normas que lhe são impostas pela sociedade, ou seja, à forma como se vê em relação aos outros e ao grau com que se identifica em relação aos símbolos socialmente reconhecidos (Costa *et al.*, 2008). No nosso estudo, optamos por agrupar os itens relacionados com as relações sociais num só domínio - o domínio social. Os itens relacionados com a forma como os seniores se sentem em relação aos outros e a si próprios ficaram agrupados no domínio simbólico conforme se pode ver no Quadro 2.

Quadro 2 - Domínios de exclusão social

Domínio social	Domínio social
	Domínio económico
	Domínio institucional
	Domínio espacial
Domínio simbólico	Domínio simbólico

Deste modo, o domínio social representa as relações que o indivíduo tem com aqueles que o rodeiam, nomeadamente os seus familiares e amigos, o grau de envolvimento que tem com a sociedade onde está inserido e a perceção que tem do mundo que o rodeia. Por outro lado, o domínio simbólico representa a forma como o indivíduo se sente consigo próprio e com a sua vida em particular. No Quadro 3 e 4 podemos observar os indicadores utilizados no nosso questionário para medir cada um destes dois domínios.

Quadro 3 – Indicadores do domínio social de exclusão social

Domínio Social	Item 23	Costuma ir ao cinema, teatro, exposições de arte ou visitar museus?
	Item 24	Costuma praticar desporto?
	Item 25	Costuma praticar ações de voluntariado?
	Item 26	Costuma ser visitado por familiares e amigos?
	Item 27	Tem por hábito ler jornais?
	Item 28	Costuma ler livros?
	Item 29	Costuma assistir a debates políticos?
	Item 30	Costuma estar informado acerca da política internacional?
	Item 31	Costuma participar em ações de protesto ou petições?

Quadro 4 - Indicadores do domínio simbólico de exclusão social

Domínio simbólico	Item 32	Costuma sentir-se privado de algo?
	Item 33	Costuma sentir-se rejeitado?
	Item 34	Costuma sentir-se só?
	Item 35	De um modo geral, costuma sentir-se bem consigo próprio?
	Item 36	Sente-se satisfeito com a sua vida?
	Item 37	Costuma sentir-se limitado por razões de saúde?
	Item 38	Costuma ter dificuldade em ter acesso aquilo que procura?

7.2. Análise das respostas aos itens

Após verificarmos os dados omissos e alguns erros existentes na codificação das nossas variáveis, passamos à análise das respostas aos nossos indicadores onde analisamos as distribuições das frequências de resposta por item de modo a verificar a variabilidade de respostas aos mesmos.

Neste sentido, e no que diz respeito aos indicadores do domínio social, embora se tenha verificado em alguns itens uma frequência de resposta superior a 50%, a amplitude da escala é geralmente utilizada em toda a sua amplitude, não se verificando respostas muito polarizadas nos extremos, pelo que decidimos não os excluir já nesta fase, optando antes por analisar em primeiro lugar as comunalidades e as suas intercorrelações de modo a verificar se a sua inclusão ou exclusão seria benéfica para a definição da dimensionalidade da nossa escala.

Quadro 5 - Resposta aos itens pertencentes aos indicadores do domínio social

	Nunca	Raramente	Frequentemente	Diariamente
Item 23				
Costuma ir ao cinema, teatro, exposições de arte ou visitar museus?	19.8%	57.5%	22.6%	0%
Item 24				
Costuma praticar desporto?	32.1%	39.6%	24.5%	3.8%
Item 25				
Participa em ações de voluntariado?	43.4%	39.6%	11.3%	5.7%
Item 26				
Costuma ser visitado por familiares ou amigos?	0%	15.1%	65.1%	19.8%

Quadro 5 - Resposta aos itens pertencentes aos indicadores do domínio social (continuação)

	Nunca	Raramente	Frequentemente	Diariamente
Item 27				
Tem por hábito ler jornais?	3.8%	24.5%	38.7%	33%
Item 28				
Costuma ler livros?	8.5%	33%	43.4%	15.1%
Item 29				
Costuma assistir a debates políticos?	7.5%	37.7%	49.1%	5.7%
Item 30				
Costuma estar informado acerca da política internacional?	7.5%	28.3%	51.9%	12.3%
Item 31				
Costuma participar em ações de protesto ou petições?	51.9%	39.6%	7.5%	0.9%

Relativamente aos itens correspondentes ao indicador simbólico, embora tenhamos verificado uma taxa elevada de itens com frequências superior a 50%, achamos que estas não estavam excessivamente polarizadas, decidindo primeiro analisar as suas comunalidades e as suas intercorrelações para, e só posteriormente, optar pela sua manutenção ou não no estudo.

Quadro 6 - Resposta aos itens pertencentes aos indicadores do domínio simbólico

	Nunca	Raramente	Frequentemente	Diariamente
Item 32 Costuma sentir-se privado(a) de algo?	17%	66%	17%	0%
Item 33 Costuma sentir-se rejeitado(a)?	61.3%	36.8%	0.9%	0.9%
Item 34 Costuma sentir-se só?	37.7%	53.8%	7.5%	0.9%
Item 35 De um modo geral costuma sentir-se bem consigo próprio(a)?	1.9%	4.7%	64.2%	29.2%
Item 36 Em termos globais, sente-se satisfeito(a) com a sua vida?	3.8%	5.7%	62.3%	28.3%
Item 37 Costuma sentir-se limitado(a) por razões de saúde?	10.4%	61.3%	20.8%	7.5%
Item 38 Costuma sentir dificuldade em encontrar/ter acesso aquilo que procura?	12.3%	76.4%	10.4%	0.9%

7.3. Estudo da dimensionalidade da escala

Será através da validação do nosso constructo que iremos verificar se o questionário mede aquilo que pretendemos analisar. Para verificar essa validação iremos começar pelo estudo e avaliação das qualidades psicométricas da nossa escala, que se centrou no estudo da sua dimensionalidade através da técnica de análise fatorial exploratória em componentes principais (ACP).

Através da extração destes fatores iremos verificar se o nosso constructo realmente representa as duas dimensões que pretendemos estudar. Neste sentido, a adequação da amostra à factorização foi avaliada através do KMO ²⁶ (Kaiser-Meyer-Olkin) tendo sido obtido um valor de .656, que segundo Pestana e Gageiro (1998) apresenta um valor razoável.

O valor do *Bartlett Test of Sphericity* também foi significativo (χ^2 (106) = 476,320, $p < .001$), mostrando que existe correlação entre as variáveis. Relativamente à variância, as duas componentes encontradas explicam 37,14% da variância total sendo que o primeiro fator explica 21,207% e o segundo 15.933%.

Quadro 7 – KMO and Bartlett´s Test

Kaiser-Meyer-Olkin Measure of Sampling Adequacy.		,656
Bartlett Test of Sphericity	Approx. Chi-Square	476,320
	Df	120

26. O KMO é calculado com base nas correlações parciais. Este indicador compara as correlações simples com as parciais observadas entre as variáveis e varia entre 0 e 1. Valores de KMO perto de 1 indicam coeficientes de correlação parciais pequenos, enquanto um coeficiente próximo de 0 alerta para a inadequação da análise fatorial (Pestana e Gageiro, 1998). Para Kaiser (1974 *in* Leong e Austin, 2006) um valor de .90 neste índice poderia ser considerado “maravilhoso”, .80 “meritório” e .70 “mediano”. De referir que em ciências sociais é comum trabalhar com valores mais baixos.

Verificamos também que alguns dos indicadores apresentam comunalidades bastante baixas, sendo o item 26 (Costuma ser visitado por familiares e amigos); o item 32 (Costuma sentir-se privado); o item 37 (Costuma sentir-se limitado por razões de saúde) e o item 38 (Costuma ter dificuldade em encontrar/ter acesso aquilo que procura), aqueles que apresentam valores abaixo de .30.

Quadro 8 – Comunalidades

	Initial	Extraction
Item 23 Costuma ir cinema, teatro, exposições arte, ou museus	1,000	,642
Item 24 Costumar praticar desporto	1,000	,387
Item 25 Participa em ações de voluntariado	1,000	,312
Item 26 Costuma visitar ou ser visitado por familiares ou amigos	1,000	,145
Item 27 Tem por hábito ler jornais	1,000	,340
Item 28 Costuma ler livros	1,000	,333
Item 29 Costuma assistir a debates políticos	1,000	,323
Item 30 Costuma estar informado acerca da política internacional	1,000	,363

Quadro 8 – Comunalidades (*continuação*)

	Initial	Extraction
Item 31		
Costuma participar em ações de protesto ou petições	1,000	,351
Item 32		
Costuma sentir-se privado	1,000	,154
Item 33		
Costuma sentir-se rejeitado	1,000	,502
Item 34		
Costuma sentir-se só	1,000	,489
Item 35		
Costuma sentir-se bem consigo próprio	1,000	,607
Item 36		
Sente-se satisfeito com a sua vida	1,000	,572
Item 37		
Costuma sentir-se limitado por razões de saúde	1,000	,213
Item 38		
Costuma ter dificuldade em encontrar/ter acesso aquilo que procura	1,000	,211

Após a extração dos dois fatores através da rotação Varimax, verificamos que nove itens saturam no componente 1, a que designamos Social, e sete itens saturam na componente dois a que designamos por Simbólico, verificando deste modo a existência de duas dimensões, comprovando efetivamente que o nosso constructo mede na verdade aquilo que pretendemos analisar - as dimensões da escala da exclusão social no domínio social e no domínio simbólico.

Quadro 9 – Matriz após rotação

	Componente	
	Social	Simbólico
Item 23		
Costuma ir cinema, teatro, exposições arte, ou museus	,801	,012
Item 24		
Costumar praticar desporto	,614	,100
Item 25		
Participa em ações de voluntariado	,536	-,158
Item 26		
Costuma visitar ou ser visitado por familiares ou amigos	,340	-,172
Item 27		
Tem por hábito ler jornais	,581	-,058
Item 28		
Costuma ler livros	,567	,107
Item 29		
Costuma assistir a debates políticos	,568	-,005
Item 30		
Costuma estar informado acerca da política internacional	,575	,181
Item 31		
Costuma participar em ações de protesto ou petições	,585	-,095
Item 32		
Costuma sentir-se privado	-,131	,370
Item 33		
Costuma sentir-se rejeitado	-,180	,685
Item 34		
Costuma sentir-se só	-,074	,695
Item 35		
Costuma sentir-se bem consigo próprio	,142	,766
Item 36		
Sente-se satisfeito com a sua vida	,376	,656

Método de Extração: Componentes Principais. Método de Rotação: Varimax com Normalização Kaiser.

Quadro 9 – Matriz após rotação (*continuação*)

	Componente	
	Social	Simbólico
Item 37		
Costuma sentir-se limitado por razões de saúde	,156	,434
Item 38		
Costuma ter dificuldade em encontrar/ter acesso aquilo que procura	-,279	,365

Método de Extração: Componentes Principais. Método de Rotação: Varimax com Normalização Kaiser.

O passo seguinte terá como objetivo avaliar a consistência interna do constructo podendo assim verificar se os itens com comunalidades mais baixas devem permanecer ou serem excluídos da nossa escala.

7.4. Estudo da consistência interna

Passamos para a análise da consistência interna de cada uma das dimensões em estudo, utilizando para o efeito o Alpha de *Cronbach*. Assim, através da análise da correlação item-total ao nível do domínio social, verificamos que todos os itens apresentam correlações item-total superiores a .30, excetuo o item 26 (Costuma ser visitado por familiares ou amigos) cujo valor é de .226.

Também se verificou que a presença deste item na escala não altera o valor do alpha de *Cronbach* que é de .757, que, segundo Nunnaly (1978 *in* Marroco e Marques, 2006) pode ser considerado um valor fiável.

Quadro 10 – Estatísticas Item-total do domínio social

	Média da escala se o Item for removido	Variância da escala se o Item for removido	Correlação Item-total corrigida	Alpha de <i>Cronbach</i> se o Item for removido
Item 23				
Costuma ir cinema, teatro, exposições arte, ou museus	19,2925	12,323	,693	,694
Item 24				
Costumar praticar desporto	19,3208	12,429	,464	,725
Item 25				
Participa em ações de voluntariado	19,5283	12,880	,376	,741

Quadro 10 – Estatísticas Item-total do domínio social (*continuação.*)

	Média da escala se o Item for removido	Variância da escala se o Item for removido	Correlação Item-total corrigida	Alpha de <i>Cronbach</i> se o Item for removido
Item 26				
Costuma visitar ou ser visitado por familiares ou amigos	18,2736	14,563	,226	,757
Item 27				
Tem por hábito ler jornais	18,3113	12,445	,456	,726
Item 28				
Costuma ler livros	18,6698	12,795	,405	,735
Item 29				
Costuma assistir a debates políticos	18,7925	13,099	,445	,728
Item 30				
Costuma estar informado acerca da política internacional	18,6321	12,959	,417	,733
Item 31				
Costuma participar em ações de protesto ou petições	19,7453	13,315	,439	,730

Relativamente ao domínio simbólico verificamos que todos os itens apresentam correlações item-total superiores a .30, excetuo o Item 32 (Costuma sentir-se privado); o Item 37 (Costuma sentir-se limitado por razões de saúde) e o Item 38 (Costuma ter dificuldade em encontrar/ter acesso aquilo que procura) e o seu alpha de *Cronbach* é de .674.

Quadro 11 – Estatísticas Item-total do domínio simbólico

	Média da escala se o Item for removido	Variância da escala se o Item for removido	Correlação Item-total corrigida	Alpha de <i>Cronbach</i> se o Item for removido
Item 32				
Costuma sentir-se privado	18,9717	5,552	,214	,680
Item 33				
Costuma sentir-se rejeitado	18,3868	5,020	,450	,620
Item 34				
Costuma sentir-se só	18,6887	4,674	,502	,601
Item 35				
Costuma sentir-se bem consigo próprio	18,7642	4,620	,565	,584
Item 36				
Sente-se satisfeito com a sua vida	18,8208	4,777	,411	,629
Item 37				
Costuma sentir-se limitado por razões de saúde	19,2264	4,958	,294	,669
Item 38				
Costuma ter dificuldade em encontrar/ter acesso aquilo que procura	18,9717	5,571	,266	,667

Contudo, se eliminarmos o Item 32 (Costuma sentir-se privado de algo), o Item 37 (Costuma sentir-se limitado por razões de saúde) e o Item 38 (Costuma ter dificuldade em encontrar/ter acesso aquilo que procura) o valor do alpha de *Cronbach* sobe para .747.

Quadro 12 – Estatísticas de confiabilidade do domínio simbólico após eliminação dos Itens 32, 37 e 38

Alpha de <i>Cronbach</i>	Alpha de <i>Cronbach</i> com base em Itens standarizados	Total de Itens
,748	,747	4

Deste modo, decidimos eliminar do domínio social o Item 26 (Costuma ser visitado por familiares e amigos) aumentando ligeiramente as comunalidades e as intercorrelações entre restantes itens da escala.

Quadro 13 – Estatísticas Item-total do domínio social após remoção do Item 26

	Média da escala se o Item for removido	Variância da escala se o Item for removido	Correlação Item-total corrigida	Alpha de <i>Cronbach</i> se o Item for removido
Item 23				
Costuma ir cinema, teatro, exposições arte, ou museus	16,2453	11,044	,711	,692
Item 24				
Costumar praticar desporto	16,2736	11,020	,499	,723
Item 25				
Participa em ações de voluntariado	16,4811	11,852	,334	,755

Quadro 13 – Estatísticas Item-total do domínio social após remoção do Item 26 (continuação)

	Média da escala se o Item for removido	Variância da escala se o Item for removido	Correlação Item-total corrigida	Alpha de <i>Cronbach</i> se o Item for removido
Item 27				
Tem por hábito ler jornais	15,2642	11,206	,458	,731
Item 28				
Costuma ler livros	15,6226	11,304	,452	,732
Item 29				
Costuma assistir a debates políticos	15,7453	11,982	,414	,738
Item 30				
Costuma estar informado acerca da política internacional	15,5849	11,788	,400	,741
Item 31				
Costuma participar em ações de protesto ou petições	16,6981	12,098	,427	,736

A eliminação do item 26 (Costuma ser visitado por familiares ou amigos) também aumentou o Alpha de Cronbach de .757 para .762, dando assim mais consistência à dimensão do nosso domínio social.

Quadro 14 – Estatísticas de confiabilidade do domínio social

Alpha de <i>Cronbach</i>	Alpha de <i>Cronbach</i> com base em Itens standarizados	Total de Itens
,755	,762	7

Relativamente ao domínio simbólico, optamos também por eliminar o Item 32 (Costuma sentir-se privado), o Item 37 (Costuma sentir-se limitado por razões de saúde) e o Item 38 (Costuma ter dificuldade em ter acesso/encontrar aquilo que procura), pois para além de apresentarem comunalidades bastante baixas também demonstraram uma intercorrelação fraca entre os restantes itens da escala.

A eliminação destes itens também aumentou ligeiramente a correlação Item-total entre os restantes Itens da escala. De referir que a eliminação destes Itens também elevou o valor do KMO para .675.

Quadro 15 – Estatísticas Item-total do domínio simbólico após remoção dos Itens 32, 37 e 38

	Média da escala se o Item for removido	Variância da escala se o Item for removido	Correlação Item-total corrigida	Alpha de <i>Cronbach</i> se o Item for removido
Item 33				
Costuma sentir-se rejeitado	9,6415	2,537	,414	,754
Item 34				
Costuma sentir-se só	9,9434	2,187	,527	,698
Item 35				
Costuma sentir-se bem consigo próprio	10,0189	2,057	,667	,619
Item 36				
Sente-se satisfeito com a sua vida	10,0755	2,013	,574	,672

Assim, e tomando em consideração o estudo até aqui efetuado, constatamos que podemos defender a pertinência teórica da bidimensionalidade da nossa escala através do domínio social e do domínio simbólico. A dimensão social passa assim a ser composta por oito itens e a dimensão simbólica por quatro.

Após a eliminação dos itens e procedendo novamente a uma análise de componentes principais constatamos que as duas componentes para além de se distanciarem mais entre si, também passaram a explicar 46,27% da variância total sendo que o primeiro fator explica 26,82% e o segundo 19,45%.

Quadro 16 – Matriz após rotação e remoção dos itens 26, 32, 37 e 38

	Componente	
	Social	Simbólico
Item 23	,829	-,006
Costuma ir cinema, teatro, exposições arte, ou museus		
Item 24	,651	,029
Costumar praticar desporto		
Item 25	,506	-,104
Participa em ações de voluntariado		
Item 27	,592	-,068
Tem por hábito ler jornais		
Item 28	,621	,066
Costuma ler livros		
Item 29	,559	-,015
Costuma assistir a debates políticos		

Método de Extração: Componentes Principais. Método de Rotação: Varimax com Normalização Kaiser.

Quadro 16 – Matriz após rotação e remoção dos itens 26, 32, 37 e 38 (continuação)

	Componente	
	Social	Simbólico
Item 30		
Costuma estar informado acerca da política internacional	,557	,229
Item 31		
Costuma participar em ações de protesto ou petições	,570	-,019
Item 33		
Costuma sentir-se rejeitado	-,183	,659
Item 34		
Costuma sentir-se só	-,137	,741
Item 35		
Costuma sentir-se bem consigo próprio	,103	,828
Item 36		
Sente-se satisfeito com a sua vida	,324	,769

Método de Extração: Componentes Principais. Método de Rotação: Varimax com Normalização Kaiser.

7.5. Análise descritiva da escala

Através da análise descritiva dos indicadores pertencentes ao domínio social (n=106) verificamos que no que diz respeito às médias que compõem a variância de resposta aos Itens, os valores se situam entre 1.5 e 3.0 e o desvio padrão varia entre um mínimo de .65 e um máximo de .85, não revelando assim uma dispersão muito acentuada em relação à média. Por outro lado, as respostas aos itens também se encontram espalhadas na escala entre um valor mínimo de 1 e um valor máximo de 4, excetuo no item 23 (Costuma ir ao cinema, teatro, exposições de arte ou museus).

Podemos também observar que as respostas aos itens parecem indicar que os seniores vão poucas vezes ao cinema e ao teatro, que visitam pouco museus e exposições arte, que praticam pouco desporto e que participam com alguma regularidade em ações de voluntariado, Parecem ler com alguma regularidade livros, jornais e procuram assistir a debates políticos. Também revelam mostrar pouco interesse em participar em ações de protesto ou petições e pouco sabem acerca da política internacional.

Quadro 17 – Estatística descritiva do domínio social

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão	Variância
Item 23						
Costuma ir cinema, teatro, exposições arte, ou museus	106	1,00	3,00	2,0283	,65404	,428
Item 24						
Costumar praticar desporto	106	1,00	4,00	2,0000	,85077	,724

Quadro 17 – Estatística descritiva do domínio social (continuação)

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão	Variância
Item 25						
Participa em ações de voluntariado	106	1,00	4,00	3,0094	,85630	,733
Item 27						
Tem por hábito ler jornais	106	1,00	4,00	2,6509	,83998	,706
Item 28						
Costuma ler livros	106	1,00	4,00	2,5283	,71989	,518
Item 29						
Costuma assistir a debates políticos	106	1,00	4,00	2,6887	,78514	,616
Item 30						
Costuma estar informado acerca da política internacional	106	1,00	4,00	1,5755	,67539	,456
Item 31						
Costuma participar em ações de protesto ou petições	106	1,00	3,00	2,0283	,65404	,428
Valid N (listwise)	106					

Já no que diz respeito à análise descritiva dos indicadores pertencentes ao domínio simbólico (n=106) verificamos que no que diz respeito às médias que compõem a variância de resposta aos nossos itens, os valores situam-se entre 3.1 e 3.5, e o desvio padrão varia entre um mínimo de .56 e um máximo de .68, não revelando uma dispersão muito acentuada em relação à média.

Por outro lado todas as respostas aos itens se encontram espalhadas na escala entre um valor mínimo de 1 e um valor máximo de 4. Os dados também parecem indicar que os seniores nunca ou raramente se sentem rejeitados, que raramente se sentem sós, que geralmente se sentem bem consigo próprios e que de um modo geral se sentem bem com as suas vidas.

Quadro 18 – Estatística descritiva do domínio simbólico

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão	Variância
Item 33						
Costuma sentir-se rejeitado	106	1,00	4,00	3,5849	,56683	,321
Item 34						
Costuma sentir-se só	106	1,00	4,00	3,2830	,64372	,414
Item 35						
Costuma sentir-se bem consigo próprio	106	1,00	4,00	3,2075	,61283	,376
Item 36						
Sente-se satisfeito com a sua vida	106	1,00	4,00	3,1509	,68720	,472
Valid N (listwise)	106					

Capítulo VIII – Análise e discussão de resultados

Através da análise das correlações podemos analisar a intensidade com que diferentes variáveis quantitativas se associam entre si. Este coeficiente varia entre -1 e +1 ($-1 \leq R \leq 1$). Neste estudo iremos apenas analisar as correlações ≥ 0.3 pois segundo Marôco (2011: 24) este valor já representa uma correlação forte.

8.1. Correlações sociodemográficas da amostra com o domínio social e simbólico (n=106)

Através da análise dos dados sociodemográficos da amostra, começamos por constatar a inexistência de correlações entre os dados sociodemográficos e os indicadores do domínio simbólico. Relativamente ao domínio social, verificamos correlações significativas em alguns indicadores como as habilitações, o rendimento e a idade.

Os dados parecem indicar que os seniores com mais habilitações vão com mais frequência ao cinema, teatro, exposições de arte ou museus; praticam mais desporto; participam em mais ações de voluntariado, lêem mais livros e jornais, possuem rendimentos mais elevados e os seniores com idades mais avançadas possuem menos habilitações.

Quadro 19. Habilitações (n=106)

		Habilitações
Ir ao cinema, teatro, exposições de arte ou museus	Pearson Correlation	,559(**)
	Sig. (2-tailed)	,000
	N	106

** Correlação forte, para um nível de significância de 0.01.

Quadro 19. Habilitações (n=106) (continuação)

		Habilitações
Praticar desporto	Pearson Correlation	,469(**)
	Sig. (2-tailed)	,000
	N	106
Participar em ações de voluntariado	Pearson Correlation	,411(**)
	Sig. (2-tailed)	,000
	N	106
Ler jornais	Pearson Correlation	,314(**)
	Sig. (2-tailed)	,001
	N	106
Ler livros	Pearson Correlation	,426(*)
	Sig. (2-tailed)	,000
	N	106
Rendimento	Pearson Correlation	,556(**)
	Sig. (2-tailed)	,001
	N	106
Idade	Pearson Correlation	-,381(*)
	Sig. (2-tailed)	,000
	N	106

** Correlação forte, para um nível de significância de 0.01.

Relativamente às correlações da variável rendimento, os dados parecem mostrar que os seniores com rendimentos mais elevados vão ao cinema, teatro, exposições de arte e museus, praticam mais desporto, estão mais informados acerca do política internacional e lêem mais livros e jornais. Os seniores com idades mais avançadas parecem também possuir menos rendimentos.

Quadro 20. Rendimento (n=106)

		Rendimento
Ir ao cinema, teatro, exposições de arte ou museus	Pearson Correlation	,350(**)
	Sig. (2-tailed)	,000
	N	106
Praticar desporto	Pearson Correlation	,326(**)
	Sig. (2-tailed)	,000
	N	106
Estar informado acerca da política internacional	Pearson Correlation	,343(**)
	Sig. (2-tailed)	,000
	N	106
Ler jornais	Pearson Correlation	,337(**)
	Sig. (2-tailed)	,001
	N	106
Ler livros	Pearson Correlation	,304(*)
	Sig. (2-tailed)	,000
	N	106
Idade	Pearson Correlation	-,381(*)
	Sig. (2-tailed)	,000
	N	106

** Correlação forte, para um nível de significância de 0.01.

No que toca à idade, os dados também parecem indicar que à medida que a idade aumenta os seniores tendem a praticar menos desporto, a ler menos livros e a estarem menos informados acerca da política internacional.

Quadro 21. Idade (n=106)

		Idade
Praticar desporto	Pearson Correlation	-,359(**)
	Sig. (2-tailed)	,000
	N	106
Ler livros	Pearson Correlation	-,314(**)
	Sig. (2-tailed)	,001
	N	106
Estar informado acerca da política internacional	Pearson Correlation	-,345(*)
	Sig. (2-tailed)	,000
	N	106

** Correlação forte, para um nível de significância de 0.01.

8.2. Correlações entre os seniores utilizadores da Internet (n=64)

No que diz respeito às correlações entre os seniores utilizadores da Internet, os dados parecem revelar que os seniores com mais habilitações possuem rendimentos mais elevados, agregados familiares mais numerosos, vão com mais frequência ao cinema, teatro, exposições de arte e museus, praticam mais desporto, participam com mais frequência em ações de voluntariado e têm por hábito ler mais jornais.

Quadro 22. Habilitações (n=64)

		Habilitações
Rendimento	Pearson Correlation	,391(**)
	Sig. (2-tailed)	,001
	N	64
Agregado	Pearson Correlation	,344(**)
	Sig. (2-tailed)	,005
	N	64
Ir ao cinema, teatro, exposições de arte ou museus	Pearson Correlation	,451(**)
	Sig. (2-tailed)	,000
	N	64
Praticar desporto	Pearson Correlation	,412(**)
	Sig. (2-tailed)	,001
	N	64
Participar em ações de voluntariado	Pearson Correlation	,411(*)
	Sig. (2-tailed)	,001
	N	64

** Correlação forte, para um nível de significância de 0.01.

Quadro 22. Habilitações (n=64) (continuação)

		Habilitações
Ler jornais	Pearson Correlation	,359(*)
	Sig. (2-tailed)	,004
	N	64

** Correlação forte, para um nível de significância de 0.01.

Os dados parecem também indicar que os seniores com rendimentos mais elevados têm por hábito ler mais jornais e parecem estar mais bem informados acerca da política internacional.

Quadro 23. Rendimento (n=64)

		Rendimento
Ler jornais	Pearson Correlation	,412(**)
	Sig. (2-tailed)	,001
	N	64
Estar informado acerca da política internacional	Pearson Correlation	,411(**)
	Sig. (2-tailed)	,001
	N	64

** Correlação forte, para um nível de significância de 0.01.

Ainda no que diz respeito às correlações do domínio social, verificamos que os seniores que vão com mais frequência ao cinema, teatro, exposições de arte e museus, parecem praticar mais desporto e ler mais livros.

Quadro 24. Ir ao cinema, teatro, exposições de arte e museus (n=64)

		Ir ao cinema, teatro, exposições de arte e museus
Praticar desporto	Pearson Correlation	,379(**)
	Sig. (2-tailed)	,001
	N	64
Ler livros	Pearson Correlation	,411(**)
	Sig. (2-tailed)	,001
	N	64

** Correlação forte, para um nível de significância de 0.01.

8.3. Correlações entre os seniores não utilizadores da Internet (n=42)

Relativamente às correlações entre os seniores não utilizadores da Internet, os dados parecem mostrar que à medida que a idade avança, estes seniores praticam menos desporto, vão com menos frequência ao cinema, teatro, exposições ou museus e estão menos informados acerca da política internacional. Os seniores com idades mais avançadas parecem também possuir menos habilitações e rendimentos mais baixos.

Quadro 25. Idade (n=42)

		Idade
Ir ao teatro, cinema, exposições de arte e museus	Pearson Correlation	-,462(**)
	Sig. (2-tailed)	,002
	N	42
Praticar desporto	Pearson Correlation	-,376(**)
	Sig. (2-tailed)	,014
	N	42
Estar informado acerca da política internacional	Pearson Correlation	-,379(**)
	Sig. (2-tailed)	,013
	N	42
Habilitações	Pearson Correlation	-,359(**)
	Sig. (2-tailed)	,019
	N	42
Rendimento	Pearson Correlation	-,385(**)
	Sig. (2-tailed)	,012
	N	42

** Correlação forte, para um nível de significância de 0.01.

No que diz respeito ao agregado familiar, os dados parecem indicar que os agregados familiares mais numerosos vão com menos frequência ao cinema, teatro, exposições de arte e museus e participam menos em ações de voluntariado.

Quadro 26. Agregado (n=42)

		Agregado
Ir ao teatro, cinema, exposições de arte e museus	Pearson Correlation	-,432(**)
	Sig. (2-tailed)	,004
	N	42
Participar em ações de voluntariado	Pearson Correlation	-,378(**)
	Sig. (2-tailed)	,014
	N	42

** Correlação forte, para um nível de significância de 0.01.

Por outro lado, os seniores que vão mais vezes ao cinema, teatro, exposições de arte e museus, parecem também praticar mais desporto, participar em mais ações de voluntariado, ler mais livros, assistir a mais debates políticos, estar mais informados acerca da política internacional e participar em mais ações de protesto e petições.

Quadro 27. Ir ao cinema, teatro, exposições de arte e museus (n=42)

		Ir ao cinema, teatro, exposições de arte e museus
Praticar desporto	Pearson Correlation	,491(**)
	Sig. (2-tailed)	,001
	N	42
Participar em ações de voluntariado	Pearson Correlation	,404(**)
	Sig. (2-tailed)	,008
	N	42

** Correlação forte, para um nível de significância de 0.01.

Quadro 27. Ir ao cinema, teatro, exposições de arte e museus (n=42) (continuação)

		Ir ao cinema, teatro, exposições de arte e museus
Ler livros	Pearson Correlation	,375(**)
	Sig. (2-tailed)	,014
	N	42
Assistir a debates políticos	Pearson Correlation	,568(**)
	Sig. (2-tailed)	,000
	N	42
Estar informado acerca da política internacional	Pearson Correlation	,609(*)
	Sig. (2-tailed)	,000
	N	42
Participar em ações de protesto e petições	Pearson Correlation	,624(*)
	Sig. (2-tailed)	,000
	N	42

** Correlação forte, para um nível de significância de 0.01.

Os dados parecem também indicar que os seniores que praticam mais desporto, participam em mais ações de voluntariado, assistem com mais frequência a debates políticos e estão mais bem informados acerca de assuntos de política internacional.

Quadro 28. Praticar desporto (n=42)

		Praticar desporto
Participar e ações de voluntariado	Pearson Correlation	,317(**)
	Sig. (2-tailed)	,041
	N	42

** Correlação forte, para um nível de significância de 0.01.

Quadro 28. Praticar desporto (n=42) (continuação)

		Praticar desporto
Assistir a debates políticos	Pearson Correlation	,333(**)
	Sig. (2-tailed)	,031
	N	42
Estar informado acerca da política internacional	Pearson Correlation	,431(**)
	Sig. (2-tailed)	,004
	N	42

** Correlação forte, para um nível de significância de 0.01.

De referir que os seniores que participam com mais frequência em ações de voluntariado parecem também participar em mais ações de protesto ou petições.

Quadro 29. Participar em ações de voluntariado (n=42)

		Participar em ações de voluntariado
Participar em ações de protesto ou petições	Pearson Correlation	,330(*)
	Sig. (2-tailed)	,033
	N	42

** Correlação forte, para um nível de significância de 0.01.

Os seniores que assistem a debates políticos com mais frequência também parecem estar mais bem informados acerca da política internacional.

Quadro 30. Assistir a debates políticos (n=42)

		Assistir a debates políticos
Estar informado acerca da política internacional	Pearson Correlation	,761(*)
	Sig. (2-tailed)	,000
	N	42

** Correlação forte, para um nível de significância de 0.01.

8.4. Correlações entre os hábitos de utilização da Internet (n=64)

No que diz respeito às correlações entre os hábitos de utilização da Internet, os dados parecem indicar que os seniores com mais habilitações utilizam a Internet à mais anos, enviam e recebem mais *e-mails* e adquirem com mais frequência bens ou serviços *online*.

Quadro 31. Habilitações (n=64)

	Habilitações	
Anos de uso da Internet	Pearson Correlation	-,311 (*)
	Sig. (2-tailed)	,012
	N	64
Enviar e receber <i>e-mails</i>	Pearson Correlation	,318 (*)
	Sig. (2-tailed)	,010
	N	64
Adquirir bens ou serviços na Internet	Pearson Correlation	,334 (**)
	Sig. (2-tailed)	,007
	N	64

** Correlação forte, para um nível de significância de 0.01.

Relativamente ao uso das redes sociais, os seniores que utilizam com mais frequência as redes sociais parecem gastar mais horas a «navegar» na Internet e a pesquisar mais informação sobre cultura geral.

Quadro 32. Redes sociais (n=64)

	Redes sociais	
Horas gastas na Internet	Pearson Correlation	,300(*)
	Sig. (2-tailed)	,018
	N	64
Pesquisar informação sobre cultura geral	Pearson Correlation	,345(**)
	Sig. (2-tailed)	,006
	N	64

** Correlação forte, para um nível de significância de 0.01.

Os dados parecem também revelar que os seniores que utilizam o *e-mail* com mais frequência têm por hábito pesquisar mais informação política e factos políticos mais detalhadamente.

Quadro 33. E-mail (n=64)

	Enviar e receber <i>e-mails</i>	
Pesquisar informação política	Pearson Correlation	,515(**)
	Sig. (2-tailed)	,000
	N	64
Pesquisar um facto político mais detalhadamente	Pearson Correlation	,409(**)
	Sig. (2-tailed)	,001
	N	64

** Correlação forte, para um nível de significância de 0.01.

Quanto ao hábito de comparar preços na Internet, os dados parecem indicar que os seniores que comparam preços com mais frequência na Internet pagam com mais frequência contas através da Internet.

Quadro 34. Comparar preços (n=64)

		Comparar preços
Pagar contas via Internet	Pearson Correlation	,431(**)
	Sig. (2-tailed)	,000
	N	64

** Correlação forte, para um nível de significância de 0.01.

No que diz respeito ao hábito de pesquisar informação sobre saúde na Internet, encontramos correlações que parecem indicar que os seniores que pesquisam mais informação sobre saúde também pesquisam mais informação religiosa, política, desportiva, viagens/destinos de férias, pagam com mais frequência contas através da Internet, adquirem mais bens ou serviços através da Internet, pesquisam factos políticos com mais detalhe e pesquisam mais informação sobre cultura geral.

Quadro 35. Pesquisar informação sobre saúde (n=64)

		Pesquisar informação sobre saúde
Pesquisar informação religiosa	Pearson Correlation	,342(**)
	Sig. (2-tailed)	,006
	N	64
Pesquisar informação política	Pearson Correlation	,518(**)
	Sig. (2-tailed)	,000
	N	64

** Correlação forte, para um nível de significância de 0.01.

Quadro 35. Pesquisar informação sobre saúde (n=64) (continuação)

		Pesquisar informação sobre saúde
Pesquisar informação desportiva	Pearson Correlation	,485^(**)
	Sig. (2-tailed)	,000
	N	64
Pesquisar informação sobre viagens/destinos de férias	Pearson Correlation	,361^(**)
	Sig. (2-tailed)	,003
	N	64
Pagar contas via Internet	Pearson Correlation	,392^(**)
	Sig. (2-tailed)	,001
	N	64
Adquirir bens ou serviços na Internet	Pearson Correlation	,420^(**)
	Sig. (2-tailed)	,001
	N	64
Pesquisar um facto político mais detalhadamente	Pearson Correlation	,585^(**)
	Sig. (2-tailed)	,000
	N	64
Pesquisar informação sobre cultura geral	Pearson Correlation	,475^(**)
	Sig. (2-tailed)	,000
	N	64

** Correlação forte, para um nível de significância de 0.01.

Por outro lado, os seniores que pesquisam mais informação política, parecem também enviar mais *e-mails*, pesquisar mais informação desportiva, pagar com mais frequência contas através da Internet, adquirir produtos ou serviços através da Internet, pesquisar factos políticos com mais detalhe e pesquisar mais informação sobre cultura geral.

Quadro 36. Pesquisar informação política (n=64)

	Pesquisar informação política	
Enviar e receber e-mails	Pearson Correlation	,515(**)
	Sig. (2-tailed)	,000
	N	64
Pesquisar informação desportiva	Pearson Correlation	,426(**)
	Sig. (2-tailed)	,000
	N	64
Pagar contas via Internet	Pearson Correlation	,388(**)
	Sig. (2-tailed)	,000
	N	64
Adquirir bens ou serviços na Internet	Pearson Correlation	,381(**)
	Sig. (2-tailed)	,001
	N	64
Pesquisar um facto político mais detalhadamente	Pearson Correlation	,658(**)
	Sig. (2-tailed)	,000
	N	64
Pesquisar informação sobre cultura geral	Pearson Correlation	,631(**)
	Sig. (2-tailed)	,000
	N	64

** Correlação forte, para um nível de significância de 0.01.

Relativamente à pesquisa sobre viagens e destinos de férias, os dados parecem mostrar que os seniores que pesquisam mais informação sobre viagens ou férias também adquirem mais bens ou serviços através da Internet, pesquisam com mais detalhe factos políticos e informação sobre cultura geral.

Quadro 37. Pesquisar informação sobre viagens/destinos de férias (n=64)

		Pesquisar informação sobre viagens/destinos de férias
Adquirir bens ou serviços na Internet	Pearson Correlation	,396^(**)
	Sig. (2-tailed)	,001
	N	64
Pesquisar um facto político mais detalhadamente	Pearson Correlation	,409^(**)
	Sig. (2-tailed)	,001
	N	64
Pesquisar informação sobre cultura geral	Pearson Correlation	,334^(**)
	Sig. (2-tailed)	,007
	N	64

** Correlação forte, para um nível de significância de 0.01.

Já os seniores que têm por hábito adquirir bens ou serviços na Internet, parecem pesquisar com mais frequência informação sobre saúde, política, cultura geral, viagens ou destinos de férias e pagam com mais frequência as suas contas através da Internet.

Quadro 38. Adquirir bens ou serviços na Internet (n=64)

		Adquirir bens ou serviços na Internet
Pesquisar informação sobre saúde	Pearson Correlation	,420(**)
	Sig. (2-tailed)	,001
	N	64
Pesquisar informação política	Pearson Correlation	,381(**)
	Sig. (2-tailed)	,002
	N	64
Pesquisar viagens/destinos de férias	Pearson Correlation	,396(**)
	Sig. (2-tailed)	,001
	N	64
Pagar contas via Internet	Pearson Correlation	,583(**)
	Sig. (2-tailed)	,000
	N	64
Pesquisar um facto político mais detalhadamente	Pearson Correlation	,523(**)
	Sig. (2-tailed)	,000
	N	64
Pesquisar informação sobre cultura geral	Pearson Correlation	,369(**)
	Sig. (2-tailed)	,003
	N	64

** Correlação forte, para um nível de significância de 0.01.

8.5. Verificação das Hipóteses

Hipótese 1 – *Os seniores que utilizam a Internet apresentam sinais de sociabilização mais fortes do que os seniores que não a utilizam.*

Os dados parecem indicar que os seniores que utilizam a Internet vão com mais frequência ao cinema, praticam mais desporto, participam em mais ações de voluntariado, leem mais jornais e livros estando também mais informados acerca da política Internacional, apresentando assim uma maior envolvência com o meio onde estão inseridos, revelando deste modo sinais de maior sociabilização.

Hipótese 2 – *O rendimento pode ser um fator de infoexclusão na terceira idade.*

Na verdade os seniores com rendimentos superiores a mil euros parecem utilizar a Internet com mais frequência do que os seniores com rendimentos inferiores, podendo assim indicar que um menor nível de rendimentos possa levar a um maior grau de infoexclusão. Contudo, importa referir que os dados apontam para uma forte adesão à Internet por parte dos seniores com ordenados inferiores a mil euros mensais.

Hipótese 3 – *Os seniores que passam mais horas na Internet sentem-se melhor consigo próprios, melhor com as suas vidas e menos vezes sós.*

Embora os dados pareçam indicar que, relativamente à forma como os seniores se sentem consigo próprios e com as suas vidas em geral não apresente grandes diferenças entre os utilizadores e não utilizadores da Internet, os mesmos dados parecem também revelar que os seniores que não utilizam a Internet apresentam ligeiros sinais de maior solidão.

Hipótese 4 – *Os seniores com idade mais avançada revelam uma maior tendência para pesquisarem informação relacionada com a saúde e religião.*

Os dados da nossa amostra não corroboram esta hipótese, pois os seniores com idade mais avançada não apresentam uma tendência maior para pesquisar informação sobre saúde ou religião.

Hipótese 5 – *Os seniores que acedem à Internet há mais anos utilizam o comércio eletrónico com mais frequência.*

Na verdade os seniores que utilizam a Internet há mais anos partilham dos mesmos receios e falta de conhecimento acerca do comércio eletrónico que os seniores que a utilizam há menos anos fazendo com que a nossa hipótese original não se verifique.

Hipótese 6 – *Os seniores que utilizam a Internet têm maior acesso à cultura e à informação em geral.*

Em relação ao acesso à informação parecem não existir grandes diferenças entre os seniores que utilizam a Internet e os que não a utilizam. Contudo, no que diz respeito ao acesso à cultura, os seniores que utilizam a Internet, para além de irem com mais frequência ao cinema, ao teatro, a exposições de arte e a museus, também leem mais livros e jornais indicando deste modo um maior acesso à cultura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dos objetivos desta investigação teve como base a construção e validação de um instrumento de medida que nos permitisse estudar a exclusão social através das suas dimensões sociais e simbólicas. Após a verificação destas duas dimensões, pudemos analisar as correlações e frequências dos indicadores correspondentes aos seniores utilizadores e não utilizadores da Internet. O segundo objetivo focou-se na análise dos hábitos de utilização da Internet dos seniores através do estudo de campo, das entrevistas e do questionário.

Começando por analisar os dados recolhidos no estudo de campo, podemos referir que os seniores parecem ainda não possuir um conhecimento profundo sobre a utilização do computador e da Internet em geral. O computador parece ser mais utilizado como uma ferramenta de entretenimento do que para efeitos de trabalho. Embora estes seniores tenham mostrado bastante interesse na aprendizagem das TIC, revelaram bastantes dificuldades na assimilação de conteúdos, um facto que achamos estar também relacionado com o formato e com os meios utilizados nas aulas. Na verdade este modelo de ensino revela algumas lacunas, pois funciona mais como um espaço para passar o tempo do que efetivamente para adquirir conhecimentos. A falta de material didático para este tipo de ensino e a falta de professores qualificados também poderá contribuir para esta realidade.

Estamos apenas no início deste processo de inclusão digital e ainda há muito para fazer. Por exemplo, são necessárias políticas públicas que promovam a qualificação de profissionais para o ensino das TIC e a criação de espaços onde os seniores possam usufruir desta aprendizagem de forma gratuita. Defendemos também o alargamento das redes de ensino sénior, quer através do modelo vigente, quer através de outro modelo a ser criado, de modo a promover uma literacia digital sustentada e devidamente orientada para a terceira idade.

Quanto ao modelo de ensino adotado pelas Universidades Seniores em Portugal, pensamos que o modelo Francês (Rutis, 2008) seria de certa forma mais vantajoso na medida em que credenciaria o ensino através da validação dos conhecimentos, profissionalizando este ramo de ensino dando-lhe a credibilidade que julgamos necessária para um ensino mais rigoroso, não apenas através da parte lúdica, mas também através de outras áreas começando por uma introdução à informática, à Internet e que depois se poderiam diversificar nas mais diversas áreas de interesse. Aachamos também que este caminho deverá passar pela creditação de modelos de ensino devidamente testados e credenciados, pela formação de professores especializados e pela criação das condições necessárias para o ensino das TIC na terceira idade. Por fim seria conveniente a criação de linhas de apoio aos seniores para a aquisição de equipamentos e acesso à rede pois iria permitir que seniores com menores capacidades financeiras pudessem também aderir a este novo meio de comunicação de massa.

Aachamos que com o passar do tempo a Internet acabará por fazer parte do dia-a-dia dos seniores, no entanto, não basta apenas criar as condições técnicas para que este acesso possa existir, é também necessária a criação de políticas que ajudem estes seniores a utilizar a Internet de forma eficaz, vencendo barreiras que por vezes são difíceis de ultrapassar.

Relativamente aos hábitos de uso da Internet, e de modo a simplificar a nossa análise, dividimos esses hábitos em quatro domínios: o domínio social; o domínio económico; o domínio político e o domínio simbólico.

No que diz respeito ao domínio social, verificamos que o *e-mail* continua a ser a ferramenta mais utilizada, sendo o seu uso mais frequente nos seniores que possuem habilitações e rendimentos mais elevados. Verificamos também que uso das redes sociais ainda não é uma prática muito comum na terceira idade, indicando que os seniores parecem usar mais estas redes para comunicar com familiares e amigos distantes, fazendo jus à palavra «amigo», não tendo por hábito a inclusão de pessoas que não pertençam ao seu círculo próximo de amigos. Os seniores inquiridos não são utilizadores frequentes das redes sociais, não tendo portanto o hábito de publicar conteúdos *online* ou participar em *chats*, preferindo antes pesquisar informação relacionada com férias, cultura geral, política e saúde. De referir que os

seniores que passam mais horas na Internet a «navegar» parecem utilizar as redes sociais com mais frequência e declaram pesquisar mais informação sobre cultura geral.

No que concerne ao domínio económico, os seniores inquiridos parecem ter algum receio em fazer transações comerciais através da Internet, revelando alguma falta de conhecimento acerca do modo de funcionamento deste processo, mostrando por isso algum receio em adotar este tipo de práticas - de referir que esta tendência tende a diminuir à medida que o nível de habilitações aumenta, levando-nos a pensar que num futuro próximo, tal como os seniores se «familiarizaram» com o multibanco, também irão aderir a este tipo de transações. De referir ainda que os seniores com rendimentos superiores a mil euros declaram utilizar a Internet com mais frequência. Assim, estes dados parecem indicar que um menor nível de rendimentos pode levar de facto a um maior grau de infoexclusão.

No que toca ao domínio político começamos por referir que os seniores com mais habilitações e em vida ativa pesquisam mais assuntos relacionados com política, sendo os homens quem pesquisa mais este tipo de informação. Existe também uma maior tendência para a pesquisa de informação política nos agregados familiares mais numerosos, um facto que pode estar ligado ao nível de rendimento, pois os seniores com maiores rendimentos também foram aqueles que revelaram ter agregados familiares maiores.

Por fim, ao analisarmos o domínio simbólico verificamos que os seniores não têm por hábito pesquisar informação relacionada com religião, preferindo pelo contrário pesquisar informação sobre saúde, cultura geral e destinos de férias. De referir uma vez mais que os seniores com mais habilitações e rendimentos mais elevados têm por hábito pesquisar mais informação sobre os temas atrás referidos.

Desta forma, podemos concluir que as habilitações académicas e o nível de rendimento influenciam a forma como os seniores utilizam a Internet na medida em que estes fatores parecem potenciar um maior uso dos seus recursos, nomeadamente no que diz respeito uso ao comércio eletrónico, à pesquisa sobre informação política e informação de cultura geral, pois, para além do grau académico estar relacionado com índices mais altos de rendimento, os seniores que utilizam a Internet há menos anos apresentam rendimentos inferiores aqueles que

a utilizam há mais tempo. Parecemos também estar a assistir a uma democratização do uso da Internet na medida em que os seniores que mais têm aderido nos últimos anos possuem rendimentos médios e habilitações ao nível do ensino secundário.

Já no que diz respeito à análise dos domínios sociais e simbólicos que compõem os nossos indicadores e que definiram a dimensionalidade da nossa escala, gostaríamos em primeiro lugar de referir a verificação dessa mesma dimensionalidade através da existência dos dois domínios encontrados - o domínio social e o domínio simbólico que nos permitiram analisar com fiabilidade os indicadores que compõem cada um dos dos domínios da exclusão social.

Assim, relativamente ao domínio social, o uso da Internet parece ter uma influência positiva na forma como os seniores se relacionam com o meio que os rodeia, revelando sinais de maior sociabilização. Os seniores que utilizam a Internet são os que declaram ir com mais frequência ao cinema, ao teatro, a exposições de arte e museus, praticar mais desporto, participar mais em ações de voluntariado e ler mais jornais e livros, estando também mais informados acerca da política Internacional.

Em relação ao acesso à informação parecem não existir grandes diferenças entre os seniores utilizadores e não utilizadores da Internet. Importa no entanto referir que, tal como em estudos anteriores (eg. WIP, 2013) não se encontraram diferenças significativas quanto ao grau de sociabilização dos seniores utilizadores e não utilizadores da Internet.

Analisando o domínio simbólico, os seniores inquiridos declararam, de um modo geral, que nunca ou raramente se sentem sós ou rejeitados, e que geralmente se sentem bem consigo próprios e com as suas vidas em particular. No entanto, esta tendência tende a aumentar nos seniores que passam mais horas na Internet, pois os seniores que passam mais horas na Internet declararam um grau de satisfação geral maior do que aqueles que passam menos horas. De referir ainda que embora os dados não revelem grandes diferenças quanto à forma como os seniores se sentem consigo próprios e com as suas vidas em geral, verificamos que os seniores que não utilizam a Internet apresentam sinais de maior solidão do que os que a utilizam.

Deste modo, após a análise dos dados resultantes do nosso estudo empírico, podemos concluir que a Internet parece de facto representar uma ferramenta de inclusão social na terceira idade na medida em que potencia os indicadores do domínio social e simbólico de forma positiva. Contudo, embora esta tendência se verifique na generalidade da amostra, as habilitações e os rendimentos parecem influenciar estes indicadores. Na verdade, os dados indicam que 80% dos seniores utilizadores da Internet auferiam rendimentos superiores a mil euros, contra cerca de 30% dos seniores que não a utilizavam. Por outro lado, e no que diz respeito às habilitações, cerca de 60% dos seniores utilizadores da Internet possuía habilitações superiores contra cerca de 8% dos que não utilizavam.

Concluimos portanto que embora a Internet pareça promover uma maior inclusão social, este fenómeno parece estar ainda fortemente ligado à literacia digital e aos fatores económicos, o que nos leva a concluir que ainda será cedo demais para afirmar que a Internet seja de facto considerada uma ferramenta de inclusão social na terceira idade na medida em o seu uso ainda não está devidamente democratizado, pois os seniores que utilizam a Internet apresentam fatores de maior inclusão social do que os que não a utilizam, como um nível mais elevado de habilitações e rendimentos. Devemos portanto esperar por uma maior adesão dos seniores à Internet para que assim se possam obter amostras mais abrangentes e heterogêneas permitindo-nos assim tirar conclusões mais acertadas. Importa também referir que devido ao facto desta investigação se tratar de um estudo correlacional, não foi possível fazer inferências de causalidade entre as variáveis analisadas.

Embora já comecem a aparecer estudos relacionados com o fenómeno do envelhecimento e das novas tecnologias como é o caso do programa SEDUCE (2009), ainda são escassos os estudos nesta área. Será portanto importante, que em futuras investigações, sejam realizados estudos mais profundos acerca do papel da Internet na terceira idade, nomeadamente como ferramenta de inclusão social, contribuindo assim para a construção de um conhecimento maior acerca da problemática da inclusão dos seniores na sociedade de informação do século XXI e dos comportamentos daí emergentes.

BIBLIOGRAFIA

- Adams, S., Oye, J. & Parker, S. (2003). *Sexuality of Older Adults and the Internet: from Sex Education to Cybersex*. Consultado em abril 14, 2011, em http://www.hawaii.edu/hivandaids/Sexuality_of_Older_Adults_and_the_Internet__From_Sex_Education_to_Cybersex.pdf
- AEEASG (2012). *Ano Europeu do Envelhecimento Ativo e da Solidariedade entre Gerações – Programa de Ação*. Consultado em dezembro 04, 2012, em <http://www.igfse.pt/upload/docs/2012/Programa%20AcaoAnoEuropeu2012.pdf>
- Alves, P. (2013). A Aprendizagem das Tecnologias de Informação e Comunicação na Terceira Idade: Um Estudo Etnográfico. In Caleidoscópio (2013), *A Emergência de Novos Públicos na Organização Comunicacional*. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, (pp. 71-81).
- Amâncio, L. (1989). *Fatores Psicosociológicos da Discriminação da Mulher no Trabalho*, dissertação de tese de doutoramento, ISCTE.
- Amâncio, L. (2003). *O Género no Discurso das Ciências Sociais. Análise Social*, vol. XXXVIII (Nº168), (pp. 687-714). Consultado em outubro 23, 2014, em <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1218791078B9rDE5id4Po89MU8.pdf>
- Antonucci, C., Blieszner, R. & Denmark, L. (2010). Psychological Perspectives on Older Women. In H. Landrine & N. F. Russo (Eds.), *Handbook of Diversity in Feminist Psychology*. New York: Springer, (pp. 233-257).

Antuofermo, M. & Di Meglio, E. (2012). *Population and Social Conditions*. Consultado em janeiro 12, 2013, em http://epp.eurostat.ec.europa.eu/cache/ITY_OFFPUB/KS-SF-12-009/EN/KS-SF-12-009-EN.PDF

Ayestaran, S. & Páez, D. (1987). Representaciones Sociales y Estereotipos Grupales. In D. Páez, *et al.* (Ed) Pensamiento, Individuo y Sociedad. Cognición y Representación Social. Madrid: Fundamentos.

Bauman, Z. (1992). *Intimations of Postmodernity*. Londres: Routledge.

Berger, L. (1995). – Cuidados de Enfermagem em Gerontologia. In Berger, L. & Mailloux-Poirier, D. (1995). *Pessoas Idosas: Uma Abordagem Global: Processo de Enfermagem por Necessidades*. Lisboa: Lusodidacta.

Bertman, S. (1998). *Hipercultura*. Lisboa: Instituto Piaget.

Bourdelaís, P. (1993). *L'Âge de la Vieillesse*. Paris: Éditions Odile Jacob.

Cabecinhas, R. (2002). Media, etnocentrismo e estereótipos sociais. In *As Ciências da Comunicação na Viragem do Século. Actas do I Congresso de Ciências da Comunicação*. Lisboa: Veja, (pp. 407-418). Consultado em outubro 23, 2014, em http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/1599/1/racabecinhas_MedEtno_2002.pdf

Cameron, A. & Barbrook, R. (2007). *The Californian Ideology*. Consultado em maio 2, 2010, em <http://www.imaginaryfutures.net/2007/04/17/the-californian-ideology-2/>

- Campbell, R. & Wabby, J. (2002). *The Elderly and the Internet: A Case Study. The Internet Journal of Health*. Consultado em fevereiro 7, 2013, em <http://ispub.com/IJH/3/1/10874>
- Castells, M. (2004). *A Galáxia da Internet – Reflexões sobre Internet, Negócios e Sociedade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Castro, V.; Diaz, D. & Veja, V. (1999). *Construcción Psicológica da la Identidad Regional: Tópicos y Estereótipos en el Proceso de Socialización el Referente a Extremadura*. Badajoz: Gráfica Disputación Providencial de Badajoz.
- Celan, P. (1996). *O Meridiano, Arte Poética. O meridiano e outros textos*. Lisboa: Colibri.
- Cerqueira, C. & Cabecinhas, R. (2012). *Políticas para a igualdade entre homens e mulheres nos media: da (inov)ação legislativa à mudança social*. CECS – Universidade do Minho/ ISC-CECS – Universidade do Minho. Consultado em outubro 23, 2014 em <http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/pdf/aeq/n25/n25a09.pdf>
- Chen, W., Boase, J. & Wellman, B. (2002). *The Networked Nature of Community: Online and Offline*. Consultado em setembro 17, 2007 em http://homes.chass.utoronto.ca/~wellman/publications/Networked_Nature_of_Community/Vol01-1-A10-Wellman-Boase-Chen.pdf
- CNNIC (China Internet Network Information Center) (2001). *Semiannual Survey Report on the Development of China 's Internet*. Consultado em outubro, 10, 2007 em <http://www.cnnic.org.cn>

- Comissão Europeia (2013). *Seniores*. Consultado em abril 02, 2012, em http://ec.europa.eu/health-eu/my_health/elderly/io_pt.htm
- Comissão Europeia (2010). *Europe 2020 - A Strategy for Smart, Sustainable and Inclusive Growth*. Consultado em março 23, 2012, em <http://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=COM:2010:2020:FIN:EN:PDF>
- Comissão Europeia (2010). *To Be Part of the Information Society*. Consultado em abril 18, 2011, em http://ec.europa.eu/information_society/activities/einclusion/docs/i2010_initiative/comm_native_com_2007_0694_f_en_acte.pdf
- Conselho da União Europeia. (2001). *Report on Indicators in the Field of Poverty and Social Exclusion*. Consultado em fevereiro 17, 2012, em http://www.consilium.europa.eu/uedocs/cms_data/docs/pressdata/en/misc/DOC.68841.pdf
- Costa, Alfredo B., Baptista, I., Perista, P. & Carrilho, P. (2008). *Um Olhar Sobre a Pobreza Vulnerabilidade e Exclusão Social no Portugal Contemporâneo*. Lisboa: Gradiva.
- Costa, A. (2009). A Pesquisa de Terreno em Sociologia. In Silva, A. & Pinto, J. (2009). *Metodologia em Ciências Sociais*. Porto: Edições Afrontamento.
- CovenanteEyes (2013). *Pornography Statistics: 250+ Facts, Quotes, and Statistics About Pornography Use* (2013 Edition). Consultado em fevereiro 14, 2014, em http://blog.clinicalcareconsultants.com/wp-content/uploads/2013/12/porn_stats_2013_covenant_eyes.pdf

- Cuddy, C. & Fiske, T. (2002). Doddering, but Dear: Process, Content, and Function in Stereotyping of Older Persons. In Nelson, T. (Ed.). *Ageism: Stereotyping and Prejudice Against Older Persons*. Londres: MIT Press.
- De Bruyne, P., Herman, J. & De Schoutheet, M. (1975). *Dynamique de la Recherche en Sciences Sociales*. Vendôme: P.U.F.
- Demo, P. (1985). *Introdução à Metodologia da Ciência*. São Paulo: Atlas.
- Dickinson, A. & Dewsbury, G. (2006). *Designing Computer Technologies with Older People*. Consultado em setembro 23, 2012, em <http://gerontechnology.info/index.php/journal/article/view/gt.2006.05.01.001.00>
- DiMaggio, Paul; Hargittai, Eszter; Neuman, W Russell & Robinson, John P. (2001). *Social Implications of the Internet - Annual Review of Sociology*. Consultado em junho 28, 2010, em http://www.wrneuman.com/works/2001_socialimplication.pdf
- Direção Geral de Saúde (2004). *Programa Nacional para a Saúde das Pessoas Idosas*. Consultado em outubro 16, 2011, em <http://www.portaldasaude.pt/NR/rdonlyres/1C6DFF0E-9E74-4DED-94A9-F7EA0B3760AA/0/i006346.pdf>
- EAPN. (2011). *Estudo Qualitativo Eurobarómetro sobre Pobreza e Exclusão Social*. Consultado em janeiro 04, 2013 em http://www.eapn.pt/documentos_visualizar.php?ID=237
- EAPN. (2011). *Active Inclusion – Making it Happen*. Consultado em janeiro, 01, 2013, em <http://www.eapn.eu/images/stories/docs/eapn-books/2011-active-inclusion-booklet-en-web.pdf>

Eliot, A. (1958). *The Yellow Man*. New York. Harcourt Brace

Estivil, J. (2003). *Panorama da Luta Contra a Exclusão Social*. Genebra: Bureau Internacional do trabalho – STEP/Portugal.

EU Kids Online (2011). *Enhancing Knowledge Regarding European Children's Use, Risk and Safety Online*. Consultado em abril, 02, 2011 em [http://www2.lse.ac.uk/meios de comunicação de massa@lse/research/EUKidsOnline/Home.aspx](http://www2.lse.ac.uk/meios_de_comunicação_de_massa@lse/research/EUKidsOnline/Home.aspx), acessado em 02/04/2011

Eurostat (2007). *Community Survey on ICT Usage in Households and by Individuals*. Consultado em abril 12, 2011, em http://epp.eurostat.ec.europa.eu/cache/ITY_OFFPUB/KS-SF-07-119/EN/KS-SF-07-119-EN.PDF

Everston, C. & Green, L. (1986). *Observation as Inquiry and Method*. In Hébert, M., Goyette, G. & Gérald, B. (2010). *Investigação Qualitativa*. Lisboa: Instituto Piaget.

Figueiredo, M., Tyrrel, M., Carvalho, C., Luz, M., Amorim, F. & Loiola, N. (2007). *As Diferenças de Género na Velhice*. Consultado em Junho 14, 2013, em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672007000400012

Fisher, Claude S. (1992). *America Calling: A Social History of the Telephone to 1940*. Berkley: University of California Press.

Fontaine, R. (2000). *Psicologia do Envelhecimento*. Lisboa: Climepsi Editores.

Foucault, M. (1995). *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes

Gizmodo (2010). *The Stats on Internet Online Pornography*. Consultado em fevereiro 14, 2014, em <http://gizmodo.com/5552899/finally-some-actual-stats-on-internet-porn>

Habermas, J. (1992). *The Structural Transformation of the Public Sphere*. Cambridge: Polity Press.

Hampton, K. & Wellman, B. (2003). *Neighboring in Netville: How the Internet Supports Community and Social Capital in a Wired Suburb*. Consultado em janeiro 19, 2011 em <http://www.mysocialnetwork.net/downloads/cityncomm12-mp.pdf>

Hegenberg, L. (1976). *Etapas da Investigação Científica*. São Paulo: E.P.U./EDUSP.

INE (2012). *Estatísticas Demográficas*. Consultado em janeiro 20, 2014, em http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=151772777&PUBLICACOESmodo=2

INE (2012). *Mais de um milhão e duzentos mil seniores vivem sós ou em companhia de outros seniores*. Consultado em setembro 14, 2010, em http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdest_boui=134582847&DESTAQUESmodo=2

INE (2011). *Censos 2011*. Consultado em abril 21, 2013, em http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=censos2011_apresentacao

Instituto da Segurança Social (2012). *Programa Conforto Habitacional para Pessoas Idosas*. Consultado em novembro 27, 2012, em <http://www4.seg-social.pt/programa-conforto-habitacional-para-pessoas-idosas-pchi>

Instituto da Segurança Social (2012). *Linha nacional de Emergência Social*. Consultado em janeiro 19, 2013, em <http://www4.seg-social.pt/documents/10152/14961/Ines>

Instituto da Segurança Social (2012). *Programa de Apoio Integrado a Seniores (PAII)*. Consultado em janeiro 11, 2013, em <http://www4.seg-social.pt/programa-de-apoio-integrado-a-seniores-paii>

Instituto da Segurança Social (2013). *Complemento Solidário para Seniores*. Consultado em janeiro 14, 2013, em <http://www4.seg-social.pt/complemento-solidario-para-seniores>

Instituto da Segurança Social (2013). *Complemento por Dependência*. Consultado em janeiro 14, 2013, em <http://www4.seg-social.pt/complemento-por-dependencia>

Ito, M., Horst, H., Bittanti, M., Boyd, D., Herr, B., Lange, P., Pascoe, J. & Robinson, L. (2009). *Living and Learning with New Media - Summary of Findings from the Digital Youth Project - MacArthur Foundation*. Cambridge: Massachusetts Institute of Technology (MIT).

Jacob, Luis M. (2008). *As Universidades da Terceira Idade: Um exemplo de Educação para Adultos*. Consultado em dezembro 14, 2013, em http://www.rutis.pt/documentos/conteudos/Universidades%20da%20Terceira%20Idade%20_luisjacob.pdf

Jornal Oficial da União Europeia (2008). *DECISÃO N.º 1098/2008/CE DO PARLAMENTO EUROPEU E DO CONSELHO de 22 de Outubro de 2008 relativa ao Ano Europeu do Combate à Pobreza e à Exclusão Social (2010)*. Consultado em outubro 22, 2014, em <http://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=OJ:L:2008:298:0020:0029:PT:PDF>

Kaiser, H. F. (1974). *An Index of Factorial Simplicity*, (Vol.39). Springer: Psychometrika.

Katz, J. & Rice, R. (2002). Syntopia. In Wellman, B. & Haythorthwaite, C. (2002). *The Internet in Every Day Life*. Oxford: Blackwell Publishing.

Khalid, M. (2013). *Relatório do Desenvolvimento Humano 2013. A Ascensão do Sul: Progresso Humano num Mundo Diversificado*. Consultado em Julho, 17, 2014, em http://hdr.undp.org/sites/default/files/hdr2013_portuguese.pdf

Keen, A. (2007). *The Cult of the Amateur – How Today’s Internet is Killing our Culture*. New York: Doubleday.

Kerckhove, Derrick D. (1995). *A Pele da Cultura*. Lisboa: Relógio D’Água Editores.

Kite, M. E., Stockdale, G. D., Whiteley, E. B., & Johnson, B. T. (2005). *Attitudes Toward Younger and Older Adults: An Updated Meta-analytic Review*. *Journal of Social Issues*, (Vol.61), (pp. 241-266).

Kraut, R. (1995). *The HomeNet Project*. Consultado em julho 17, 2011, em <http://homenet.hcii.cs.cmu.edu/>

- Kornadt, Anna E. & Rothermund, Klaus (2011). *Contexts of Aging: Assessing Evaluative Age Stereotypes in Different Life Domains*, Journals of Gerontology, (Series B). Consultado em junho 20, 2014, em <http://www2.uni-jena.de/svw/allgpsy2/data/rothdata/KorRip.pdf>
- Lebo, H. (2001). *The UCLA Internet Report 2001. Surveying the Digital Future*. Consultado em Junho 25, 2012, em <http://www.digitalcenter.org/pdf/InternetReportYearTwo.pdf>
- Lebo, H. (2013). *The 2013 Digital Future Report. Surveying the Digital Future*. Consultado em janeiro 25, 2014, em http://www.worldinternetproject.net/_files/_Published/_oldis/713_2013_digital_future_report_usa.pdf
- Lenhart, A; Purcell, K.; Smith, A. & Zickuhr, K. (2010). *Social Media & Mobile Internet Use Among Teens and Young Adults*. Consultado em março 22, 2012, em [http://www.pewinternet.org/2010/02/03/social-meios de comunicação de massa-and-young-adults/](http://www.pewinternet.org/2010/02/03/social-meios-de-comunicao-de-massa-and-young-adults/)
- Leong, F. & Austin, J. (2006). *The Psychology Research Handbook: A Guide for Graduate Students and Research Assistants*. Londres: Sage Publications.
- Lessard, M., Goyette, G. & Gérald, B. (2010). *Investigação Qualitativa*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Lévy, P. (2007). *A Inteligência Coletiva: por uma Antropologia do Ciberespaço*. São Paulo: Loyola.
- Lifton, R. J. (1993). *The Protean Self*. New York: Basic Books.

- Lini (2010). *Utilização de Internet em Portugal*. Consultado em maio 23, 2011, em http://www.unic.pt/images/stories/noticias/Relatorio_LINI_UMIC_InternetPT.pdf
- Lippmann, W. (1992). *Public Opinion*. New York: MacMillian.
- Loader, Brian D. (1997). *The Governance of Cyberspace*. Londres: Routledge.
- Lusa (2013). *Portugal tem a maior rede de universidades seniores do mundo*. Consultado em maio, 2014, em <http://uniseti.wordpress.com/2013/03/08/portugal-tem-a-maior-rede-de-universidades-seniores-do-mundo>
- Lyotard, Jean-F. (2003). *A Condição Pós-Moderna*, (3ª Ed). Lisboa: Gradiva.
- Madden, M. (2010). *Older Adults and Social Media*. Consultado em agosto 4, 2012, em [http://pewinternet.org/Reports/2010/Older-Adults-and-Social-Meios de comunicação de massa.aspx](http://pewinternet.org/Reports/2010/Older-Adults-and-Social-Meios%20de%20comunica%C3%A7%C3%A3o%20de%20massa.aspx)
- Malta, S. (2008). *Intimacy and Older Adults: a Comparison Between Online and Offline Romantic Relationships*. Consultado em abril 14, 2011, em <http://researchbank.swinburne.edu.au/vital/access/manager/Repository/swin:9141>
- McQuail, D. (2003). *Teoria da Comunicação de Massas*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Malta, S. (2007). *Love Actually! Older Adults and their Romantic Internet Relationships*. Consultado em abril 6, 2011, em <http://www.swinburne.edu.au/hosting/ijets/journal/V5N2/pdf/Article2-MALTA.pdf>
- Marôco, J. (2011). *Análise Estatística com o SPSS Statistics*, (5ª ed). Lisboa: Report Number.

- Marôco, J. & Marques T. (2006). *Qual a Fiabilidade do Alpha de Cronbach? Questões Antigas e Modernas*. Consultado em novembro 11, 2013, em [http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/133/1/LP%204\(1\)%20-%2065-90.pdf](http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/133/1/LP%204(1)%20-%2065-90.pdf)
- Martinez-Pecino, R., Cabecinhas, R. & Loscertales, F. (2011). *University Senior Students on the Web*. Sevilha & Braga: Comunicar, (nº37), (pp. 89-95). Consultado em dezembro 19, 2013, em <http://www.revistacomunicar.com/pdf/comunicar37-en.pdf>
- Martinez-Pecino, R., Matos, A. & Silva, P. (2013). Portuguese Older People and the Internet: Interaction, uses, motivations, and obstacles. In *Communications - The European Journal of Communication Research*, (Volume 38), (Issue 4), (pp. 331–346).
- Martins, M. (2011). *Crise no Castelo da Cultura. Das Estrelas para os Ecrãs*. Coimbra: Grácio Editor.
- Martins, R. & Rodrigues, M. (2004). *Estereótipos sobre Seniores: Uma Representação Social Gerontofóbica*. Consultado em maio, 22, em: <http://www.ipv.pt/millennium/Millennium29/32.pdf>
- Messik, S. (1989). *Educational Measurement and Evaluation*. *American Psychologist*, (Nº30), (pp. 955-966).
- Moreira, J. (2009). *Questionário: Teoria e Prática*. Lisboa: Almedina.
- Negreiros, T. (2004). *Sexualidade e Género no Envelhecimento*. Consultado em agosto, 18, 2014, em [http://revistaalceu.com.puc-rio.br/meios de comunicação de massa/alceu_n9_negreiros.pdf](http://revistaalceu.com.puc-rio.br/meios%20de%20comunicao%20de%20massa/alceu_n9_negreiros.pdf)
- Negroponete, N. (1995). *Being Digital*. Londres: Coronet Books.

Nelson, T. D. (2005). *Ageism: Prejudice Against our Feared Future Self*. Journal of Social, (Vol.61), (pp. 207-221).

New York Times (2003). *Instant Messaging Leaves School for Office*. Consultado em setembro, 21, 2012, em <http://www.nytimes.com/2003/03/11/business/instant-messaging-leaves-school-for-office.html?pagewanted=all&src=pm>

Nie, H. & Erbring, L. (2002). *The Internet and Society*. Consultado em maio 14, 2010, em http://www.nomads.usp.br/documentos/textos/cultura_digital/tics_arq_urb/internet_society%20report.pdf

Nunnally, J.C.(1978). *Psychometric Theory*. New York: McGraw-Hill.

Obercom (2012). *Sociedade em Rede 2012 - A Internet em Portugal 2011*. Consultado em fevereiro 17, 2014, em <http://www.obercom.pt/client/?newsId=790&fileName=internet2012.pdf>

Observador (2014). *Quem são e como vivem os idosos em Portugal*. Consultado em setembro 30, 2014, em <http://observador.pt/2014/09/30/quem-sao-e-como-vivem-os-idosos-em-portugal/>

Oldenburg, R. (1999). *The Great Good Place*. New York: Marlowe & Company.

OMS (2012). *Health statistics and Health Information Systems. Definition of an Older or Elderly Person*. Consultado em abril 17, 2012, em <http://www.who.int/healthinfo/survey/ageingdefnolder/en/>

ONU (2012). *Population Ageing and Development 2012*. Consultado em novembro 12, 2013, http://www.un.org/en/development/desa/population/publications/pdf/ageing/2012PopAgeingandDev_WallChart.pdf

Pereirinha, J.A. (1999). A investigação Sobre a Pobreza e Exclusão Social em Portugal: Reflexão em torno de algumas propostas. In CESIS (1999), *Actas do Seminário Pobreza e Exclusão Social em Portugal*, Lisboa: Centro Ismaili, (pp. 131-138).

Perry, L. & Finkelstein, M. (1999). *Toward a Broader View of Age Discrimination in Employment-Related Decisions: A Joint Consideration of Organizational Factors and Cognitive Processes*. *Human Resource Management Review*, (Vol. 9), (pp.21-49).

Pestana, M. & Gageiro, J. (1998). *Análise de dados para Ciências Sociais – A Complementaridade do SPSS*. Lisboa: Edições Sílabo.

Pikunas, J. (1979). *Desenvolvimento Humano*. São Paulo: McGraw-Hill.

Platão (2003). *O Banquete*. Consultado em julho, 18, 2014, em http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/hfe/protagoras2/links/O_banquete.pdf

Ploner, K., Sais, A., & Strey, M. (2008). *Questões de Género em Grupos de Terceira Idade*. Consultado em agosto, 17, 2014, em <http://books.scielo.org/id/qfx4x/pdf/ploner-9788599662854-24.pdf>

Pordata (2012). *Agregados Domésticos Privados com Computador, com Ligação à Internet e com Ligação à Internet através de Banda Larga*. Consultado em março 12, 2012, em [http://www.pordata.pt/Portugal/Agregados+domesticos+privados+com+computador++com+ligacao+a+Internet+e+com+ligacao+a+Internet+atraves+de+banda+larga+\(percentage+m\)-1158](http://www.pordata.pt/Portugal/Agregados+domesticos+privados+com+computador++com+ligacao+a+Internet+e+com+ligacao+a+Internet+atraves+de+banda+larga+(percentage+m)-1158)

Pordata (2012). *Indicadores de Envelhecimento em Portugal*. Consultado em janeiro 12, 2012, em <http://www.pordata.pt/Europa/Indice+sintetico+de+fecundidade-1251>

Pourtois, Jean-Pierre. & Desmet, H. (1988). *Épistemologie et Instrumentation en Sciences Humaines*. Bruxelas: Pierre Mardaga.

Prensky, M. (2001). *Digital Natives, Digital Immigrants*. Consultado em maio 12, 2011, em <http://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>

Priberam (2013). *Infoexcluído*. Consultado em junho 3, 2013, em <http://www.priberam.pt/dlpo/infoexclusao>

Provedor da Justiça (2012). *Linha de Cidadão Idoso*. Consultado em janeiro 18, 2013, em <http://www4.seg-social.pt/complemento-por-dependencia>

Quivy, R. & Campenhoudt, Van. (1992). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva. Consultado em abril 11, 2012, em <http://www.scribd.com/doc/37937019/Quivy-e-Campenhoudt-Manual-de-Investigacao-em-Ciencias-Sociais>

Rainie, L., Purcell, K. & Smith, A. (2011). *The Social Side of the Internet*. Consultado em julho 12, 2013, em <http://www.pewinternet.org/2011/01/18/the-social-side-of-the-internet/>

REDTESS (2010). *Ano Europeu do Combate à Pobreza e à Exclusão Social - Contributos bibliográficos*. Consultado em abril 11, 2012, em http://www.igfse.pt/upload/docs/2012/REDTESS_catalogo2010_AnoEuropeuCombateaPobreza.pdf

Rheingold, H. (2002). *Smart Mobs*. Cambridge: Basic Books.

Rheingold, H. (2000). *The Virtual Community: Homesteading on the Electronic Frontier*. Massachusetts: MIT Press.

Rothermund, K., & Mayer, K. (2009). *Altersdiskriminierung. Erscheinungsformen, Erklärungen und Interventionsansätze. Age Discrimination. Manifestations, Explanations, and Approaches to Intervention*. Stuttgart: Kohlhammer.

Rutis (2008). *Universidades Seniores*. Consultado em março 7, 2013, em <http://www.rutis.org/cgi-bin/reservado/scripts/command.cgi?naction=4&mn=EkpFuVZIEynEumlwll>

SEDUCE (2009). *SEDUCE - Utilização da comunicação e da informação mediada tecnologicamente em ecologias Web pelo cidadão sénior*. Consultado em agosto 20, 2014, em http://www.seduce.pt/SITE_PT/index.html

Sen, A. (1982). *Poverty and Famines – An Essay on Entitlement and Deprivation*. Reino Unido: Oxford University.

Silva, Augusto S. & Pinto, José M. (2009). *Metodologia em Ciências Sociais*. Porto: Edições Afrontamento.

Silva, M. (2006). *Se fosse tudo bem, a velhice era boa de enfrentar! - Racionalidades leigas sobre envelhecimento e velhice - um estudo no Norte de Portugal*. Consultado em fevereiro 12, 2014, em <https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/788/1/LC173.pdf>

Sitoe, R. (2006). *Aprendizagem ao Longo da Vida: Um conceito utópico?* Consultado em outubro 23, 2014, em <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/cog/v12n2/v12n2a09.pdf>

Shapiro, Andrew L. (1999). *The Control Revolution*. Nova York: Public Affairs.

Slevin, J. (2000). *The Internet and Society*. Londres: Polity Press.

Sousa, M. & Baptista, C. (2011). *Como Fazer Investigação, Dissertações, Teses e Relatórios*. Lisboa: Pactor.

Spicker, Paul. (2007). *The Ideia of Poverty*. Reino Unido: Polity Press.

Tajfel, H. (1972). La Catégorisation sociale. In S. Moscovici (Ed) *Introduction à la Psychologie Sociale*, (Vol. I), Larousse Université.

Thompson, John B. (1995). *The Media and Modernity - A Social Theory of the Media*. Califórnia: Stanford University.

Thompson, John B. (1998). *Ideology and Modern Culture*. Cambridge. Polity Press.

- Toffler, A. (1979). *Choque do Futuro*. Lisboa : Edição Livros do Brasil.
- Turato, R. (2003). *Tratado da Metodologia da Pesquisa Clínico-Qualitativa: Construção Teórico-Epistemológica, Discussão Comparada e Aplicação nas Áreas da Saúde e Humanas*. Petrópolis: Vozes.
- Turkle, S. (1995). *Life on the Screen*. New York: Simon & Schuster Paperbacks.
- UCLA (2000). *The UCLA Internet Report: "Surveying the Digital Future"*. Consultado em novembro 11, 2010, em <http://www.ccp.ucla.edu/pages/internet-report.asp>
- Uslaner, Eric M. (2004). *The Internet and Social Capital*. Consultado em setembro, 2012, em <http://www.gvpt.umd.edu/uslaner/uslanernet.pdf>
- Virilio, P. (2000). *The Information Bomb*. Londres: Verso.
- Wellman, B. & Haythornthwaite, C. (2002). *The Internet in Everyday Life*. Oxford: Blackwell Publishers.
- Werner, O. & Schoepfle, M. (1987). Systematic Fieldwork, Vol. 1: Foundations of Ethnography and Interviewing. In Lessard, M, Goyette, G. & Gérald, B. (2010). *Investigação Qualitativa*. Lisboa: Instituto Piaget. (pp. 160).
- WIP (2013). *World Internet Project International Report: International Report—Fifth Edition*. Consultado em setembro 13, 2013, em www.digitalcenter.org/wp-content/.../2013worldinternetreport.pdf
- Wurman, Richard S. (1989). *Information Anxiety*. New York: Doubleday.

Xiberras, M. (1993). *As Teorias da Exclusão: Para uma Construção da Imaginário do Desvio*.

Lisboa: Instituto Piaget.

Zickuhr, K. (2010). *Generation 2010*. Washinton. Consultado em março, 12, em

<http://pewinternet.org/Reports/2010/Generations-2010.aspx>

ANEXOS

ANEXO I

Guião geral das entrevistas

Guião geral das entrevistas

01. Há quanto tempo usa a Internet? Qual a frequência diária do tempo despendido?
02. Que site(s) visita mais e que serviço utiliza?
03. Com quem aprendeu a utilizar a Internet?
04. Com quem costuma aceder à Internet e em que local?
05. Possui algum perfil em redes sociais? Quantos amigos tem associados?
06. Qual a sua opinião acerca das redes sociais? Quais as suas vantagens e desvantagens?
07. Que vantagens e desvantagens associa ao uso da internet?
08. Quando liga o computador e acede à Internet o que faz em primeiro lugar?
09. Possui computador em casa com acesso à Internet?
10. Utiliza Internet no telemóvel?
11. Que vantagens identifica na forma como nos relacionamos através da Internet?
12. Acha que a Internet mudou o seu quotidiano?
13. Participa em alguma atividade de voluntariado?
14. Costuma ir ao cinema, teatro, museus? Com que frequência?
15. Costuma ler livros? Com que frequência?
16. Costuma ter o dia muito ou pouco ocupado?
17. Costuma utilizar algum serviço através da Internet? (*homebanking*, pagamentos faturas...)
18. Quando comunica através da Internet fá-lo geralmente com quem? Através de que serviço?
19. Que perigos ou ameaças associa à Internet?
20. Costuma relacionar-se fisicamente com amigos, familiares ou vizinhos? E virtualmente?

21. Acha que a solidão aumenta à medida que envelhecemos? O que acha que poderia ser feito para evitar?
22. Qual a sua opinião acerca do papel da Internet no combate à solidão?
23. Costuma comprar jornais?
24. O que acha que os seniores fazem mais quando usam a Internet?
25. Acha que os seus dados pessoais estão mais vulneráveis quando estão *online*?
26. Tenta estar atualizada acerca das notícias nacionais e internacionais?
27. Costuma pesquisar na Internet informação relativa à saúde?
28. Acha que as fontes de informação da Internet são fidedignas?
29. Já utilizou a Internet para algum tipo de manifestação cultural, política ou individual? (petições, *blogs*...)
30. Encontra dificuldades na forma como usa Internet?
31. Costuma falar através da Internet?
32. Costuma enviar mensagens de telemóvel? Para quem?
33. Acha que a Internet pode melhorar a qualidade de vida dos seniores?
34. Sente algum grau de satisfação após terminar de usar a Internet?

Anexo II
QUESTIONÁRIO

QUESTIONÁRIO

Este questionário está inserido num projeto de doutoramento na área das ciências da comunicação na Universidade do Minho e pretende estudar a relação entre os seniores e a internet. O seu preenchimento demorará entre 5 a 10 minutos e todos os dados são confidenciais. O seu feedback é muito importante para que possamos compreender melhor esta realidade. Obrigado pela sua participação!

Sexo: Feminino Masculino

Idade: ____ Agregado familiar (*peçoas com quem habita*): _____

Aposentado? Sim Não

01. Qual o seu grau de escolaridade?

Ensino básico *Ensino secundário* *Bacharelato* *Licenciatura* *Doutoramento*

02. Qual o rendimento mensal do seu agregado familiar?

inferior a 500€ *entre 500€ e 1.000€* *entre 1.000€ e 2.000€* *superior a 2.000€*

03. Há quantos anos utiliza a Internet? _____

(*se a resposta for 0 anos passe para a questão n°23*)

04. Quantas horas gasta em média **POR SEMANA** na internet? _____

05. Como costuma aceder à internet?

Sozinho *Acompanhado*

As seguintes afirmações estão relacionadas com os seus hábitos como utilizador da Internet.

Leia por favor com atenção e classifique-as numa escala de 1 a 4, onde 1 equivale a “Nunca” e 4 a “Diariamente”.

06. Navegar em redes sociais

Nunca *Raramente* *Frequentemente* *Diariamente*

07. Enviar e receber e-mails

Nunca *Raramente* *Frequentemente* *Diariamente*

08. Participar em chats

Nunca *Raramente* *Frequentemente* *Diariamente*

09. Inserir conteúdos em blogs, sites ou redes sociais

Nunca *Raramente* *Frequentemente* *Diariamente*

10. Comparar preços
- | | | | |
|--------------|------------------|-----------------------|--------------------|
| <i>Nunca</i> | <i>Raramente</i> | <i>Frequentemente</i> | <i>Diariamente</i> |
| 1 | 2 | 3 | 4 |
11. Jogar online (*jogos de fortuna ou azar ex: poker, apostas...*)
- | | | | |
|--------------|------------------|-----------------------|--------------------|
| <i>Nunca</i> | <i>Raramente</i> | <i>Frequentemente</i> | <i>Diariamente</i> |
| 1 | 2 | 3 | 4 |
12. Pesquisar informação sobre saúde
- | | | | |
|--------------|------------------|-----------------------|--------------------|
| <i>Nunca</i> | <i>Raramente</i> | <i>Frequentemente</i> | <i>Diariamente</i> |
| 1 | 2 | 3 | 4 |
13. Pesquisar informação religiosa
- | | | | |
|--------------|------------------|-----------------------|--------------------|
| <i>Nunca</i> | <i>Raramente</i> | <i>Frequentemente</i> | <i>Diariamente</i> |
| 1 | 2 | 3 | 4 |
14. Pesquisar informação política
- | | | | |
|--------------|------------------|-----------------------|--------------------|
| <i>Nunca</i> | <i>Raramente</i> | <i>Frequentemente</i> | <i>Diariamente</i> |
| 1 | 2 | 3 | 4 |
15. Consultar informação desportiva
- | | | | |
|--------------|------------------|-----------------------|--------------------|
| <i>Nunca</i> | <i>Raramente</i> | <i>Frequentemente</i> | <i>Diariamente</i> |
| 1 | 2 | 3 | 4 |
16. Visitar sites com conteúdos para adultos
- | | | | |
|--------------|------------------|-----------------------|--------------------|
| <i>Nunca</i> | <i>Raramente</i> | <i>Frequentemente</i> | <i>Diariamente</i> |
| 1 | 2 | 3 | 4 |
17. Pesquisar destinos de férias / planear viagens
- | | | | |
|--------------|------------------|-----------------------|--------------------|
| <i>Nunca</i> | <i>Raramente</i> | <i>Frequentemente</i> | <i>Diariamente</i> |
| 1 | 2 | 3 | 4 |
18. Pagar contas via internet
- | | | | |
|--------------|------------------|-----------------------|--------------------|
| <i>Nunca</i> | <i>Raramente</i> | <i>Frequentemente</i> | <i>Diariamente</i> |
| 1 | 2 | 3 | 4 |
19. Adquirir bens ou serviços através de compras online
- | | | | |
|--------------|------------------|-----------------------|--------------------|
| <i>Nunca</i> | <i>Raramente</i> | <i>Frequentemente</i> | <i>Diariamente</i> |
| 1 | 2 | 3 | 4 |
20. Pesquisar um facto político mais detalhadamente
- | | | | |
|--------------|------------------|-----------------------|--------------------|
| <i>Nunca</i> | <i>Raramente</i> | <i>Frequentemente</i> | <i>Diariamente</i> |
| 1 | 2 | 3 | 4 |
21. Pesquisar informação de cultura geral
- | | | | |
|--------------|------------------|-----------------------|--------------------|
| <i>Nunca</i> | <i>Raramente</i> | <i>Frequentemente</i> | <i>Diariamente</i> |
| 1 | 2 | 3 | 4 |

22. Procurar relacionamentos amorosos

Nunca *Raramente* *Frequentemente* *Diariamente*
1 2 3 4

As seguintes questões estão relacionadas com a sua vida social. Leia atentamente cada uma delas e classifique-as numa escala de 1 a 4, onde 1 equivale a “Nunca” e 4 a “Diariamente”.

23. Costuma ir ao cinema, teatro, exposições de arte ou visitar museus?

Nunca *Raramente* *Frequentemente* *Diariamente*
1 2 3 4

24. Costuma praticar desporto?

Nunca *Raramente* *Frequentemente* *Diariamente*
1 2 3 4

25. Participa em ações de voluntariado?

Nunca *Raramente* *Frequentemente* *Diariamente*
1 2 3 4

26. Costuma visitar ou ser visitado por familiares ou amigos?

Nunca *Raramente* *Frequentemente* *Diariamente*
1 2 3 4

27. Tem por hábito ler jornais?

Nunca *Raramente* *Frequentemente* *Diariamente*
1 2 3 4

28. Costuma ler livros?

Nunca *Raramente* *Frequentemente* *Diariamente*
1 2 3 4

29. Costuma assistir a debates políticos?

Nunca *Raramente* *Frequentemente* *Diariamente*
1 2 3 4

30. Costuma estar informado acerca da política internacional?

Nunca *Raramente* *Frequentemente* *Diariamente*
1 2 3 4

31. Costuma participar em ações de protesto ou petições?

Nunca *Raramente* *Frequentemente* *Diariamente*
1 2 3 4

32. Costuma sentir-se privado(a) de algo?

Nunca *Raramente* *Frequentemente* *Diariamente*
1 2 3 4

33. Costuma sentir-se rejeitado(a)?

<i>Nunca</i>	<i>Raramente</i>	<i>Frequentemente</i>	<i>Diariamente</i>
1	2	3	4

34. Costuma sentir-se só?

<i>Nunca</i>	<i>Raramente</i>	<i>Frequentemente</i>	<i>Diariamente</i>
1	2	3	4

35. De um modo geral, costuma sentir-se bem consigo próprio(a)?

<i>Nunca</i>	<i>Raramente</i>	<i>Frequentemente</i>	<i>Diariamente</i>
1	2	3	4

36. Em termos globais, sente-se satisfeito(a) com a sua vida?

<i>Nunca</i>	<i>Raramente</i>	<i>Frequentemente</i>	<i>Diariamente</i>
1	2	3	4

37. Costuma sentir-se limitado(a) por razões de saúde?

<i>Nunca</i>	<i>Raramente</i>	<i>Frequentemente</i>	<i>Diariamente</i>
1	2	3	4

38. Costuma ter dificuldade a encontrar/ter acesso ao que procura?

<i>Nunca</i>	<i>Raramente</i>	<i>Frequentemente</i>	<i>Diariamente</i>
1	2	3	4

TABELAS

I – Frequência resposta dos itens sociodemográficos (n=106)

Tabela 1. Sexo

	N	Percentagem
Feminino	54	50.9%
Masculino	52	49.1%
Total	106	100%

Tabela 2. Região

	N	Percentagem
Porto	76	71.7%
Braga	22	20.8%
Coimbra	4	3.8%
Leiria	2	1.9%
Guimarães	2	1.9%
Total	106	100%

Tabela 3. Idade

	N	Percentagem
Entre 60 e 65 anos	34	32.1%
Entre 66 e 70 anos	37	34.9%
Entre 71 e 75 anos	20	18.9%
Mais de 75 anos	15	14.2%
Total	106	100%

Tabela 4. Agregado familiar

	N	Percentagem
1 Elemento	56	52.8%
2 Elementos	38	35.8%
3 Elementos	8	7.5%
4 Elementos	3	2.8%
5 Elementos	1	0.9%
Total	106	100%

Tabela 5. Aposentação

	N	Percentagem
Sim	91	85.8%
Não	15	14.2%
Total	106	100%

Tabela 6. Habilitações

	N	Percentagem
Ensino básico	29	27.4%
Ensino secundário	40	37.7%
Bacharelato	15	14.2%
Licenciatura	20	18.9%
Doutoramento	2	1.9%
Total	106	100%

Tabela 7. Rendimento

	N	Percentagem
Inferior a 500 euros	8	7.5%
Entre 500 e 1000 euros	32	30.2%
Entre 1.000 e 2.000 euros	30	28.3%
Superior a 2.000 euros	36	34%
Total	106	100%

II - Frequência de resposta aos itens referentes ao domínio social e simbólico
(n=106)

Tabela 8. Ir ao cinema, teatro, exposições de arte ou visita museus

	N		Percentagem	
	Utilizador	Não Utilizador	Utilizador	Não Utilizador
Nunca	3	18	4.7%	42.9%
Raramente	40	21	62.5%	50%
Frequentemente	21	3	32.8%	7.1%
Diariamente	0	0	0%	0%
Total	64	42	100%	100%

Tabela 9. Praticar desporto

	N		Percentagem	
	Utilizador	Não Utilizador	Utilizador	Não Utilizador
Nunca	10	24	15.6%	57.1%
Raramente	30	12	46.9%	28.6%
Frequentemente	21	5	32.8%	11.9%
Diariamente	3	1	4.7%	2.4%
Total	64	42	100%	100%

Tabela 10. Participar em ações de voluntariado

	N		Percentagem	
	Utilizador	Não Utilizador	Utilizador	Não Utilizador
Nunca	23	23	35.9%	54.8%
Raramente	26	16	40.6%	38.1%
Frequentemente	10	2	15.6%	4.8%
Diariamente	5	1	7.8%	2.4%
Total	64	42	100%	100%

Tabela 11. Visitar ou ser visitado por familiares ou amigos

	N		Percentagem	
	Utilizador	Não Utilizador	Utilizador	Não Utilizador
Nunca	0	0	0%	0%
Raramente	10	6	15.6%	14.3%
Frequentemente	48	21	75%	50%
Diariamente	6	15	9.4%	35.7%
Total	64	42	100%	100%

Tabela 12. Ler jornais

	N		Percentagem	
	Utilizador	Não Utilizador	Utilizador	Não Utilizador
Nunca	1	3	1.6%	7.1%
Raramente	13	13	20.3%	31%
Frequentemente	28	13	43.8%	31%
Diariamente	22	13	34.4%	31%
Total	64	42	100%	100%

Tabela 13. Ler livros

	N		Percentagem	
	Utilizador	Não Utilizador	Utilizador	Não Utilizador
Nunca	2	7	3.1%	16.7%
Raramente	11	24	17.2%	57.1%
Frequentemente	37	9	57.8%	21.4%
Diariamente	14	2	21.9%	4.8%
Total	64	42	100%	100%

Tabela 14. Assistir a debates políticos

	N		Percentagem	
	Utilizador	Não Utilizador	Utilizador	Não Utilizador
Nunca	2	6	3.1%	14.3%
Raramente	24	16	37.5%	38.1%
Frequentemente	37	15	57.8%	35.7%
Diariamente	1	5	1.6%	11.9%
Total	64	42	100%	100%

Tabela 15. Estar informado acerca da política Internacional

	N		Percentagem	
	Utilizador	Não Utilizador	Utilizador	Não Utilizador
Nunca	0	8	0%	19%
Raramente	17	13	26.6%	31%
Frequentemente	38	17	59.4%	40.5%
Diariamente	9	4	14.1%	9.5%
Total	64	42	100%	100%

Tabela 16. Participar em ações de protesto ou petições

	N		Percentagem	
	Utilizador	Não Utilizador	Utilizador	Não Utilizador
Nunca	26	29	40.6%	69%
Raramente	32	10	50%	23.8%
Frequentemente	6	2	9.4%	4.8%
Diariamente	0	1	0%	2.4%
Total	64	42	100%	100%

Tabela 17. Sentir-se privado

	N		Percentagem	
	Utilizador	Não Utilizador	Utilizador	Não Utilizador
Nunca	10	5	15.6%	11.9%
Raramente	41	29	64.1%	69%
Frequentemente	13	8	20.3%	19%
Diariamente	0	0	0%	0%
Total	64	42	100%	100%

Tabela 18. Sentir-se rejeitado

	N		Percentagem	
	Utilizador	Não Utilizador	Utilizador	Não Utilizador
Nunca	37	28	57.8%	66.7%
Raramente	27	12	42.2%	28.6%
Frequentemente	0	1	0%	2.4%
Diariamente	0	1	0%	2.4
Total	64	42	100%	100%

Tabela 19. Sentir-se só

	N		Percentagem	
	Utilizador	Não Utilizador	Utilizador	Não Utilizador
Nunca	20	20	31.3%	47.6%
Raramente	38	18	60.9%	42.9%
Frequentemente	5	3	7.8%	7.1%
Diariamente	0	1	0%	2.4%
Total	64	42	100%	100%

Tabela 20. Sentir-se bem consigo próprio

	N		Porcentagem	
	Utilizador	Não Utilizador	Utilizador	Não Utilizador
Nunca	0	2	0%	4.8%
Raramente	1	4	1.6%	9.5%
Frequentemente	43	24	67.2%	59.5%
Diariamente	20	11	31.3%	26.2%
Total	64	42	100%	100%

Tabela 21. Sentir-se satisfeito com a vida

	N		Porcentagem	
	Utilizador	Não Utilizador	Utilizador	Não Utilizador
Nunca	0	4	0%	9.5%
Raramente	4	2	6.3%	4.8%
Frequentemente	41	24	64.1%	59.5%
Diariamente	19	11	29.7%	26.2%
Total	64	42	100%	100%

Tabela 22. Sentir-se limitado por razões de saúde

	N		Percentagem	
	Utilizador	Não Utilizador	Utilizador	Não Utilizador
Nunca	7	4	10.9%	9.5%
Raramente	41	24	64.1%	57.1%
Frequentemente	14	8	21.9%	19%
Diariamente	2	6	3.1%	14.3%
Total	64	42	100%	100%

Tabela 23. Ter dificuldade em encontrar/ter acesso aquilo que procura

	N		Percentagem	
	Utilizador	Não Utilizador	Utilizador	Não Utilizador
Nunca	9	4	14.1%	9.5%
Raramente	49	32	76.6%	76.2%
Frequentemente	6	5	9.4%	11.9%
Diariamente	0	1	0%	2.4%
Total	64	42	100%	100%

II – Frequência de respostas aos itens referentes aos hábitos de utilização da Internet (n=64)

Tabela 24. Anos que utilizam Internet

	N	Porcentagem
Há menos de 5 anos	30	46.9%
Entre 5 e 10 anos	22	35.5%
Entre 10 e 15 anos	8	12.9%
Há mais de 15 anos	2	3.1%
Total	64	100%

Tabela 25. Horas gastas por semana na Internet

	N	Porcentagem
Menos de 5 horas	39	60.9%
Entre 5 e 10 horas	14	21.9%
Entre 10 e 15 horas	4	6.3%
Entre 15 e 20 horas	4	6.3%
Mais de 20 horas	3	4.7%
Total	64	100%

Tabela 26. Como acedem à Internet

	N	Percentagem
Sozinho	56	87.5%
Acompanhado	3	4.7%
Ambas	5	7.8%
Total	64	100%

Tabela 27. Frequência de utilização das redes sociais

	N	Percentagem
Nunca	17	27.4%
Raramente	26	41.9%
Frequentemente	15	24.2%
Diariamente	4	6.5%
Total	64	100%

Tabela 28. Enviar e receber *e-mails*

	N	Percentagem
Nunca	6	9.4%
Raramente	18	28.1%
Frequentemente	20	31.3%
Diariamente	20	31.3%
Total	64	100%

Tabela 29. Participar em *chats*

	N	Percentagem
Nunca	38	60.3%
Raramente	25	39.7%
Frequentemente	0	0%
Diariamente	0	0%
Total	64	100%

Tabela 30. Inserir conteúdos em *blogs*, sites ou redes sociais

	N	Percentagem
Nunca	38	60.3%
Raramente	25	39.7%
Frequentemente	6	9.4%
Diariamente	0	0%
Total	64	100%

Tabela 31. Comparar preços na Internet

	N	Percentagem
Nunca	18	28.1%
Raramente	24	37.5%
Frequentemente	21	32.8%
Diariamente	1	1.6%
Total	64	100%

Tabela 32. Jogar na Internet

	N	Percentagem
Nunca	42	65.6%
Raramente	16	25%
Frequentemente	5	7.8%
Diariamente	1	1.6%
Total	64	100%

Tabela 33. Pesquisar informação sobre saúde na Internet

	N	Percentagem
Nunca	5	7.8%
Raramente	26	40.6%
Frequentemente	31	48.4%
Diariamente	2	3.1%
Total	64	100%

Tabela 34. Pesquisar informação religiosa na Internet

	N	Percentagem
Nunca	19	29.7%
Raramente	40	62.5%
Frequentemente	5	7.8%
Diariamente	0	0%
Total	64	100%

Tabela 35. Pesquisar informação política na Internet

	N	Percentagem
Nunca	13	20.3%
Raramente	22	34.4%
Frequentemente	26	40.6%
Diariamente	3	4.7%
Total	64	100%

Tabela 36. Pesquisar informação desportiva na Internet

	N	Percentagem
Nunca	21	32.8%
Raramente	19	29.7%
Frequentemente	17	26.6%
Diariamente	7	10.9%
Total	64	100%

Tabela 37. Visitar sites com conteúdos para adultos

	N	Percentagem
Nunca	38	59.4%
Raramente	22	34.4%
Frequentemente	4	6.3%
Diariamente	0	0%
Total	64	100%

Tabela 38. Pesquisar destinos de férias ou planejar viagens na Internet

	N	Percentagem
Nunca	13	20.3%
Raramente	25	39.1%
Frequentemente	26	40.6%
Diariamente	0	0%
Total	64	100%

Tabela 39. Pagar contas através da Internet

	N	Percentagem
Nunca	32	50%
Raramente	17	26.6%
Frequentemente	15	23.4%
Diariamente	0	0%
Total	64	100%

Tabela 40. Adquirir bens ou serviços através da Internet

	N	Percentagem
Nunca	40	62.5%
Raramente	16	25%
Frequentemente	8	12.5%
Diariamente	0	0%
Total	64	100%

Tabela 41. Pesquisar um facto político com mais detalhe na Internet

	N	Percentagem
Nunca	11	17.2%
Raramente	31	48.4%
Frequentemente	22	34.4%
Diariamente	0	0%
Total	64	100%

Tabela 42. Pesquisar informação de cultura geral na Internet

	N	Percentagem
Nunca	2	3.1%
Raramente	17	26.6%
Frequentemente	42	65.6%
Diariamente	3	4.7%
Total	64	100%

Tabela 43. Procurar relacionamentos amorosos na Internet

	N	Percentagem
Nunca	64	100%
Raramente	0	0%
Frequentemente	0	0%
Diariamente	0	0%
Total	64	100%

III – Referências cruzadas dos dados sociodemográficos dos seniores que utilizam a Internet (n=64)

Tabela 44. Género e idade

	Entre 60 e 65 anos	Entre 66 e 70 anos	Entre 71 e 75 anos	Mais de 75 anos	N
Mulheres	48.2%	44.8%	6.8%	0%	29
Homens	31.4%	37.1%	22.8%	8.5%	35

Tabela 45. Rendimento e habilitações

	Ensino básico	Ensino secundário	Bacharelato	Licenciatura	Doutoramento	N
Inferior a 500€	25%	50%	0%	25%	0%	4
Entre 500 e 1.000€	28.5%	71.4%	0%	0%	0%	7
Entre 1.000 e 2.000€	4.3%	47%	13%	34.7%	0%	23
Superior a 2.000€	0%	26.6%	33.3%	33.3%	6.6%	30

Tabela 46. Rendimento e anos de uso da Internet

	Menos de 5 anos	Entre 5 e 10 anos	Entre 10 e 15 anos	Há mais de 15 anos	N
Inferior a 500€	50%	50%	0%	0%	4
Entre 500 e 1.000€	71.4%	14.2%	14.2%	0%	7
Entre 1.000 e 2.000€	52.1%	43.4%	4.3%	0%	23
Superior a 2.000€	36.6%	36.6%	20%	6.6%	30

Tabela 47. Idade e anos de utilização da Internet

	Menos de 5 anos	Entre 5 e 10 anos	Entre 10 e 15 anos	Há mais de 15 anos	N
Entre 60 e 65 anos	36%	36%	24%	4%	25
Entre 66 e 70 anos	57.69%	30.76	7.69%	3.84%	26
Entre 71 e 75 anos	40%	60%	0%	0%	10
Mais de 75 anos	66.66%	33.33%	0%	0%	3

Tabela 48. Idade e agregado familiar

	Sozinho	2 elementos	3 elementos	4 elementos	5 elementos	N
Entre 60 e 65 anos	44%	40%	12%	0%	4%	25
Entre 66 e 70 anos	38.4%	38.4%	11.5%	11.5%	0%	26
Entre 71 e 75 anos	100%	0%	0%	0%	0%	10
Mais de 75 anos	66.6%	33.3%	0%	0%	0%	3

Tabela 49. Idade e horas gastas por semana na Internet

	Menos de 5 horas	Entre 5 e 10 horas	Entre 10 e 15 horas	Entre 15 e 20 horas	Mais de 20 horas	N
Entre 60 e 65 anos	68%	16%	8%	4%	4%	25
Entre 66 e 70 anos	61.5%	26.9%	3.8%	7.6%	0%	26
Entre 71 e 75 anos	20%	40%	10%	10%	0%	10
Mais de 75 anos	100%	0%	0%	0%	0%	3

Tabela 50. Anos de uso da Internet e habilitações

	Ensino básico	Ensino secundário	Bacharelato	Licenciatura	Doutoramento	N
Menos de 5 anos	3.3%	46.6%	13.3%	36.6%	0%	30
Entre 5 e 10 anos	12.5%	29.1%	20.8%	29.1%	8.3%	24
Entre 10 e 15 anos	0%	50%	37.5%	12.5%	0%	8
Há mais de 15 anos	0%	50%	50%	0%	0%	2

V – Referências cruzadas entre os dados sociodemográficos e os hábitos de utilização da Internet (n=64)

Tabela 51. Género e o uso do *e-mail*

	Nunca	Raramente	Frequentemente	Diariamente	N
Mulheres	6.8%	34.4%	41.3%	17.2%	29
Homens	11.4%	22.8%	22.8%	42.8%	35

Tabela 52. Género e o uso das redes sociais

	Nunca	Raramente	Frequentemente	Diariamente	N
Mulheres	28.5%	42.8%	17.8%	10.7%	29
Homens	11.4%	22.8%	22.8%	2.8%	35

Tabela 53. Género e o uso de *chats*

	Nunca	Raramente	Frequentemente	Diariamente	N
Mulheres	65.5%	34.4%	0%	0%	29
Homens	57.1%	42.8%	0%	0%	35

Tabela 54. Género e o hábito de inserir conteúdos em *blogs*, sites ou redes sociais

	Nunca	Raramente	Frequentemente	Diariamente	N
Mulheres	51.7%	44.8%	13.4%	0%	29
Homens	68.5%	17.1%	14.2%	0%	35

Tabela 55. Aposentação e o hábito inserir conteúdos em *blogs*, sites ou redes sociais

		Nunca	Raramente	Frequentemente	Diariamente	N
Aposentado	Sim	66%	30.1%	5.7%	0%	53
	Não	36.3%	27.2%	36.3%	0%	11

Tabela 56. Aposentação e o uso do *e-mail*

		Nunca	Raramente	Frequentemente	Diariamente	N
Aposentado	Sim	59.4%	32%	32%	7.5%	53
	Não	19%	19%	27.2%	54.5%	11

Tabela 57. Aposentação e o uso das redes sociais

		Nunca	Raramente	Frequentemente	Diariamente	N
Aposentado	Sim	32%	41.5%	18.8%	7.5%	53
	Não	18.1%	36.3%	45.4%	0%	11

Tabela 58. Horas de uso da Internet e o uso das redes sociais

	Nunca	Raramente	Frequentemente	Diariamente	N
Menos de 5 horas	31.5%	44.7%	23.6%	0%	38
Entre 5 e 10 horas	26.6%	46.6%	20%	6.7%	15
Entre 10 e 15 horas	50%	0%	0%	50%	4
Entre 15 e 20 horas	25%	25%	50%	0%	4
Mais de 20 horas	0%	33.3%	33.3%	33.3%	3

Tabela 59. Habilitações e o uso do *e-mail*

	Nunca	Raramente	Frequentemente	Diariamente	N
Ensino básico	0%	25%	50%	25%	4
Ensino secundário	23%	30.7%	30.7%	15.3%	26
Bacharelato	0%	23%	46.1%	30.7%	13
Licenciatura	0%	31.5%	15.7%	52.6%	19
Doutoramento	0%	0%	50%	50%	2

Tabela 60. Habilitações e o uso das redes sociais

	Nunca	Raramente	Frequentemente	Diariamente	N
Ensino básico	75%	25%	0%	0%	4
Ensino secundário	38.4%	38.4%	11.5%	11.5%	26
Bacharelato	23%	46.1%	23%	7.6%	13
Licenciatura	15.7%	42.1%	42.1%	0%	19
Doutoramento	0%	50%	50%	0%	2

Tabela 61. Rendimento e o uso do *e-mail*

	Nunca	Raramente	Frequentemente	Diariamente	N
Inferior a 500€	0%	50%	25%	25%	4
Entre 500 e 1.000€	28.5%	14.2%	57.1%	0%	7
Entre 1.000 e 2.000€	8.6%	39.1%	30.4%	21.7%	23
Mais de 2.000€	6.6%	20%	26.6%	46.6%	30

Tabela 62. Rendimento e o uso das redes sociais

	Nunca	Raramente	Frequentemente	Diariamente	N
Inferior a 500€	25%	50%	0%	25%	4
Entre 500 e 1.000€	57.1%	28.5%	14.2%	0%	7
Entre 1.000 e 2.000€	26%	39.1%	26%	8.6%	23
Mais de 2.000€	26.6%	43.3%	26.6%	3.3%	30

Tabela 63. Anos de uso da Internet e o uso do *e-mail*

	Nunca	Raramente	Frequentemente	Diariamente	N
Menos de 5 anos	13.3%	33.3%	36.6%	16.6%	30
Entre 5 e 10 anos	8.4%	33.3%	16.6%	41.6%	24
Entre 10 e 15 anos	0%	0%	62.5%	37.5%	8
Há mais de 15 anos	0%	0%	0%	100%	2

Tabela 64. Anos de uso da Internet e o uso das redes sociais

	Nunca	Raramente	Frequentemente	Diariamente	N
Menos de 5 anos	33.3%	43.3%	20%	3.3%	30
Entre 5 e 10 anos	33.3%	33.3%	25%	8.3%	24
Entre 10 e 15 anos	12.5%	62.5%	12.5%	12.5%	8
Há mais de 15 anos	0%	0%	100%	0%	2

Tabela 65. Agregado familiar e o hábito de inserir conteúdos em *blogues*, sites ou redes sociais

Inserir conteúdos em blogues, sites ou redes sociais					
	Nunca	Raramente	Frequentemente	Diariamente	N
Sozinho	69.6%	27.2%	3.1%	0%	33
2 elementos	57.1%	38%	4.7%	0%	21
3 elementos	33.3%	16.7%	50%	0%	6
4 elementos	33.3%	33.3%	33.3%	0%	3
5 elementos	100%	0%	0%	0%	1

Tabela 66. Género e o hábito de pagar contas através da Internet

	Nunca	Raramente	Frequentemente	Diariamente	N
Mulheres	65.5%	24.1%	10.3%	0%	29
Homens	37.1%	28.5%	34.2%	0%	35

Tabela 67. Aposentação e o hábito de pagar contas via Internet

		Nunca	Raramente	Frequentemente	Diariamente	N
Aposentado	Sim	54.7%	26.4%	18.8%	0%	53
	Não	27.2%	27.2%	45.4%	0%	11

Tabela 68. Aposentação e o hábito de adquirir bens ou serviços através de compras online

		Nunca	Raramente	Frequentemente	Diariamente	N
Aposentado	Sim	67.9%	22.6%	9.4%	0%	53
	Não	36.3%	36.3%	27.2%	0%	11

Tabela 69. Habilitações e o hábito de adquirir bens ou serviços através de compras online

	Nunca	Raramente	Frequentemente	Diariamente	N
Ensino básico	100%	0%	0%	0%	4
Ensino secundário	77%	11.5%	11.5%	0%	26
Bacharelato	53.8%	38.4%	7.6%	0%	13
Licenciatura	47.3%	36.8%	15.7%	0%	19
Doutoramento	0%	50%	50%	0%	2

Tabela 70. Anos de uso da Internet e o hábito de pagar contas via Internet

	Nunca	Raramente	Frequentemente	Diariamente	N
Menos de 5 anos	66.7%	20%	13.3%	0%	30
Entre 5 e 10 anos	37.5%	29.1%	33.3%	0%	24
Entre 10 e 15 anos	25%	37.5%	37.5%	0%	8
Há mais de 15 anos	50%	50%	0%	0%	2

Tabela 71. Género e a pesquisa de informação política online

	Nunca	Raramente	Frequentemente	Diariamente	N
Mulheres	31%	37.9%	24.1%	6.9%	29
Homens	11.4%	31.4%	54.2%	2.8%	35

Tabela 72. Género e a pesquisa de um facto político mais detalhadamente

	Nunca	Raramente	Frequentemente	Diariamente	N
Mulheres	31%	51.7%	17.2%	0%	29
Homens	5.7%	45.7%	48.5%	0%	35

Tabela 73. Habilitações e o hábito de pesquisar informação política na Internet

	Nunca	Raramente	Frequentemente	Diariamente	N
Ensino básico	75%	0%	0%	25%	4
Ensino secundário	26.9%	38.4%	30.7%	3.8%	26
Bacharelato	7.6%	38.4%	53.8%	0%	13
Licenciatura	10.5%	36.8%	47.3%	5.2%	19
Doutoramento	0%	0%	100%	0%	2

Tabela 74. Habilitações e o hábito de pesquisar um facto político com mais detalhe na Internet

	Nunca	Raramente	Frequentemente	Diariamente	N
Ensino básico	50%	25%	25%	0%	4
Ensino secundário	15.3%	65.3%	19.2%	0%	26
Bacharelato	15.3%	46.1%	38.4%	0%	13
Licenciatura	15.7%	31.5%	56.6%	0%	19
Doutoramento	0%	50%	50%	0%	2

Tabela 75. Anos de uso da Internet e o hábito de pesquisar um facto político mais detalhadamente

	Nunca	Raramente	Frequentemente	Diariamente	N
Menos de 5 anos	26.6%	63.3%	10%	0%	30
Entre 5 e 10 anos	8.3%	37.5%	54.1%	0%	24
Entre 10 e 15 anos	12.5%	25%	62.5%	0%	8
Há mais de 15 anos	0%	50%	50%	0%	2

Tabela 76. Horas de uso da Internet e o hábito de pesquisar um facto político mais detalhadamente

	Nunca	Raramente	Frequentemente	Diariamente	N
Menos de 5 horas	26.3%	52.6%	21%	0%	30
Entre 5 e 10 horas	6.6%	40%	53.3%	0%	24
Entre 10 e 15 horas	0%	50%	50%	0%	8
Entre 15 e 20 horas	0%	25%	75%	0%	2
Mais de 20 horas	0%	66.6%	33.3%	0%	2

Tabela 77. Aposentação e a pesquisa de factos políticos na Internet

		Nunca	Raramente	Frequentemente	Diariamente	N
Aposentado	Sim	24.5%	35.8%	37.7%	1.8%	53
	Não	0%	0%	54.5%	18.1%	11

Tabela 78. Género e o hábito de pesquisar informação desportiva *online*

	Nunca	Raramente	Frequentemente	Diariamente	N
Mulheres	48.2%	41.3%	10.3%	0%	29
Homens	20%	20%	40%	20%	35

Tabela 79. Aposentação e a pesquisa de informação política na Internet

		Nunca	Raramente	Frequentemente	Diariamente	N
Aposentado	Sim	37.7%	32%	26.6%	7.5%	53
	Não	9%	18.1%	45.4%	27.2%	11

Tabela 80. Anos de utilização da Internet e o hábito de jogar *online*

	Nunca	Raramente	Frequentemente	Diariamente	N
Menos de 5 anos	73.3%	23.3%	3.3%	0%	25
Entre 5 e 10 anos	62.5%	29.1%	8.3%	0%	26
Entre 10 e 15 anos	62.5%	25%	12.5%	0%	10
Há mais de 15 anos	0%	0%	50%	50%	3

Tabela 81. Anos de utilização da Internet e o hábito de pesquisar informação sobre cultura geral

	Nunca	Raramente	Frequentemente	Diariamente	N
Menos de 5 anos	33.3%	50%	43.3%	3.3%	25
Entre 5 e 10 anos	4.1%	4.2%	87.5%	4.2%	26
Entre 10 e 15 anos	0%	0%	75%	12.5%	10
Há mais de 15 anos	0%	0%	100%	0%	3

Tabela 82. Anos de utilização da Internet e o hábito de pesquisar destinos de férias ou planear viagens

	Nunca	Raramente	Frequentemente	Diariamente	N
Menos de 5 anos	33.3%	46.7%	20%	0%	25
Entre 5 e 10 anos	8.3%	37.5%	54.1%	0%	26
Entre 10 e 15 anos	12.5%	25%	62.5%	0%	10
Há mais de 15 anos	0%	0%	100%	0%	3

Tabela 83. Habilitações e o hábito de pesquisar informação sobre cultura geral

	Nunca	Raramente	Frequentemente	Diariamente	N
Ensino básico	25%	50%	25%	0%	4
Ensino secundário	3.8%	26.9%	69.2%	0%	26
Bacharelato	0%	15.3%	76.9%	7.6%	13
Licenciatura	0%	31.5%	57.8%	10.5%	19
Doutoramento	0%	0%	100%	0%	2

Tabela 84. Horas gastas por semana a navegar na Internet e o hábito de pesquisar informação sobre cultura geral

	Nunca	Raramente	Frequentemente	Diariamente	N
Menos de 5 horas	5.2%	36.8%	52.6%	5.2%	38
Entre 5 e 10 horas	0%	13.3%	86.6%	0%	15
Entre 10 e 15 horas	0%	25%	75%	0%	4
Entre 15 e 20 horas	0%	0%	75%	25%	4
Mais de 20 horas	0%	0%	100%	0%	3

Tabela 85. Género e a pesquisa de informação religiosa

	Nunca	Raramente	Frequentemente	Diariamente	N
Mulheres	34.4%	55.1%	10.3%	0%	29
Homens	25.7%	68.5%	5.7%	0%	35

Tabela 86. Género e a pesquisa de informação sobre saúde

	Nunca	Raramente	Frequentemente	Diariamente	N
Mulheres	10.3%	41.3%	48.2%	0%	29
Homens	5.7%	40%	48.5%	5.7%	35

Tabela 87. Anos de uso da Internet e o hábito de pesquisar informação sobre cultura geral

	Nunca	Raramente	Frequentemente	Diariamente	N
Menos de 5 anos	3.3%	50%	43.3%	3.3%	25
Entre 5 e 10 anos	4.1%	4.1%	87.5%	4.1%	26
Entre 10 e 15 anos	0%	12.5%	75%	12.5%	10
Há mais de 15 anos	0%	0%	100%	0%	3

Tabela 88. Género e o hábito de visitar sites com conteúdos para adultos

	Nunca	Raramente	Frequentemente	Diariamente	N
Mulheres	62%	31%	6.8%	0%	29
Homens	57.1%	37.1%	5.7%	0%	35

VI – Referências cruzadas entre dados sociodemográficos e o domínio social e simbólico (n=106)

Tabela 89. Género e a ida ao cinema, teatro, exposições de arte ou visitar museus

	Nunca	Raramente	Frequentemente	Diariamente	N
Mulheres	20.3%	55.5%	24%	0%	54
Homens	19.2%	57.6%	23%	0%	52

Tabela 90. Género e a participação em ações de voluntariado

	Nunca	Raramente	Frequentemente	Diariamente	N
Feminino	44.4%	33.3%	18.5%	3.7%	54
Masculino	40.3%	46.1%	3.8%	9.6%	52

Tabela 91. Género e o hábito ler jornais

	Nunca	Raramente	Frequentemente	Diariamente	N
Feminino	7.4%	31.4%	37%	24%	54
Masculino	0%	15.3%	40.3%	44.2%	52

Tabela 92. Género e o hábito de ler livros

	Nunca	Raramente	Frequentemente	Diariamente	N
Feminino	7.4%	35.1%	44.4%	12.9%	54
Masculino	9.6%	30.7%	42.3%	17.3%	52

Tabela 93. Habilitações e o nível de solidão

	Nunca	Raramente	Frequentemente	Diariamente	N
Ensino básico	51.7%	44.8%	3.4%	0%	29
Ensino secundário	45%	47.5%	7.5%	0%	40
Bacharelato	13.3%	60%	20%	6.6%	15
Licenciatura	15%	80%	5%	0%	20
Doutoramento	100%	0%	0%	0%	2

Tabela 94. Género e a sensação de bem-estar com a vida

	Nunca	Raramente	Frequentemente	Diariamente	N
Feminino	3.7%	9.2%	66.6%	20.3%	54
Masculino	0%	3.8%	59.6%	36.5%	52

Tabela 95. Idade e a sensação de se sentir bem consigo próprio

	Nunca	Raramente	Frequentemente	Diariamente	N
Entre 60 e 65 anos	0%	2.9%	67.6%	29.4%	34
Entre 66 e 70 anos	0%	2.7%	62.1%	35.5%	37
Entre 71 e 75 anos	0%	0%	70%	30%	20
Mais de 75 anos	0%	20%	66.6%	13.3%	15

Tabela 96. Habilitações e a sensação de se sentir bem consigo próprio

	Nunca	Raramente	Frequentemente	Diariamente	N
Ensino básico	0%	6.8%	68.9%	24.1%	29
Ensino secundário	0%	5%	60%	35%	40
Bacharelato	0%	6.6%	73.5%	20%	15
Licenciatura	0%	0%	75%	25%	20
Doutoramento	0%	0%	0%	100%	2

Tabela 97. Habilitações e a sensação de se sentirem satisfeitos com a vida

	Nunca	Raramente	Frequentemente	Diariamente	N
Ensino básico	3.4%	3.4%	68.9%	24.1%	29
Ensino secundário	2.5%	7.5%	65%	25%	40
Bacharelato	0%	13.3%	60%	26.6%	15
Licenciatura	0%	5%	55%	40%	20
Doutoramento	0%	0%	50%	50%	2

Tabela 98. Rendimento e o sentimento de solidão

	Nunca	Raramente	Frequentemente	Diariamente	N
Inferior a 500€	62.5%	25%	12.5%	0%	8
Entre 500 e 1.000€	46.8%	46.8%	6.2%	0%	32
Entre 1.000 e 2.000€	36.6%	50%	10%	3.3%	30
Mais de 2.000€	25%	69.4%	5.5%	0%	36

Tabela 99. Rendimento e sentir-se bem com a vida

	Nunca	Raramente	Frequentemente	Diariamente	N
Inferior a 500€	12.5%	12.5%	50%	25%	8
Entre 500 e 1.000€	3.1%	0%	75%	21.8%	32
Entre 1.000 e 2.000€	0%	6.6%	63.3%	30%	30
Mais de 2.000€	0%	11.1%	55.5%	33.3%	36

Tabela 100. Rendimento e o sentir-se bem consigo próprio

	Nunca	Raramente	Frequentemente	Diariamente	N
Inferior a 500€	0%	25%	50%	25%	8
Entre 500 e 1.000€	0%	3.1%	75%	21.8%	32
Entre 1.000 e 2.000€	0%	0%	66.6%	33.3%	30
Mais de 2.000€	0%	5.5%	61.1%	33.3%	36
